Exclusivo: Blondie ressuscita a new wave

SHOWBIZZ

Para quem gosta de música

R$ 5,00

Abrimos a cabeça dos **NATIVUS**, a grande sensação do reggae brasileiro

Thom Yorke: o novo **Kurt Cobain?**
Por que o líder do **RADIOHEAD** já é um mito do rock'n'roll

Soulfly X Sepultura
os números do confronto e as feridas ainda abertas

5561/1 EDIÇÃO 163 ANO 15 Nº 2 FEVEREIRO 1999

ISSN 0104-1649
9 770104 164007 00163

MARCELO D2 • NEW ORDER AO VIVO • A ONDA LOUNGE

Abril

Kibon

ALMAP/BBDO

Novo sabor
Morango.
Macio como
Fruta madura.

VEJA Online - Microsoft Internet Explorer
File Edit View Go Favorites Help
Back Forward Stop Refresh Home Search Favorites History Channels Fullscreen
Address http://www2.uol.com.br/veja/
Links Best of the Web Channel Guide Customize Links
UNIVERSO ONLINE MENU CORREIO BATE-PAPO FÓRUM SERVIÇO AO ASSINANTE MEU UNIVERSO RADAR UOL
veja
Brasil
Economia e Negócios
Artes e Espetáculos
Seções
Índice
Vamos morar no espaço...
ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO
A FÚRIA DO EL NIÑO
Universo Online - Microsoft Internet Explorer
http://www.uol.com.br/
UNIVERSO ONLINE
FOLHA DE S.PAULO
Lyca fala para MICHELLE: Sou de Ribeirão Preto-SP
Surfista: entra na sala...
N@NY: entra na sala...
Tchello/RJ flerta com gatinha manhosa: oi ...
gabú fala reservadamente com Surfista: quer teclar?
gatinha manhosa sorri para Tchello/RJ: oi!
BABE GIRL pergunta para Surfista: É do Rio?
MICHELLE: De onde teclas ???
gabú: Como vai?? Tudo ok??
De fortaleza e vc?
PLAYBOY
Conto interativo
Revista
Ranking
Como navegar
Fale com Playboy
Números atrasados
Fullscreen
Customize Links
MEU UNIVERSO
RADAR UOL
http://www2.uol.com
fac-símile das capas
+ 72Kb

"Eu Guardo Toda A Informação do Mundo no Meu Quarto"

Ângela Johansen Costa Lima,
Representante Comercial,
Assinante do UNIVERSO ONLINE

Ninguém tira a Ângela do quarto dela. Toda vez que quer se divertir, se informar, conversar com alguém ou conhecer qualquer coisa nova, ela vai para lá. E olha que o quarto da Ângela nem é tão grande assim. Mas tem tudo que ela precisa. É no quarto da Ângela que fica o computador, que está sempre conectado ao UNIVERSO ONLINE.

Bem ao lado da cama ela tem acesso a tudo que quer. De lá, navega pela maior rede de computadores do mundo e descobre sempre uma novidade. Tudo com rapidez, segurança e serviços exclusivos.

UNIVERSO ONLINE faz parte da vida da Ângela. Com ele, ela consegue ter acesso às melhores revistas e jornais do Brasil e do mundo, entre eles a Folha de S. Paulo. Pode discutir temas polêmicos e bater papo com pessoas de todos os lugares, inclusive com personalidades. Isso sem falar nos milhares de lugares diferentes que ela pode visitar e em toda informação à qual tem acesso pela Internet. Tudo com a velocidade que só o maior provedor do Brasil pode oferecer.

UNIVERSO ONLINE faz parte da Abril. E a Abril faz parte da vida de quase todo mundo, até de quem acha que quarto e rede só podem terminar em uma bela noite de sono.

Faz parte da vida de quem lê revistas - são quase 200 títulos diferentes; faz parte da vida de quem assiste TV - a TVA, a DIRECTV, a MTV, a HBO Brasil, a ESPN Brasil, entre outros, integram o Grupo Abril; faz parte da vida de quem assiste vídeos, ouve música, lê livros, navega pela Internet, consulta a lista telefônica, viaja, estuda, compra carros, tem interesse em moda, carreira, negócios, esportes e cultura.

Há quase meio século, a Abril entra na sua casa para divertir, ensinar, ajudar, entreter, informar e fazer você pensar.

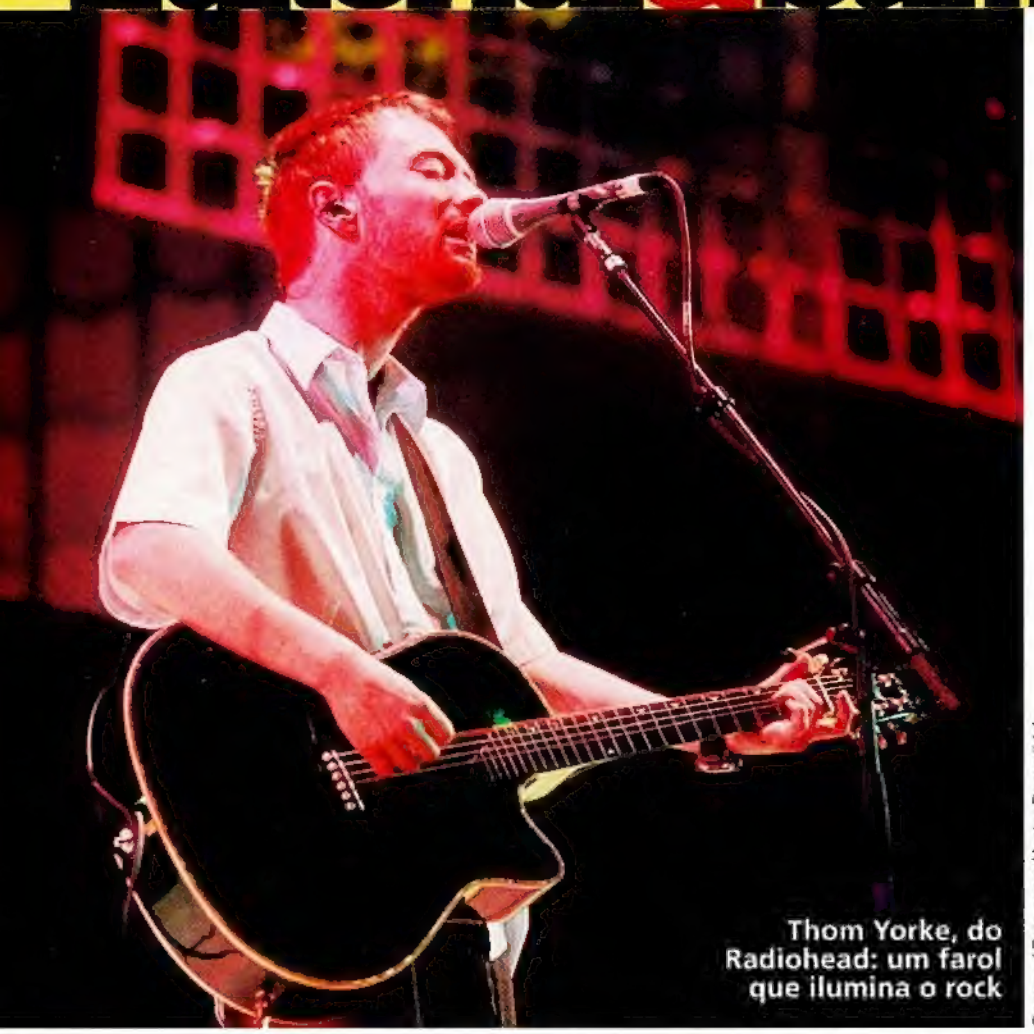
E você sabe como a Abril faz isso? Com quase 200 milhões de exemplares de revistas por ano. Com uma programação de TV que chega a 1,8 milhão de assinantes, utilizando todos os meios tecnológicos de transmissão, e até um satélite exclusivo! Com 5,4 milhões de fitas de vídeo, 13 milhões de listas telefônicas, milhões de livros, discos, coleções e CD-ROMs, que enriquecem bancas, casas e vidas.

Mais de 10 mil pessoas trabalham para você na Abril. São jornalistas, artistas, técnicos, educadores, gráficos, radialistas, que diariamente usam a imaginação, a criatividade e o talento para difundir cultura, entretenimento, informação e educação. Para defender a democracia, a livre iniciativa, a liberdade e a dignidade de todos os brasileiros.

Além de fazer parte da sua vida, a Abril quer que a sua vida seja melhor, mais interessante, mais rica, mais justa e mais divertida!

Abril
Faz Parte da Sua Vida

Editorial&Sumário



Thom Yorke, do Radiohead: um farol que ilumina o rock

Gamma / Foto capa: Hester Doovel/Idols

24 Thom Yorke, do Radiohead
Quem é o cantor da banda que é apontada como a melhor do rock atual

32 Discoteca lounge
Dez discos que ajudam a entender a nova onda easy listening

34 Nativus
O que têm na cabeça os integrantes da bem-sucedida banda de reggae de Brasília

40 Sepultura x Soulfly
Quem superou quem no primeiro ano de atividade após o racha entre os Cavalera

44 Blondie
A veterana loura Debbie Harry traz de volta os reis da new wave

48 Marcelo D2 e Adelsonílton
O líder do Hemp encontra um sambista com quem tem alguma coisa em comum

sempre em showbizz

8 CARTAS
Os fãs de Aerosmith e Reginaldo Rossi: a nostalgia dos anos 80

10 SHOWBIZZ RESPONDE
A discografia do Abba; ficha do Velvet Underground

12 INFORME BIZZ
Beastie Boys bonzinhos; Ritchie Valens, Chaos 5 anos

52 SOM INDEPENDENTE
Trip hop gaúcho; heavy metal em Pernambuco

54 MINHA COLEÇÃO
Marcelo Nova, ex-Camisa de Vênus

57 DISCOS
South Park, Deep Purple, Sugar Ray, o novo do Blur

70 AO VIVO
New Order, Chico Buarque, PJ Harvey

74 ENTRE LEITORES
Fã-clubes, trocas, vendas e correspondência

76 LETRA TRADUZIDA
"1999", de Prince

78 INSTRUMENTOS MUSICAIS
O sax de George Israel, do Kid Abelha

80 EQUIPAMENTOS DE SOM
A revolução cibernética do MP3

82 DISCOTECA BÁSICA
Them Again, um Van Morrison de garagem

Na segunda metade desta década, a morte do rock foi decretada por diversos jornalistas, artistas, picaretas e palpiteiros. Não foi a primeira vez que isso aconteceu, nem vai ser a última. Muito foi escrito, também, sobre a decadência e a falta de grandes talentos no gênero hoje em dia, um certo vazio pós-Kurt Cobain. Sim, havia – e ainda há – motivos para essa conversalhada. Existem centenas de bandas novas mostrando serviço, mas poucas são efetivamente criativas, poucas têm uma personalidade realmente singular, quase nenhuma faz um trabalho mais profundo, canções com transcendência, aquela mística, aquele algo mais.

No entanto, desde 1995, quando o Radiohead lançou seu segundo álbum, *The Bends*, já era possível detectar um grande nome com todos esses predicados. SHOWBIZZ estava devendo desde então uma grande matéria sobre o quinteto britânico. Hoje, com o talento do grupo devidamente reconhecido e o sucessor de *OK Computer* (terceiro álbum, que saiu em 1997) sendo ansiosamente aguardado por milhões de fãs, pagamos a dívida colocando na capa este personagem fascinante que é Thom Yorke.

Deciframos ainda os Nativus, grande estouro pop brasileiro deste verão, e publicamos com exclusividade uma entrevista com o reformado Blondie (uma das grandes bandas dos anos 80).

Em outra matéria de destaque, o editor Bernardo Araujo investiga as feridas da cisão entre os irmãos Cavalera e alimenta nossa esperança de estampar, daqui a um tempo, uma matéria sobre sua reconciliação.

Aquele abraço,

Pedro Só

Parada da redação

Esta edição foi fechada ao som de...

South Park - *Chef Aid*
"Oh, my God! They killed Kenny!" O cozinheiro Isaac Hayes, os personagens do desenho animado e uma turma inusitada se divertem.

Culture Club - *Greatest Moments*
Os grandes sucessos de Boy George e seus meninos, acompanhados pela gravação de um show do ano passado.

Erasmo Carlos – *E Os Tremendões*
O amigo do Rei em arranjos sofisticados, algo que hoje poderia ser chamado de easy listening casca-grossa.

Black Crowes – *By Your Side*
Garotos que amavam os Faces e os Rolling Stones, novamente em forma. Rock'n'roll como se fazia nos anos 70, agora sem gordura.

A verdadeira alma do Blues.

Por apenas R$ 8,50 + CD GRÁTIS!

Sinta na alma os acordes mais poderosos do Blues. Dos lamentos dos escravos aos palcos planetários. Histórias, lendas e mitos. E muito mais. Afinal, Blues não é estilo. É estado de espírito.

REVISTA SHOWBIZZ

Garanta a sua.
Dia 25/02 nas bancas.

Abril

Cartas

Os Paralamas cercam Roger (do Ultraje) e Arnaldo Antunes: a turma dos anos 80 emociona os leitores

Nostalgia Bizz

Caros amigos da SHOWBIZZ, durante quinze anos relutei em escrever uma carta para vocês. O tempo passou, hoje já existe o e-mail, e chega uma hora na nossa vida em que o sentimento de nostalgia bate forte no peito. Tenho certeza de que muitos leitores provavelmente pensam a mesma coisa. Nesses quinze anos acompanhei a evolução do tal rock Brasil, que já apresentou tantas facetas, bandas que nasceram, firmaram-se, estão aí ou desapareceram. Em todos esses casos, a BIZZ, desde o número 0, estava lá. Conheci bandas, aprendi a amá-las, a detestá-las, chorei quando acabaram, algumas até tragicamente.

Cresci junto com a Legião, o Ultraje A Rigor, Plebe Rude, Engenheiros, Ira!, Paralamas... e tantas outras! Não importava a qualidade, a minha geração tinha porta-vozes! Eu estava acompanhando a explosão do rock!

Espero poder mostrar a meu filho tudo isso. Fazer ele se interessar pelo nosso rock. Dizer como foi bom dançar ao som dessas bandas. Muitas revistas surgiram e desapareceram. Vocês continuaram. E continuam a me emocionar, quando penso que "Será", da Legião, hoje é flash-back: eu li a crítica na BIZZ.

Obrigado por me fazer crescer, entender e gostar da nossa música.

Osório Neto – Brasília, DF

Ivone Perez

Aerofãs felizes

Escrevo para parabenizar a matéria com o divino Aerosmith na edição de janeiro. Já era tempo de dedicar esse espaço à banda, pois *A Little South Of Sanity* foi lançado em 20 de outubro. Que bom que vocês não tocaram nenhuma vez no nome de Liv Tyler, pois algumas revistas não conseguem falar do Aerosmith sem mencioná-la, o que me irrita muito, pois certa vez li que o grupo fazia sucesso graças a Liv!

Muito obrigado também por dar um descanso a nós, fãs, e não fazer nenhuma chata e cansativa comparação com os Rolling Stones, o que muitas revistas insistem em fazer.

Anna Mattos – Florianópolis, SC

Gostaria de agradecer à SHOWBIZZ pela excelente edição de janeiro. A capa estava muito bonita (Steven Tyler e Joe Perry: não poderia ser melhor) e a entrevista com o Joe, ótima. Além disso, vocês usaram a palavra perfeita para definir o Aerosmith: indestrutível!

Luciana Soares – Fortaleza, CE

Escrevo para parabenizar o correspondente Daniel Oliveira por duas grandes entrevistas na última edição da SHOWBIZZ. A reportagem sobre o Aerosmith está excelente e as perguntas demonstram real conhecimento que o repórter tem da banda. A outra entrevista é com Paul Stanley. Não gosto da música do Kiss, nunca gostei. Isso é fato. Mas me diverti com a matéria, também pelo escracho de Stanley.

Glauce Fleury – Mogi Mirim, SP

Adorei a reportagem sobre o Aerosmith na edição de janeiro, e gostei mais ainda de vê-los na capa. Só teve um errinho: o nome da música que o Lobão regravou é "Seasons Of Wither" e não "Weather", como foi publicado.

Marianne Atab – Curitiba, PR

Escrevo para dizer que fiquei muito feliz quando vi a SHOWBIZZ de janeiro. Meu irmão entrou em casa com a revista e fui correndo ler. A entrevista com o guitarrista Joe Perry estava perfeita. Ele demonstrou ser muito direto no que diz – além disso, achei-o muito simpático.

Maria Carolina Dantas – Rio de Janeiro, RJ

Pedras no sapato

Quando abri o pacote da SHOWBIZZ de janeiro quase tive um enfarto. Como vocês tiveram coragem de colocar aquelas duas criaturas medonhas do Aerosmith na capa? Coloquem de novo as gatas.

Fernando Pacheco – São José, SC

Será que a crise econômica afetou também a vocês? É lástimável, agora só falta axé music na SHOWBIZZ, e o metal está ocupando cada vez menos espaço.

Janderson Casanova – Juiz de Fora, MG

Beijo de língua

Realmente, ao longo de sua trajetória, o Kiss recorreu a espertas estratégias de marketing. Mas esse não foi o único fator determinante do seu sucesso, pois a banda sempre se manteve fiel à filosofia original do rock, que é a de proporcionar diversão desafiadora e impactante. O Kiss nos presenteia com uma música energética e direta, sem excesso de virtuosismo, e com uma música diferente da outra, o que não acontece com o punk. É isso aí, rock'n'roll é festa, e a noite toda!

Eduardo Soares – Mogi das Cruzes, SP

Meu amigo Reginaldo

Parabéns ao jornalista José Teles pela maravilhosa reportagem na edição de janeiro sobre o grande pernambucano Reginaldo Rossi. Conheço-o desde a Jovem Guarda, mas tinha perdido o contato com a sua música, só agora o redescobri novamente. Nas regiões Norte e Nordeste, Reginaldo é rei consagrado.

Valter Gaia – Goiânia, GO

Indescartáveis

Palmas para a edição de janeiro e pelo trecho do Informe Bizz dedicado ao new romantic/tecnopop. Vinha sonhando com essa matéria há meses. Só que eu quero mais! Especialmente sobre o tecnopop, que adentrou respeitosamente os anos 90 com nomes dignos de nota: Depeche Mode, New Order, Erasure e outros. Até o A-ha foi citado! Olha, eu sempre gostei do som dos caras. Estivessem eles fazendo biquinho e poses comprometedoras, o que saía das caixas é o que importava. Ainda há coisas a vasculhar: Gary Numan, OMD, Soft Cell, Ultravox, Fad Gadget, Visage, Classix Nouveaux.

Luis Carlos Kunde – Cristal, RS

A década de 80 é tida como uma droga, tanto crítica como público gostam de avacalhar, alegando que não havia criatividade e sim pop sem substância. Mas Culture Club e Duran Duran não são assim tão descartáveis. Muitas vezes aquela década supera a anterior, pois o som setentista é complicado demais e não é tão gostoso de ouvir. Numa rádio daqui tem um programa sugestivamente chamado *Boys Don't Cry*, com a chamada "Do tempo em que você era feliz e não sabia."

Thaís Duarte – Porto Alegre, RS

Mais anos 80

Comprei a revista de dezembro de 98, em que vocês colocaram na capa uma matéria sobre o rock brasileiro dos anos 80. Parabéns pela lembrança. Pela primeira vez nesta década não me senti sozinho na batalha por informações sobre bandas dessa geração e os registros em CD dos álbuns que eles lançaram.

Existe ainda muita coisa boa que nunca foi registrada em CD: grupos como Zero (que eu adoro), Finis Africae, Muzak, 365, Gueto, Akira S., Nau, Cabine C e Cólera.

Mauro Vitiello – via e-mail

A edição de dezembro, com a reportagem de capa sobre os (heróicos) anos 80, é um marco na história da música pop brasileira. Leitura obrigatória para quem se ligou em música agora. Tenho uns comentários a fazer: enquanto os Titãs de hoje parecem navegar em águas poluídas (Molejo, Katinguelê), o Capital Inicial, para minha surpresa, não se filiou a esses modismos e voltou à ativa com um bom disco.

Paulo Henrique Nunes – Itaquaquecetuba, SP

Quando vi a SHOWBIZZ de dezembro do ano passado na banca, senti uma felicidade inexplicável. Tenho só 15 anos, mas senti o tempo voltar uma década. Olhei aquelas fotos e na hora em que vi Cazuza, meu coração se desmanchou em satisfação. Foi emocionante passar por Ultraje, Blitz, Barão, Ritchie, RPM e tantos outros que fizeram parte da história do rock-Brasil. Isso prova que tudo que é bom não envelhece e não é preciso ter vivido nos anos 80 para saber que ela será eterna. Com licença, vou pegar um lenço...

Marco Antônio Silva – Teresina, PI

Os anos 80 foram marcantes. Época do meu primeiro beijo, da descoberta do amor, do sexo e da paixão pela música. Época em que as músicas do Camisa de Vênus, Plebe Rude e Ultraje eram executadas com freqüência nas FMs. Lembro que na quinta série ouvia as casas de comércio da cidade fazerem propaganda em carros de som, que tocavam "Bichos Escrotos" quando esta tinha sua execução pública e radiodifusão proibidas. Sem falar do fenômeno RPM, que embalava as festas e gincanas da escola.

Rangel Graz – Palmares, PE

COMO CONTATAR SHOWBIZZ

REDAÇÃO
Cartas e e-mails devem trazer nome completo e endereço do leitor.

Seção CARTAS
Comentários sobre o conteúdo editorial de SHOWBIZZ

SHOWBIZZ RESPONDE
Perguntas, dúvidas, discografias...

ENTRE LEITORES
Fãs-clubes, trocas, vendas e correspondência

E-mail: showbizz.atleitor@email.abril.com.br
Correio: Caixa Postal 66157 - CEP 05315-970 São Paulo, SP
Fax: (011) 3037-4909

ASSINATURAS
Pedidos ou reclamações, mudança de endereço

E-mail: abrilsac@email.abril.com.br
Tel.: (011) 3990-2112 *(Grande São Paulo)*
0800-55-2112 *(Outras Cidades)*
Fax: (011) 3990-2100
(de segunda a sexta-feira, das 8 às 20 horas)

NÚMEROS ATRASADOS
Seis últimas edições de SHOWBIZZ

E-mail: dinap.na@email.abril.com.br
Tel.: (011) 810-4800 / **Fax:** (011) 868-2400

PUBLICIDADE
Tel.: (011) 3037-6860 **Fax:**(011) 3037-4909

EDITORA Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 -1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente e Executivo: Luiz Gabriel Rico
Vice-Presidente de Operações: Gilberto Fischel

Diretor de Desenvolvimento Editorial: Celso Nucci Filho
Diretor de Planejamento e Controle: Celso Tomanik
Diretor de Recursos Humanos: Marcel Caig
Secretário Editorial: Eugênio Bucci
Diretor de Serviços Editoriais: Henri Kobata
Diretor Editorial Adjunto: Matinas Suzuki Jr.
Diretor de Publicidade: Nicolino Spina

SHOWBIZZ

Diretor de Redação: Felipe Zobaran
Redator Chefe: Pedro Só
Editor: Bernardo Araujo
Repórter: Letícia Calmon
Editor de Arte: Rodolpho Vasconcellos
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Ana Paula Freire
Colaboraram nesta edição: **(Texto)** Alexandre Matias, Ayrton Mugnaini Jr., Carlos Eduardo Oliveira, Carlos Marcelo, Celso Masson, Celso Pucci, Daniel Benevides, Daniel Oliveira, Danilo Monteiro, Fábio Rodrigues, Giovana Hallack, Hagamenon Brito, Jaime Biaggio, Marcelo Ferla, Pedro Alexandre Sanches, Pedro Serra, Ricardo Alexandre, Sérgio Barbo, Zeca Camargo **(Arte)** Graziella Iacocca **(Fotos)** Alessadra Levtchenko, Bruno Veiga, Daniela Dacorso, Fernando Lemos, Ivone Peres, Jorge Rosenberg, Marcelo Ximenez, Robin Gibson, Rui Mendes, **(Ilustração)** Cobiaco, Milton Trajano, **(Revisão)** Jorge Cotrin

Apoio Editorial
Depto. de Documentação: Susana Camargo
Abril Press: José Carlos Augusto
Nova York: Grace de Souza
Paris: Pedro de Souza

Publicidade
Executivos de Contas: Márcia Regina Braga

Marketing
Gerente de Produto e Promoção: André Felipe D'Amato

Assinaturas
Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor: Lídia Colavitti
Diretor de Vendas: William Pereira

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Escritórios Regionais: Jacques Ricardo
Diretor Escritório Rio de Janeiro: Paulo Renato Simões

Abril

Presidência: Roberto Civita, *Presidente e Editor*, José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

Vice-Presidentes: Geraldo Nogueira de Aguiar, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

Escreva para SHOWBIZZ RESPONDE:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
e-mail: showbizz.atleitor@email.abril.com.br

Discografias, fichas biográficas, dúvidas...

Warner Bros.

Benny, Agnetha, Frida e Björn: os suecos do Abba foram o maior sucesso dos anos 70

Duran na queda

Queria saber toda a discografia do grupo inglês Duran Duran.

Cristiano Santana – Vila Velha, ES

Duran Duran (1981); *Rio* (1982); *Seven And The Ragged Tiger* (1983); *Arena* (1984); *Notorious* (1986); *Big Thing* (1988); *Decade* (1989, coletânea); *Liberty* (1990); *Duran Duran (The Wedding Album)* (1993); *Thank You* (1995); *Medazzaland* (1998); *Greatest* (coletânea, 1998). Andy Taylor, guitarrista e tecladista da banda, também lançou dois discos solo: *Thunder* (1987) e *Dangerous* (1990). Com a banda The Power Station, ao lado do baixista John Taylor, fez *The Power Station* (1985). No mesmo ano, os outros integrantes, o tecladista Nick Rhodes, o baterista Roger Taylor e o vocalista Simon Le Bon, que já haviam formado o Arcadia, lançaram o álbum *So Red The Rose*.

Caetano completo

Qual a discografia de Caetano Veloso?

José Maria Ribeiro Júnior – Rosário, MA

Nos casos em que o cantor e compositor lançou álbuns que levavam seu próprio nome, destacamos duas músicas que ficaram mais conhecidas em cada um: *Domingo* (1967); *Caetano Veloso* (1968, com "Tropicália" e "Alegria Alegria"); *Tropicália Ou Panis Et Circensis* (1968); *Caetano Veloso* (1969, com "Atrás Do Trio Elétrico" e "Não Identificado"); *Caetano Veloso* (1971, gravado na Inglaterra, com "London London"); *Araçá Azul* (1972); *Transa* (1972); *Barra 69 – Caetano E Gil* (1972); *Caetano E Chico Juntos E Ao Vivo* (1972); *Temporada De Verão Ao Vivo Na Bahia – Caetano, Gal, Gil* (1974); *Qualquer Coisa* (1975); *Jóia* (1975); *Doces Bárbaros – Caetano, Gal, Gil, Maria Bethânia* (1976); *Muitos Carnavais* (1977); *Bicho* (1977); *Muito* (1978); *Cinema Transcendental* (1979); *Brasil – João Gilberto, Caetano, Gil* (1981); *Outras Palavras* (1981); *Cores, Nomes* (1982); *Uns* (1983); *Velô* (1984); *Caetano Veloso* (com "Cinema Transcendental" e "Trilhos Urbanos", 1986); *Totalmente Demais* (1986); *Caetano* (com "O Ciúme" e "Fera Ferida", 1987); *Melhores Momentos De Chico E Caetano* (1986); *Estrangeiro* (1990); *Circuladô* (1991); *Circuladô Ao Vivo* (1992); *Fina Estampa* (1994); *Fina Estampa Ao Vivo* (1995); *Livro* (1997), *Prenda Minha* (1998).

Os reis das pistas

Queria a discografia do Abba.

Manoel dos Santos – Santo Anastácio, SP

Waterloo (1974); *Abba* (1975); *Greatest Hits, Vol. 1* (1976); *Arrival* (1976); *The Album* (1977); *Voulez-Vous* (1979); *Greatest Hits, Vol. 2* (1979); *Super Trouper* (1980); *The Visitors* (1981); *Abba, The Singles, The First Ten Years* (1982); *I Love Abba* (1984); *Abba Live*

(1986); *Thank You For The Music* (1995); *Abba Gold* (1996); *More Abba Gold* (1996). A vocalista Frida Andersson lançou *Something's Going On* (1982) e *Shine* (1984). Agnetha Fältskog, outra vocalista do Abba, lançou *Wrap Your Arms Around Me* (1983); *Eyes Of A Woman* (1985) e *I Stand Alone* (1987).

Sangue latino

Quando ouvi o primeiro disco do Secos & Molhados, fiquei embasbacado. Sensacional é pouco para esse trabalho fenomenal, que trazia o rock trabalhado dos anos 70 e elementos da MPB. Qual foi o impacto desse disco no rock nacional?

Rafael Mendes – Taquatinga, DF

Este álbum foi lançado em 1973, e teve um enorme sucesso comercial: 800 mil cópias vendidas em um ano. Foi Discoteca Básica em BIZZ 112. Músicas como "O Vira", "Rosa De Hiroshima", "Sangue Latino", "El Rey" e "Assim Assado" são regravadas constantemente por artistas brasileiros de vários gêneros. O Capital Inicial, por exemplo, incluiu "Assim Assado" em *Atrás Dos Olhos*, de 1998.

Legião de sucessos

Gostaria de saber a vendagem dos discos da Legião Urbana.

Emerson Andrade – Sta. Cruz do Rio Pardo, SP

Segundo a gravadora EMI, estes foram os números até janeiro deste ano: *Legião Urbana*, o primeiro: 695 mil cópias; *Dois*: 1,4 milhão; *Que País É Este?*: 988 mil; *As Quatro Estações*: 1,55 milhão; *V*: 654 mil; *O Descobrimento Do Brasil*: 612 mil; *Música Para Acampamentos*: 475 mil; *A Tempestade*: 820 mil; *Uma Outra Estação*: 355 mil; *Mais Do Mesmo*: 646 mil.

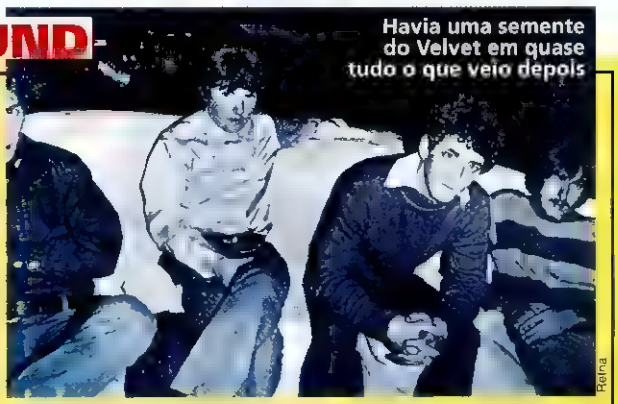
Escritos de Jim

Existe alguma biografia de Jim Morrison em português? Os livros que Jim escreveu foram traduzidos?

Sheila Slobodzian – Curitiba, PR

A biografia *Daqui Ninguém Sai Vivo (No One Here Gets Out Alive)*, escrita por Jerry Hopkins, foi traduzida e publicada pela editora portuguesa Assírio & Alvim, sendo possível encontrá-la em boas livrarias no Brasil. Também há *Jim Morrison Por Ele Mesmo*, que, apesar do nome, é de autoria de Alberto Marsicano, pela editora Martin Claret. Esta última é encontrada facilmente até em bancas de jornal maiores. Há quatro livros com escritos de Jim traduzidos para o português: *Abismos*, *Os Mestres E As Criaturas Novas* e *Uma Oração Americana*, que saíram pela editora Paisagem, e *Últimos Escritos*, pela Assírio & Alvim.

Ficha: VELVET UNDERGROUND


Havia uma semente do Velvet em quase tudo o que veio depois

Reina

A pedido da leitora **Viviane Menezes**, de Recife (PE)

Importância

Mesmo tendo vendido poucas cópias de seus discos enquanto esteve ativo, no final dos anos 60, o Velvet Underground é um dos grupos mais influentes do rock e do pop, combinando canções melancólicas e outras de instrumental caótico. O quinteto deixou sua marca dos anos 70 aos 90: foi referência para David Bowie, R.E.M., Jesus And Mary Chain, Sonic Youth e uma infinidade de outras bandas e artistas, principalmente americanos.

Biografia

• O Velvet nasceu basicamente do encontro de John Cale, violista clássico e ligado à música erudita de vanguarda, e Lou Reed, compositor que, em suas canções, fazia a crônica do submundo nova-iorquino. A modelo e atriz alemã Nico participou apenas do clássico primeiro álbum, que teve a capa (com a casca de uma banana sobre um fundo branco) elaborada pelo artista plástico Andy Warhol, eminência da *pop art*.

• O grupo, fundado em 1965, tocava em pequenos cafés de Nova York, com Moe Tucker na bateria e Sterling Morrison na guitarra, quando foi "adotado" por Warhol – que os convidou a tomar parte no show multimídia itinerante que organizava, o Exploding Plastic Inevitable.

• O Velvet segue mais virulento com *White Light/White Heat*, contendo já sementes da estética punk. Cale, que era responsável pelos teclados, pela viola (clássica) eletrificada e pelo baixo, deixa a banda, por conflitos com Reed. Com uma verve mais experimental, Cale queixa-se de que Reed estava sempre querendo fazer canções bonitinhas.

• O terceiro álbum, com o novo baixista Doug Yule, mostra uma retração na ferocidade da banda, dando à luz músicas como "Pale Blue Eyes" e "Candy Says". Reed deixa o Velvet logo após as gravações de *Loaded*, que traz "Sweet Jane", seguindo carreira solo.

• Em 1993, uma turnê une a formação original, porém por pouco tempo, por causa dos persistentes conflitos entre Reed e Cale.

Discografia

Velvet Underground: The Velvet Underground And Nico (1967); *White Light/White Heat* (1968); *The Velvet Underground* (1969); *Loaded* (1970); *Squeeze* (1972); *Live At Max's Kansas City* (1972); *1969 Live* (1974); *V. U.* (1985); *Another View* (1986); *Best Of The Velvet Underground* (1989); *Live MCMXCIII* (1993); *Peel Slowly And See* (1995).

Infor

Direto para o céu

Buddy Holly

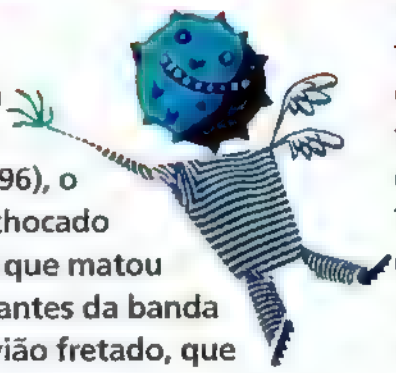
Há quarenta anos, às 2 da madrugada de 3 de fevereiro de 1959, um aviãozinho particular decolava do aeroporto de Mason City, no Estado americano de Iowa, sob intensa nevasca. Nunca chegaria ao seu destino – a cidade de Moorhead, no Minnesota –, pois se espatifou poucos minutos depois de levantar vôo, matando seus quatro ocupantes: o piloto, os cantores Buddy Holly e Ritchie Valens e o DJ Big Bopper. A tragédia interrompeu a carreira de Ritchie (nascido Ricardo Valenzuela e então com 17 anos, recém-estourado com "La Bamba" e "Donna") e a curtíssima e genial trajetória de Buddy. Haviam se passado apenas três anos de sua primeira gravação profissional, com o produtor e parceiro Norman Petty. Buddy tinha 22 anos. Nesse curto período, criou canções de primeira linha ("Not Fade Away", "Maybe Baby", "That'll Be The Day", "Oh Boy!", "Peggy Sue" etc.) que influenciaram os Beatles (todo ano, Paul McCartney promove homenagens a Holly) e os Rolling Stones. Bob Dylan, Bruce Springsteen e Elvis Costello foram mais alguns que beberam nas criações de Buddy. Em 1980, a viúva de Holly, Maria Elena, revelou que ele não queria realizar a turnê, mas precisava do dinheiro. Tomou o avião por estar cansado de viajar de ônibus. Na época, ele e Elena tinham seis meses de casados e ela estava grávida. O choque pela morte do marido provocou nela um aborto natural. Veja abaixo outros ídolos pop que voaram direto para o céu.

Stevie Ray Vaughan

Na noite de 27 de agosto de 1990, a fera do blues embarcou em um helicóptero para deixar um teatro onde acabara de participar de um show ao lado de Eric Clapton, Buddy Guy, Robert Cray e outros. A aeronave mal decolou, começou a perder altura e caiu, matando o músico texano.

Otis Redding

Depois do sucesso no festival de Monterrey, tinha gravado, no final de 1967, o que viria a ser seu maior sucesso: "(Sittin' On) The Dock Of The Bay". Dias depois, o avião em que viajava caiu no lago Wisconsin (EUA). Morriam um dos gigantes do soul e quatro integrantes da sua banda, The Bar-Kays.



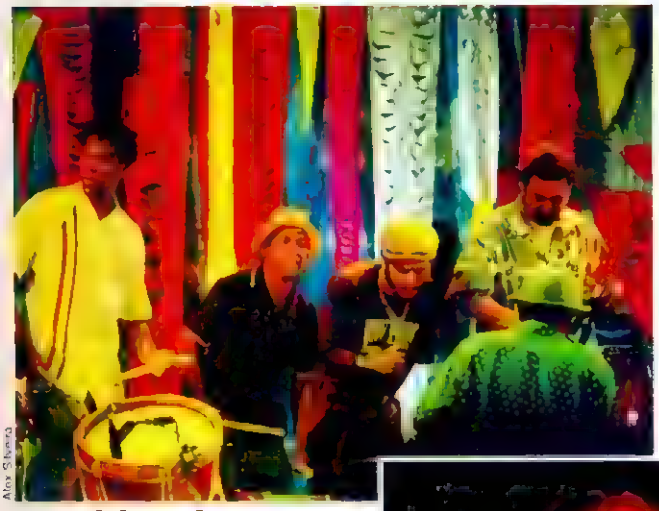
Mamonas Assassinas

Em uma manhã de domingo (1º de março de 1996), o Brasil acordou chocado com o acidente que matou todos os integrantes da banda e o piloto do avião fretado, que tentava aterrissar no aeroporto de Guarulhos, terra natal dos Mamonas.

Lynyrd Skynyrd

Em 20 de outubro de 1977, o avião fretado que levava o legendário grupo de country-rock caiu por falta de combustível perto de Gillsburg, Mississippi. Três integrantes da banda (o cantor Ronnie Van Zandt, o guitarrista Steve Gaines e sua irmã, Cassie, *backing vocal)* e um *roadie* morreram.

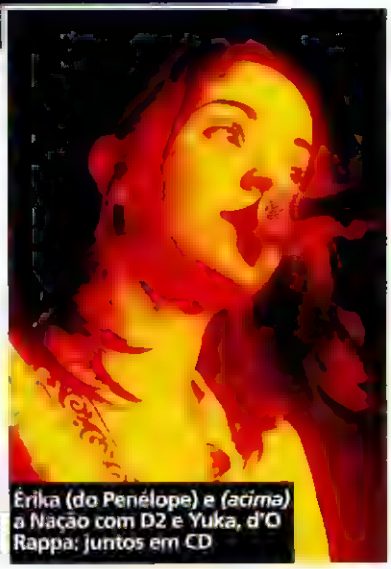
e Bizz



Alex Silveira

Zumbis ativos

"Foi gratificante. Em todos os shows, a gente também homenageia o Chico", diz o percussionista e cantor Jorge Du Peixe. A **Nação Zumbi** tem vinte músicas prontas para um disco que gostaria de lançar em 1999. "Nos reunimos todo dia em um casarão na beira do Rio Capibaribe, onde improvisamos um estúdio e estamos elaborando material novo."



Gustavo Caldas

Érika (do Penélope) e *(acima)* a Nação com D2 e Yuka, d'O Rappa: juntos em CD

Para lembrar Chico

Transformada em CD e em especial exibido pela MTV, a festa dos cinco anos do **selo Chaos** vale por uma homenagem a Chico Science, morto há dois anos, em 2 de fevereiro de 1997. Gravado em outubro passado, o disco traz vários contratados desta subdivisão da Sony Music tocando músicas da Nação Zumbi. Ronaldo Viana, diretor artístico do Chaos, diz que a intenção não era fazer um tributo: "Foi uma coincidência". A idéia era que os artistas tocassem músicas uns dos outros, e acabaram saindo várias covers do grupo pernambucano *(veja comentários abaixo)*. Chico e seu grupo venderam quase 300 mil discos, mas "os números não representam sua importância", como argumenta Vianna.

O CD *5 Anos de Chaos* também traz Skank ("Tanto", "Você Fica Bem Melhor Assim", com Lô Borges), Planet Hemp ("Mantenha O Respeito", "Dig Dig Dig") e destaca a estréia em disco da banda baiana Penélope Charmosa. Em sua versão de "Tão Seu", do Skank, ela mostra que é uma grande esperança pop para 1999.

Covers do mangue

"Manguetown" – Jota Quest
"É uma música crua, que fala de outro Brasil", define o baixista PJ.

"A Cidade" – Gabriel O Pensador
"Tem a ver com meu trabalho, nas rimas, nas tiradas", explica o rapper.

"Rios, Pontes E Overdrives" – Mestre Ambrósio
"É a música que melhor sintetiza as intenções do movimento mangue", aponta Éder Rocha, percussionista.

Prêmio mico

O Grammy costuma ser definido como "a mais prestigiada premiação da música mundial". Pode até ser. Mas, sempre conservador, privilegiando o critério mais importante para a indústria – money –, o primo-irmão do Oscar costuma dar históricas bolas fora. Confira...

• Jethro Tull e Metallica competiram na categoria hard rock/heavy metal, em 1989. Os veteranos ingleses faturaram. Quando o Metallica venceu, no ano seguinte, a banda agradeceu ao Jethro "por não ter lançado nada".

• Em 1991, o prêmio de revelação foi para o Milli Vanilli, aqueles rapazes que não cantavam, apenas dublavam.

• Em 1959, Chuck Berry, Little Richard e Elvis Presley foram ignorados em favor do italiano Domenico Modugno e seu "Nel Blú Di Pinto Di Blú", ou "Volare".

• Jimi Hendrix, The Who, Talking Heads e Bob Marley jamais ganharam um Grammy. John Lennon só levou o seu prêmio em 1982, um ano após morrer assassinado em Nova York.

• Entre os premiados na categoria rock nos anos 60 estão Bent Fabric, Nino Tempo e April Stevens, Petula Clark e o Norm Vaudeville Band.

• Michael Bolton, Whitney Houston, Celine Dion e Julio Iglesias já ganharam.

• A cada ano aparecem categorias. Já existem prêmios para o melhor disco de pop latino tropical, o melhor disco de polca e o melhor disco de música de fundo instrumental composta para um filme de cinema ou TV.

Os Beastie Boys em 1987: bestiais

Manchas no passado

Em 1987, lançando seu primeiro LP, *Licensed To Ill*, os então adolescentes Ad-Rock, Mike D e MCA destilavam preconceitos e misoginia. Afinal, eles eram os **Beastie Boys**, "garotos monstrinhos", queriam horrorizar e chocar. Hoje, politicamente correto, o trio mobiliza universitários americanos para salvar o Tibete. A isso chamam amadurecimento. Ou envelhecimento.

Monstrinhos (1987)

Bonzinhos (1999)

Emi

Mulheres

"Não estamos aí pra nada. Não colocamos 'estupro' numa música por mero acaso", dizia Mike D, atual Diamond. "Garotas pra lavar pratos/ Garotas pra arrumar meu quarto...", letra de "Girls".

"Pedimos ao Prodigy para não tocar 'Smack My Bitch Up' no festival de Reading porque consideramos a letra ofensiva às mulheres. Não custava mudar uns versos", chora Adam Horovitz, ex-Ad-Rock.

Estilo de vida

"AC/DC não tem nada a ver com a gente. Nenhum deles bebe! Eles acabam o show e vão direto para a cama. Eles não comem ninguém, não fazem p*** nenhuma", reclamava MCA.

Yauch: "Ponho Beatles para minha filha ouvir. Papai fazia isso comigo". Horovitz: "Amo CDs de musicais da Broadway dos anos 70". Diamond: "Tenho escutado muita música espiritual indiana".

Preconceito

"Morei a vida toda numa área gay, odeio bichas", dizia Ad-Rock. "Tô com grana e birita/ Gêmeas na minha cama/ O pai delas tava com Aids/ Então lhe meti um tiro na cabeça", letra de "The New Style".

"Quando eu era mais jovem, achava que qualquer coisa que dissesse seria engraçada. Depois me toquei que isso pode afetar as pessoas", desculpa-se o companheiro Adam Yauch, ex-MCA.

Marcelo de Breyne

Love story

Ex-músico de legendário grupo americano está no Brasil

Snoopy hoje e em 1965, com o Love

Marce o X menez

Pouco popular, na época (1965/68), o Love é um nome influente até hoje. Artistas de estilos diversos como Alice Cooper, Ramones, UFO e Teenage Fanclub regravaram o repertório deste grupo californiano. Seu terceiro disco, *Forever Changes*, está entre os melhores álbuns pop de todos os tempos. O Oasis posou recentemente ao lado de Arthur Lee, ex-líder do Love, hoje preso por ameaçar vizinhos com armas. Em 1995, quando o Led Zeppelin entrou para o Hall da Fama do Rock, Robert Plant declarou que devia muito daquilo ao Love.

Os Doors também podem agradecer sua carreira à banda, já que foi Arthur Lee quem sugeriu à gravadora Elektra a contratação do grupo de Jim Morrison. "Eles adoravam o Love", lembra **Alban "Snoopy" Pfisterer**, ex-baterista e tecladista do Love, que atualmente passa temporada no Brasil, hospedado na casa do legendário Lanny Gordin *(guitar hero* da MPB) em São Paulo. "Eu não esperava que os Doors fizessem sucesso. Eles abriam para nós e eram ruins ao vivo", revela Snoopy, que quer ir à Bahia para "trocar experiências com músicos brasileiros".

Ele tocou em dois discos clássicos: foi baterista em algumas faixas do primeiro álbum do Love (intitulado simplesmente *Love*) – "Eu era iniciante no instrumento, só fui convidado porque o titular vivia chapado" – e tocou órgão e cravo no segundo, *Da Capo*. Após "uma bad trip", deixou a formação. "Não havia amor e nem dinheiro, o nome Love era bem irônico, aliás." O guitarrista Bryan Maclean, autor de algumas das peças mais líricas do Love – "Orange Skies" e "Alone Again Or" – sofreu um ataque cardíaco fatal no Natal passado. Tinha 52 anos e havia gravado um disco em 1997.

Sergio Barbo

Pés artísticos

Jewel: descalça e besuntada

Ela recebeu 2 milhões de dólares por seu primeiro livro de poemas, desmentiu um caso com Sean Penn e está estreando como atriz no novo filme de Ang Lee, *Ride With The Devil*, em que exibe os seios numa cena de amamentação. Mas é nos closes do encarte de seu segundo álbum, *Spirit*, que Jewel incendeia imaginações. Repare nos pezinhos besuntados de óleo *(à dir.)*. "São fotos artísticas, de bom gosto", garante a cantora, que jura não ter recebido cartas de fetichistas.

Fotos reprodução

frases

"Se eu tenho 8 milhões de fãs que gostam do meu disco, posso atirar em trinta críticos que me detonam sem pensar duas vezes."
***RobThomas**, cantor do grupo Matchbox 20, põe a mão na consciência, em entrevista à revista americana* Rolling Stone

"A maioria das pessoas que conheci na primeira vez que fui à Inglaterra eram fantásticas, apesar de arrogantes e sexualmente reprimidas, é claro."
***Butch Vig**, produtor e baterista do Garbage, no jornal inglês* Melody Maker

"O rock deu licença a muitos idiotas para não se esforçar como um verdadeiro artesão da composição."
***Elvis Costello**, cantor, na revista americana* Musician

Chef, do ácido cartoon *South Park*

"Kate Winslet precisa de um homem de verdade, não daquele Leozinho."
***Isaac Hayes**, cantor, incorporando o **Chef** (personagem que dubla no desenho animado* South Park*) e afundando* Titanic*, em entrevista à revista inglesa* Sky

"Nunca brigamos. Não somos como os ingleses, que se embebedam e começam a se socar. Sabemos que, no dia em que fizéssemos isso, um mataria o outro ou tudo estaria acabado. Mas jogamos muitos móveis um no outro..."
***Joe Perry**, guitarrista do Aerosmith, sobre os tempos de drogas que não voltam mais, na revista inglesa* Kerrang!

"Uma vez estávamos descendo o Rio Amazonas, no Brasil, e alguém tinha um CD com os maiores sucessos do Wham! Então o pusemos para tocar e fizemos uma festinha a bordo."
***Victoria Adams**, a Posh Spice, das Spice Girls, na revista inglesa* Sky

Chama acesa

Se você for a Miami, visite os Universal Studios e não deixe de conferir o recém-inaugurado espaço **Bob Marley** – *A Tribute To Freedom*. Construído à imagem e semelhança da mansão onde o cantor morou em Kingston (hoje transformada em museu), na Jamaica, ele serve pratos jamaicanos e shows de reggae.

A biografia do cantor, *Catch A Fire* (cujo lançamento no Brasil – com o título *Queimando Tudo* – foi adiado para março), já está pronta para ser filmada. Quem a deixou assim foi o roteirista Ron Shelton (de *Homens Brancos Não Sabem Enterrar*). Timothy White, autor de *Catch A Fire* e editor-chefe da revista americana *Billboard*, diz que *The Bob Marley Story* (nome escolhido para o filme) "não é uma simples adaptação do livro".

Reprodução

O filme sobre Marley já começou: a Marleylândia está pronta

Ele aprovou o roteiro e adiantou que o longa-metragem vai mostrar novos aspectos da vida do rasta. Um deles é a rejeição na infância. Quando Bob tinha 5 anos, sua mãe o enfiou, a pedido do pai, num ônibus de St. Ann (interior da Jamaica) para Kingston (a capital). O pai (branco) dizia que, com sua família, o menino teria melhor educação. Mas seus parentes o deixavam pelas ruas, feito um pivete. Mesmo sem receber notícias de Bob, a mãe só o "resgatou" depois de um encontro casual com um amigo da família.

A mágoa do cantor pelos dezoito meses de abandono aparece numa cena do filme – da época em que ele morava nos EUA e trabalhava como operário. Depois que Bob perde o emprego, ela o interpela sobre seu futuro e ele responde: "Eu cuido de mim mesmo, mãe. Não sou aquele garotinho que você largou num ônibus".

Bálsamos oitentistas

Boy George em visual rainha má: "Existe alguém mais belo do que eu?"

Foram sucessos retumbantes as passagens do Culture Club (com abertura do Human League e do ABC) e do Duran Duran por Londres, em janeiro. O grupo de Simon Le Bon lotou o estádio de Wembley e entusiasmou o público – apesar do som ruim e, segundo a crítica, dos desacertos entre os músicos (músicos? Quem disse que eles querem ser isso? O tecladista Nick Rhodes, por exemplo, entrou nessa para poder usar maquiagem e usar roupinhas). Do Culture Club no London Arena, nem os habitualmente perversos jornalistas do *Melody Maker* puderam reclamar. Com um *set list* perfeito – não, eles não tocam "War (Is Stupid)" –, a banda deve ter deixado todos os presentes de ótimo humor. Tanto que o texto do *Maker* chegou a elogiar a forma da vocalista Susan Sulley, do Human League, que usava um shortinho dourado "desumanamente apertado". *(Leia a crítica da coletânea* Greatest Moments, *do Culture Club, na página 64).*

Simon Le Bon: o Duran Duran lotou Wembley

Estúpidos e famosos

Wyclef Jean (à esq.) e Marilyn Manson ameaçam matar jornalistas

Sony

Universal

Ser jornalista em revistas de música pop está virando profissão arriscada nos EUA. Em sua sede de promoção, artistas de hip hop (gênero em que vários vivem no limite entre a carreira artística e a marginalidade) e provocadores como Marilyn Manson andam passando dos limites

Julho – **Wyclef Jean** puxou um revólver para o editor da revista americana *Blaze* (dedicada ao hip hop), Jesse Washington, depois de ler uma crítica negativa do disco de Can-I-Bus, que Wyclef produziu.

Outubro – A cantora **Foxy Brown** agrediu e ameaçou o editor-chefe da revista americana *Vibe* num restaurante em Nova York.

Novembro – O produtor de rap **Deric "D-Dot" Angelettie** (do Puff Daddy) juntou uma turma e invadiu a redação da *Blaze* para chutar a cara de Jesse Washington (o mesmo pobre sujeito que havia sido ameaçado por Wyclef Jean) e bater nele com uma cadeira.

Dezembro – **Marilyn Manson** convidou o editor-executivo da *Spin* para uma recepção no camarim, após um show em Nova York. Recebeu-o raivosamente, aos gritos de "Eu posso te matar! Eu posso matar sua família!" Em seguida, seus guarda-costas agrediram o jornalista. Tudo porque Marilyn não tinha aparecido sozinho na capa da revista, como esperava.

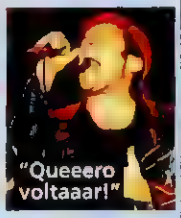
Musa hip hop

Enteada de Branco Mello, dos Titãs, amiga de Marcelo D2 e de Falcão, vocalista do Rappa, a carioca Diana Bouth, 18 anos, foi eleita pelo *Jornal do Brasil* a Musa do Verão (título que projetou Susana Werner e Carolina Sá, da MTV). "Já tive uma banda de hip hop com mais três meninas. Paramos porque cada uma tinha que resolver sua vida. Eu, por exemplo, precisava terminar o colégio. Mas tô doida para voltar a cantar", avisa. Diana é sincera ao falar sobre os Titãs. "Não colocaria para ouvir entre amigos – prefiro Lauryn Hill, RZO, Redman *(rapper americano)*, Planet. Mas não tem um show deles em que eu não fique emocionadíssima!"

André Schiro

notas

Reconciliação?



"Queeero voltaaar!"

Jorge Rossenberg

Depois de cinco anos e quatro discos solo, o cantor Bruce Dickinson já admite retornar ao Iron Maiden. "Não faria mal a ninguém se a gente se reunisse só para se divertir", andou dizendo. "Eles estão liberados para bater à minha porta", completou. Sites na Internet e fontes extra-oficiais conjeturam um reencontro já em março.

Tecladista boneco

Após dois anos e meio de férias, o Bon Jovi finalmente se reuniu e gravou uma canção nova, "Real Life", para a trilha da comédia *EdTV*. Também foi aprontado um clipe, que mostra Jon Bon Jovi, Ritchie Sambora e Tico Torres andando pelas ruas de Nova York. O tecladista David Bryan, que se recuperava de um ferimento na mão, foi representado por um boneco de papelão. O trabalho no próximo disco da banda deve começar em abril, com o lançamento previsto para o final do ano.

Coelhinhos na Páscoa

O Echo volta em abril

I.Fi

O Echo And The Bunnymen retorna com *What Are You Going To Do With Your Life?*, previsto para aparecer na Europa dia 6 de abril. "Baby Rain" e "Lost On You" são duas das canções do CD, que contém gravações com os Fun Lovin' Criminals. Uma turnê de quinze datas pelo Reino Unido começa dia 11 de abril.

Batom metaleiro

A renomada grife de lingerie Victoria's Secret está sendo processada pelo Metallica. Há seis meses a rede vende uma marca de batom chamada... Metallica. A Justiça da Califórnia (EUA) determinou que o produto fosse retirado das prateleiras, mas a Victoria's não obedeceu.

Um livro que toca

O romance ***Alta Fidelidade***, do inglês Nick Hornby, saiu no Reino Unido em 1995 e cativou meio milhão de leitores, vendagem típica de discos de rock. Tudo a ver. A prosa de Hornby, ex-jornalista, 42 anos, reconstitui com sensibilidade e humor as desventuras amorosas de Rob Fleming, um sujeito obcecado por música pop. Lançado no Brasil em dezembro (Rocco, 27 reais, tradução de Paulo Reis), o livro segue encantando fãs dos bons sons dos anos 60 e 70. Este ano, deve virar filme, dirigido por Stephen Frears (*Herói Por Acidente, Ligações Perigosas*) e estrelado por John Cusack *(Os Imorais)*. Ler Hornby é se enredar num delicioso universo de referências, tropeçar em diferentes nomes de músicas e discos de qualidade a cada página. Se você ainda não leu *Alta Fidelidade*, duas dicas. A primeira é: leia. A segunda, que vale também para quem já leu, é: ouça a deliciosa trilha da história. Não foi editado nenhum CD reunindo as músicas mencionadas no livro. Mas SHOWBIZZ apresenta aqui os discos em que você pode encontrar as cinco canções prediletas na festa Groucho Club, onde o personagem Rob Fleming dá o som. Nenhum deles está disponível em edição nacional. Mas vale encomendar ou comprar pela Internet (com maxidesvalorização e tudo, a cdnow.com oferece a maioria deles por 10, 12 dólares). Depois, é dar uma bela festa.

Clássicos para um sensacional hi-fi

"It's A Good Feeling"
Smokey Robinson & The Miracles
Encontrável na coletânea *The Master Series*, esta é apenas uma das jóias da coroa de Smokey, dono de uma das mais lindas vozes da música negra americana e criador de clássicos como "Tracks Of My Tears" (relido por Bryan Ferry), "Tears Of A Clown" (regravado pelo grupo de ska The Beat) e "Going To A Go-Go" (famoso na versão dos Stones).

"No Blow, No Show"
Bobby "Blue" Bland
Menos celebrado do que devia, este patriarca da soul music foi motorista de BB King antes de se lançar como cantor. Encontrável em coletâneas como *3b Blues Boy*. Com 58 anos, ele está vivo e cantando.

"Mr. Big Stuff"
Jean Knight
O único grande sucesso desta cantora nascida em 1943, em Nova Orleans, é a faixa-título de um disco que saiu em 1971, pelo selo Stax. Custa 10,50 dólares na cdnow.

"The Love You Save"
Jackson Five
É a primeira faixa do álbum *The Love You Save*, antológico lançamento de 1970 que inclui "ABC", "I'm The Only One You Need". Barbada.

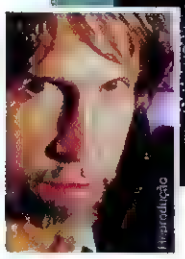
"The Ghetto"
Donny Hattaway
Cantor, produtor e músico de imenso talento e vida breve (se suicidou em 1979, aos 34 anos), ele é conhecido no Brasil por "The Closer I Get To You", dueto com Roberta Flack (de 1978, sucesso até hoje em flash-back). Este musicão faz parte do álbum *Everything Is Everything*, de 1970, e consta da coletânea *Ultimate '70s R & B Smashes*, da Rhino.

"Got To Get You Off My Mind"
Solomon Burke
Os Stones amavam o cara: gravaram três músicas dele ("Everybody Needs Somebody To Love", "Cry Me" e "You Can Make It If You Try"). Hoje, aos 62 anos, bisavô, Burke tem 21 filhos e é dono de uma cadeia de funerárias. *The Very Best Of Solomon Burke* traz esta canção (também incluída num disco da série *Ultimate '60s R & B Smashes*), que é de 1965 e tem importância capital em *Alta Fidelidade*. Por quê? Vai ler o livro, ora!

Alanis Presley?

Glenn Ballard (o mentor de Alanis) vai produzir Lisa Marie Presley

Grad Rickerby/Sipa Press



Reprodução

Depois de contribuir decisivamente para o estouro de Alanis Morissette, compondo e produzindo o disco *Jagged Little Pill* (28 milhões de cópias vendidas mundo afora), Glenn Ballard está trabalhando no mesmo esquema de dedicação total com... Lisa Marie Presley, filha de Elvis e ex-sra. Michael Jackson. Aliás, "Man In The Mirror", hit de Michael, foi escrito por Glenn, que também já deu uma mãozinha em grupos como Aerosmith e Van Halen. O produtor é o primeiro a defender o talento de sua pupila Alanis: "A maioria dos vocais do novo disco, *Supposed Former Infatuation Junkie*, foi gravada de primeira. Fiquei espantado e passei a chamá-la de 'aberração da natureza'". Dono de um selo, Java Records, Glenn aposta em Lisa Marie e promete recuperar a carreira de Terence Trent D'Arby, outro de seus contratados ilustres.

Kevin Mazur/LFI

Madonna viaja ao som de trip hop britânico

O que entra pelos ouvidos da Madonna

Este ano, ela quer montar uma casa em Londres. Passou o Natal com a família. "Infelizmente, eles vieram todos ao meu apartamento", ironizou a cantora, em entrevista à revista inglesa *Q*. Seu melhor presente de 40 anos foi um casaco de peles azul que tinha pertencido a Marlene Dietrich. Bem-humorada, **Madonna** respondeu o que vai dizer para sua filhinha, Lourdes, quando ela olhar as ousadas fotos da mamãe no livro *Sex*. "Explicarei que é um trabalho de arte, ressaltando a importância da ironia e da provocação na vida de um artista." Confira agora três superdicas de CDs que Madonna tem ouvido compulsivamente.

Alpha – *Pepper*
Projeto trip hop dos compositores ingleses Colin Dingley e Andy Jerks, contratados do selo Melankolic, do Massive Attack (eles também são de Bristol), o Alpha trabalha com as vozes de Wendy Stubbs, Helen White e Martin Barnard – e tem fãs (poucos) apaixonadíssimos.

Baxter – *Baxter*
Grupo que mistura rap, jazz e funk suave. "São os novos contratados do meu selo Maverick, a minha aposta para 1999", propagandeia. O disco ainda não saiu.

Various Artists – *Café Del Mar, Vol. 5*
Coletânea compilada por Joe Padilla, DJ residente no famoso clube de Ibiza, paraíso dos clubbers na costa espanhola.

Concetta: secretária que virou símbolo sexual alternativo em Nova York

Pedro Serra

Poderosa fofona

O nome da banda nova-iorquina **Princess Superstar** reflete com perfeição a personalidade de sua fundadora, Concetta Kirschner. Secretária durante o dia, à noite ela bota para quebrar com sua mistura de hip hop e rock, sexo e samples, funk e punk, jazz e muito senso de humor. Com dois CDs independentes (*Strictly Platinum* e *C.E.O.*) debaixo do braço, o grupo partiu para sua primeira turnê européia passando por Paris e Londres, onde tocou no mesmo bar em que o U2 fez sua estréia inglesa, o Hope and Anchor Pub.

Ao vivo, a loura voluptuosa bota tudo para fora. Ela canta, rapeia, toca guitarra, teclado Casiotone, dança break, pula, corre, se joga, rola no chão, mexe com a platéia e tira a roupa, ficando só de sutiã. A bela performance é acompanhada por um baixão contagiante, um DJ que solta as bases (incluindo samples de Pavement e AC/DC, numa mesma música), faz *scratch* e ainda toca guitarra, e um baterista perfeitamente integrado às batidas pré-gravadas. As colagens musicais funcionam surpreendentemente bem no palco. Depois de certo estranhamento no início, os frios ingleses relaxam, dançam e respondem a cada provocação sacana. Citada na *Playboy* americana entre as mais sexies figuras da música, junto com Shirley Manson (do Garbage) e Fiona Apple, Concetta não perde tempo. Endividou-se com seus cartões de crédito para criar o selo *A Big Rich Major Label* (Uma Grande e Rica Gravadora Multinacional), assumindo o controle total sobre seu explosivo trabalho. Fausto Fawcett adoraria...

Pedro Serra

Recordações de antigas folias

Toda pimpona com sua roupinha de bailarina, a garotinha ao lado é ninguém menos do que **Sandra De Sá**, muito antes do surgimento da numerologia.

Com uma gravatinha amarrada na testa, o fofo em preto e branco ainda era chamado de Marcelo Santana, não tocava n'O Rappa nem usava o nome **Yuka**.

E quem disse que o Carnaval de Brasília não é quente? O piratinha **Frederico**, que depois reduziria o nome e iria tocar nos Raimundos, se amarrava na folia...

A roupa de havaiana cai tão bem na pequena **Fernanda** que faz pensar se o sobrenome Takai não teria vindo mesmo daqueles lados do Oceano Pacífico.

Fotos: arquivo pessoal

Divas, mas e daí?

Apesar dos milhões de dólares, **a vida particular de uma megaestrela do pop** pode ser mais triste do que a de muito aposentado brasileiro. Maternidade adiada, pouco tempo para relacionamentos, casamentos apenas aparentemente estáveis... Entre silicones, plásticas, banhos de loja e antidepressivos, elas tentam provar que pode existir equilíbrio num mundo quase de faz-de-conta

Sygma

Whitney Houston, 35

Caixa: número desconhecido
Discos vendidos: 45 milhões (EUA)
Paixão: piscinas internas e externas
Retrato: "Ela se sente sozinha", deixa escapar sua mãe, Cissy Houston, cantora gospel
Coração: mantém um casamento conturbadíssimo com o cantor Bobby Brown
Telhado de vidro: teve de desmentir problemas com drogas na revista americana *Newsweek*, em novembro de 1998

Madonna, 40

Caixa: 9 milhões de dólares em 98, mais porcentagem nas vendas
Discos vendidos: 46 milhões (EUA)
Paixão: quadros de Frida Kahlo
Retrato: "Madonna está envolvida com sua viagem espiritual", revela, sem nenhuma novidade, sua assessora de imprensa.
Coração: não basta ser um bom amante. Agora quem decide é Lourdes Maria, a filha de 2 anos.
Telhado de vidro: mesmo praticando ioga e estudando o Kabbalah, mística tradição judaica, Madonna chocou os hindus quando usou vestes com inscrições sagradas nos MTV Awards de 1998

Sygma

Mariah Carey, 29

Caixa: 200 milhões de dólares ao todo, sem contar os ganhos com sua gravadora
Discos vendidos: 44 milhões (EUA)
Paixão: sua limousine, onde a estrela aprova clipes e canções
Auto-retrato: "Amo o que faço, mas nunca tenho paz".
Coração: separada de Tommy Mottola, presidente da Sony, desde 1997, Mariah andou desmentindo boatos de casos com Leonardo DiCaprio, Puff Daddy, Príncipe Albert e Derek Jeter, astro do beisebol dos New York Yankees
Telhado de Vidro: filha de mãe branca e pai negro, Mariah teve uma infância sofrida. "O fato de ter pais de raças diferentes me separou da maioria das crianças."

Celine Dion, 30

Caixa: ganhou em 1998 (ano de "My Heart Will Go On") 55,5 milhões de dólares
Discos vendidos: 28 milhões (EUA)
Paixão: sapatos (tem 500 pares)
Auto-retrato: "Não me considero uma diva"
Coração: é muito bem casada com o agente cinqüentão Rene Angelil
Telhado de vidro: não bebe nem fuma. Seu vício são as compras

Janet Jackson, 32

Sygma

Caixa: 20 milhões de dólares por disco lançado
Discos vendidos: 21 milhões (EUA)
Paixão: relógios
Auto-retrato: "O sofrimento me fez uma pessoa muito forte, mas quando estou em turnê não consigo me manter sã".
Coração: mora com o dançarino René Elizondo, 36 anos
Telhado de vidro: sofre de depressão e estresse. Luta permanentemente contra a balança: faz regime e duas horas e meia de ginástica por dia

Shania Twain, 33

Mercury Records

Caixa: 34 milhões de dólares em 98
Discos vendidos: 18,5 milhões (EUA)
Paixão: criar cavalos
Auto-retrato: madura, decidida e simples – é ela própria quem limpa seus estábulos
Coração: casou-se com o produtor Robert John "Mutt" Lange
Telhado de vidro: Shania perdeu a mãe e o padrasto num acidente de carro quanto tinha 21 anos

Previsão de despesas

Prepare seu bolso e confira um cronograma com alguns dos principais lançamentos de 1999

✗O **New Order** existe, mas antes de um disco aparecem álbuns dos projetos de seus integrantes, The Other Two (o já lançado *Superhighways*), Monaco e Electronic.

✗O cantor Scott Weiland se reuniu mais uma vez aos **Stone Temple Pilots** e promete disco novo.

Mês a mês

Março
✗Bush
✗Claudio Zoli
✗Kula Shaker
✗Motörhead ao vivo
✗Silverchair
✗Tributo a Jackson Do Pandeiro

Abril
✗Engenheiros Do Hawaii
✗Kleiton & Kledir
✗Paulo Ricardo
✗Thaíde e DJ Hum

Maio
✗Biohazard
✗Cássia Eller
✗Lenine
✗Squaws

Segundo semestre
✗Acabou La Tequila
✗Gilberto Gil
✗Gabriel, O Pensador
✗Jerry Cantrell
✗Lulu Santos
✗Marisa Monte
✗Maxim Reality (do Prodigy, solo)
✗Megadeth
✗No Doubt
✗O Rappa
✗Pantera
✗Pearl Jam
✗Pedro Luís
✗Rage Against The Machine
✗Soulfly

✗Axl Rose, Dizzy Reed (teclados), Robin Finck (guitarra), Josh Freese (bateria) e Tommy Stinson (baixo) juram que sai disco do **Guns N' Roses** até o final do ano.

✗No ano anunciado por Robert Smith como o último de sua carreira, o **Cure** lança um disco com músicas sobre "desespero e fé".

✗*The Fragile*, novo trabalho do **Nine Inch Nails**, sai em março. O que era o máximo da modernidade há cinco anos volta correndo o risco de perder o trem da história.

✗**Björk** lança um disco com covers e composições próprias. Também estrela a trilha do novo filme de Lars von Trier, *Dancer In The Dark.*, e solta um EP com Alec Empire e o Quarteto Brodsky.

✗A grandiosidade dos tempos de *Tarkus* e *Brain Salad Surgery* volta este ano no disco deste ano do **Emerson, Lake & Palmer.**

✗Após interromper a promessa de tirar férias em 98, o **Oasis** promete um single em setembro e disco novo em outubro. Mas o que Noel Gallagher diz não se escreve.

✗Com o guitarrista John Frusciante de volta no lugar de Dave Navarro, os **Chili Peppers** já estão gravando desde o final do ano passado.

✗Mais de um ano após o fim do Soundgarden, o guitarrista e cantor **Chris Cornell** finalmente lança disco solo em abril.

Ru Mendes

Underground popular

O vocalista Cadão Volpato bem que tenta esconder, mas os três shows que sua banda, o **Fellini,** fez em São Paulo, Rio e Brasília em dezembro do ano passado, após quase nove anos de aposentadoria, deixaram-no bem animado. "Acho que foram os últimos, o Thomas (Pappon, guitarrista e co-líder da banda) mora em Londres – ele trabalha na parte dedicada ao Brasil da BBC –, fica difícil a gente tocar alguma coisa", diz. Mas ao lembrar as apresentações ele começa a se empolgar. "Nossa expectativa era bem pequena, e acabamos soman-do, por baixo, umas 500 pessoas nos três shows. Isso é que é underground!", brinca, lembrando que nunca deu tantos autógrafos na vida. Agora a esperança já é um pouco maior. "Na verdade pensamos em fazer alguma coisa via Internet, porque é realmente impressionante, nunca circulamos muito, é incrível que tanta gente nova conheça a gente, e fora de São Paulo!", insiste. Ele admite que existe o sonho da volta, embora não se identifique com os artistas de sua geração em alta hoje em dia. "Éramos amigos, mas o Fellini passou por um caminho próprio."

Máquina do tempo

As cult-bandas cariocas **Hojerizah** e **Black Future** e os brasilienses **Finis Africae** se apresentaram na Fundição Progresso, no Rio, no final de 1998. Reunidas pela primeira vez em anos, as três atraíram um público jovem, que saía da infância quando "Armadilha" (hit do Finis Africae), "Pros Que Estão em Casa" (hit do Hojerizah) e "Eu Sou O Rio" (anti-hit do Black Future) ecoavam na cidade. O Black Future começou provocando a platéia os versos declamados pelo vocalista Márcio *Satanésio* Bandeira, lendário agitador carioca. O Finis Africae agradou com suas melodias introspectivas e ganhou corinho até em músicas pouco conhecidas, como "Vocês". O Hojerizah lutou contra o P.A., que falhou durante o clássico "Tempestade Em Viena". Valeu pela guitarra de Flávio Murrah. O cantor Toni Platão grava este ano, produzido por Dado Villa-Lobos.

Wagner Filho

Toni, do Hojerizah *(à dir.)*, Márcio, do Future *(abaixo)*, e todo o Finis Africae, no *backstage*

Fotos: Ana Paula de Oliveira

Pop para quem é normal

Injustiças acontecem. Na recém-lançada *Enciclopédia da Música Brasileira* (Art Editora/Publifolha, 65 reais) há verbetes para o obscuro grupo paulistano Ness, que registrou apenas três faixas em coletâneas dos anos 80. Não há uma linha sobre o **Nenhum De Nós**, que tem sete álbuns lançados e é responsável por uma das canções "clássicas" (quem usou a expressão foi Herbert Vianna) do rock nacional, "Camila", uma das mais tocadas em todo o Brasil em 1988.

DDD? Não, é o Nenhum De Nós

Paradoxx/Divulgação

"Se você não puxa o saco de ninguém, não te dão a atenção devida nas gravadoras", comenta Thedy Corrêa, 35 anos, líder do grupo, escaldado por duros tempos idos. Hoje o Nenhum De Nós faz oitenta shows por ano e estabeleceu uma boa base de fãs fiéis. Seu novo álbum é um trabalho pop de qualidade que foi mixado nos Rockfield Studios (onde o Oasis aprontou *What's The Story Morning Glory*), no País de Gales, e se chama... *Paz E Amor*. O vocalista Thedy explica:

Paz E Amor num tempo tão barra-pesada como hoje em dia?

Eu acho importante discutir a descriminalização da maconha, como propõe o Planet Hemp, ou denunciar a situação carcerária no Brasil, como fazem os Racionais. Mas a gente coloca questões pessoais na nossa música. Pegamos um slogan coletivo dos anos 60 e jogamos para o plano individual.

Vocês não têm medo de que essas idéias pareçam caretas, normais?

Somos pessoas normais, ninguém no grupo é malucão. E este é um disco para pessoas normais, que se preocupam com a namorada ou o namorado. Não estamos tentando ser Marilyn Manson, isso é coisa de americano.

Em "Da Janela" você canta "lá no fundo, bem no fundinho, eu sei que você me ama". De onde vem esse romantismo Jovem Guarda?

Demoramos três discos para botar a palavra "amor" numa música. A gente se opõe a essa tensão de fim de milênio, e também não gosta do modo que a mulher vem sendo tratada na música brasileira atual, que é muito vulgar. Esse "lá no fundinho" tem a ver com o coloquialismo.

eso

Um nito quisito

Apontado como maior talento do rock atual, Thom Yorke se expõe num novo filme sobre o Radiohead

por Pedro Só

"Eu sou um horroroso/Sou um esquisito/Que diabos estou fazendo aqui?" Foi cantando esses versos autodepreciativos, esse sentimento de inadequação tipicamente adolescente, que o inglês Thom Yorke tornou-se conhecido. O ano era 1993 e esta música, "Creep" ("Horroroso"), virou uma espécie de hino de geração, junto com "Loser" ("perdedor"), do americano Beck Hansen. Na época, com o Nirvana acesíssimo, o rock alternativo dos EUA ainda era o centro das atenções do universo pop.

O Radiohead, grupo liderado por Yorke, parecia destinado a ser *one-hit wonder*, pônei-de-um-truque-só. No Reino Unido, onde o single "Creep" tinha inicialmente vendido míseras 6 mil cópias, era um nome tratado sem o menor respeito. "Radiohead é digno de pena, sem tutano, uma caricatura covarde de banda de rock", destroçou o semanário *New Musical Express*, comentando um show, em dezembro de 1992. O primeiro álbum, *Pablo Honey*, editado no ano seguinte, começou a mudar timidamente essa reputação.

E depois de lançar em 1995 um excelente segundo álbum, *The Bends* (a fossa planetária em doze irretocáveis canções, comprada por 2 milhões de pessoas), o quinteto de Oxford aprontou em 1997 *OK Computer*. Aclamado pela crítica do mundo inteiro como obra-prima, 4 milhões de cópias vendidas, o trabalho foi apontado pelos leitores da revista inglesa *Q* como o melhor álbum de todos os tempos. Todos os tempos.

COMPARAÇÕES COM U2 IRRITAM

Hoje, fãs de rock em centenas de países aguardam ansiosos para beber nas palavras do próximo CD do Radiohead, prometido para o segundo semestre deste ano. Pode vir um disco ao vivo (muitos shows foram gravados ano passado) ou uma mistura de novas composições e sobras das sessões de *OK Computer*, ainda assim, a expectativa é grande. Admirado por colegas como Michael Stipe, do R.E.M. ("existe entre mim, Thom e Courtney Love uma concorrência saudável, entre amigos, para ver quem vai fazer um disco melhor",

Ed O'Brien (guitarra), Thom Yorke, Colin Greenwood (baixo), Phil Selway (bateria) e Jonny Greenwood (guitarra)

Nome: Thomas Edward Yorke
Data de nascimento: 7 de outubro de 1968
Local: Wellingborough, Inglaterra
Escolaridade: Inglês e Artes na Exeter University
Empregos anteriores: vendedor no setor de moda masculina de uma loja de departamentos, barman e servente num hospital psiquiátrico
Estado civil: namora Rachel
Ídolos musicais: Elvis Costello, Scott Walker, Joy Division, R.E.M.

diz Stipe), e Patti Smith, Thom Yorke desponta como o compositor mais talentoso de sua geração.

Seu pequeno defeito físico, a pálpebra do olho esquerdo caída (semelhante à do jogador Amaral, do Palmeiras), passa até por charme *bowieano*, mas acaba ajudando a compor o personagem *"creep"*, de jeito esquisito e postura lambisgóia. Desde que popularizou as canções angustiadas de *The Bends*, porém, ele é mais do que uma figura marcante. Thom é apontado como o sucessor de Kurt Cobain no trono do rock'n'roll. De brinde, outro posto incômodo: *pole position* na corrida das tragédias que tanto fascinam o gênero.

"Pior do que ser apontado como o próximo mártir do rock é ouvir que somos o novo U2", costuma reagir o cantor, venenoso. Um fato o afasta quilômetros do líder do Nirvana: porres ocasionais à parte, Thom não tem histórico como consumidor de drogas pesadas. Sua vida é estável, estabilíssima: ainda toca com os amigos de adolescência, namora Rachel há muitos anos, nem mesmo o empresário mudou no caminho para o estrelato. Frase que a companheira anotou para ele como conselho: "Mantenha sua vida particular organizada para poder ser livre e caótico no seu trabalho".

Deve ser mais ou menos isso o que ele faz. Os próprios colegas de Radiohead dizem que Thom é temperamental. Deixa-se magoar por tudo que sai de negativo a seu respeito. Mastigou rancorosamente por meses uma notinha publicada no *New Musical Express*, com o título "O chilique de Thom", sobre um show que abandonou pela metade na Alemanha. "Eu fico com ódio ao ler essas coisas. Estava muito doente e só resolvi cantar porque estava nevando muito, em consideração às pessoas que tinham vindo. Só que entrei no palco e, depois da terceira música, minha voz acabou", explicou.

TÉDIO MORTAL NAS TURNÊS

O documentário *Meeting People Is Easy* (Conhecer Pessoas É Fácil), lançado no final do ano passado na Inglaterra (sai no Brasil e nos EUA em abril), traz cenas que reforçam a imagem do gênio atormentado pelas pressões do sucesso e engolido pelo ganância da indústria de entretenimento. Claro, essa ▶

Neuras e opiniões polêmicas

Divulgação

Elektra/Warner

história de como-são-infelizes-os-popstars-que-vivem-na-estrada costuma soar revoltante para você, que ganha a vida arduamente num emprego comum e adoraria poder viajar pelo mundo. Para quem saudavelmente encara o rock e a música pop como diversão, antes de qualquer coisa,conversas assim também não costumam colar.

Mas é impressionante a força das imagens do jovem cineasta Grant Gee. Ele consegue mostrar toda a alienação e o imenso tédio de uma turnê mundial e das exaustivas atividades promo-

Thom Yorke: "Sinto decepcionar, mas não apanhei na infância"

Um menino normal

Thomas Edward Yorke nasceu em Wellingborough, na Inglaterra, em 1968 e logo foi morar no litoral da Escócia. Precisou fazer cinco operações no olho esquerdo, mas diz que teve uma infância normal. "Detestava o diretor da escola, adorava minha bicicleta... Sinto decepcionar, mas nunca apanhei muito", conta. O pai ganhava um bom salário vendendo equipamentos de engenharia química e tinha sido campeão universitário de boxe. "Não deu muito certo, mas ele tentou treinar comigo", lembra.

Aos 8 anos, a família mudou-se para Oxford, onde Thom estudou em escola particular, Abingdon. Aos 10, já ensaiava com os amiguinhos. A primeira música fez aos 11. Depois integrou uma dupla, Mushroom Cloud, que dizem chegou a explodir TVs em suas performances. Aos 14 começou a cantar, "porque ninguém mais queria", e fundou a banda TNT (o baixista Colin Greenwood, colega de escola, já integrava a formação).

cionais. Radicalizando na exposição do artista como produto (idéia aproveitada pelo U2, com ironia, na *Pop Mart Tour*), Gee expõe o vazio dos zilhões de entrevistas, a idiotia das perguntas dos jornalistas, seu despreparo. Todo o sentido da criação artística se perde numa maratona de (des)encontros superficiais.

No Japão, Thom e o Radiohead aparecem tentando gravar um vídeo agradecendo ao prêmio de melhor banda do ano na opinião dos leitores do *New Musical Express*. "Que m***! Deus, eu odeio fazer essas coisas", descontrola-se Thom, depois de errar a fala pela terceira vez. Ele também é flagrado sozinho no camarim, fugindo de uma festona no *backstage;* abrindo o microfone para a platéia cantar "Creep" da forma mais desanimada já vista (aparentemente, sem deboche) sobre um palco, e ouvindo desaforos de bêbados na rua, em Nova York: "*Radiohead, fuckhead, creep!*"

Outra imagem elucidativa: a filmagem do clipe de "No Surprises", em que Thom tem seu capacete lentamente

Ed, Thom, Jonny, Phil e Colin: amigos desde a adolescência

Reprodução

Quase afogado, no clipe de "No Surprises

Era uma vez uma banda...

Foi a partir de [illegible] grupo que Thom [illegible] na adolescência, que nasceu, em 1987, o On A Friday ("numa sexta-feira", por causa do dia marcado para os ensaios), banda que incluía, além de Colin, o guitarrista Ed O'Brien, mais velho, e o baterista Phil Selway. Jonny Greenwood, irmão mais novo de Colin, entraria depois. Em [illegible], a maioria dos músicos [illegible] a universidade (menos Jonny), que [illegible] em Psicologia) e pintou um contrato com a EMI.

Em fevereiro de 1992, o jornal *Melody Maker* foi cobrir um showzinho de um certo grupo chamado [illegible], em Oxford. O On A Friday abriu e depois foi publicada na resenha: "Thom [illegible], inadequado para [illegible] a intensidade desta turma. On A Friday oscila da calma desconfortável a um desespero ensandecido, atingindo extremos inesperados para uma banda com esse nome. Promissor é pouco".

Thom e seus colegas providenciaram rapidamente uma mudança de nome. Viraram Radiohead por causa de uma música do LP *True Stories*, do Talking Heads. A estréia em disco foi em março de 1992, com o EP *Drill*, puxado por "Prove Yourself". Para o single seguinte, os produtores americanos Paul Q. Kolderie e Sean Slade começaram os trabalhos meio desanimados. Acharam a banda inexperiente, só gostaram de uma música nos ensaios. "É nossa canção tipo Scott Walker", anunciou Thom, antes de tocá-la. Paul entendeu que a música era

Stills

O Radiohead no começo: bermudas e lourice

Radiohead: saudado no mundo inteiro como a grande banda da atualidade

Acidez nas letras

"E daí, se o pop morreu?
Não é nenhuma grande perda
De tanta plástica, seu rosto se rompeu
E a pele está descascando toda
Oh não, o pop morreu, longa vida ao pop!
Uma última fileira de coca
Para masturbá-lo"
"Pop Is Dead"

"Eu chego em casa do trabalho e você
ainda está de camisola
O que é que eu posso fazer?
Conheço todas as coisas na sua cabeça e
o que elas fazem com você
O que vai acontecer conosco?
O que podemos fazer?
Culpe a estrela negra
Culpe o céu que cai
Culpe o satélite que me guia para casa"
"Black Star"

"Um coração cheio feito um aterro
Um emprego que te mata lentamente
Feridas que não curam
Você parece tão cansado e infeliz
Bote abaixo o governo
Eles não falam, eles não falam por nós
Eu vou levar uma vida tranqüila
Um aperto de mão, monóxido
de carbono
Sem alarmes e sem surpresas"
"No Surprises"

enchido com água até experimentar um breve afogamento. Depois da terceira tomada, ele cospe palavrões, visivelmente irritado com a idéia (do próprio diretor Grant Gee). Em outro trecho, num talk show, dois apresentadores discutem praticamente o mesmo clipe diante de um bolo: "É música para cortar os pulsos, a coisa mais triste que já ouvi".

Aliás, sobre o tom deprimido de suas canções, Thom já cuspiu, à época da turnê de *The Bends*. "Meu trabalho não é desculpa para ninguém se afogar em tristeza. Não quero saber da depressão dos outros. Quem vier me escrever para falar disso terá esta resposta: 'Não me venham com suas m***!' "

Ele diz não se preocupar em ser honesto ou verdadeiro como compositor. "Honestidade é uma qualidade babaca, não quer dizer muita coisa. Se as canções têm qualidade, extrapolam qualquer referência pessoal."

"THOM PARECE ELVIS PRESLEY"

Em dezembro, o Radiohead tocou em Paris, num megaconcerto da Anistia Internacional. Antes, já havia apoiado a causa tibetana, a favorita do amigo Michael Stipe, do R.E.M. A nova fase engajada foi explicada em recentes declarações à TV inglesa. "Nosso grupo surgiu da cultura grunge de protesto. Mas acho que crescemos e que ficou claro para nós que nossos problemas são extremamente irrelevantes e que é um

Thom: "Meu trabalho não é desculpa para ninguém se afogar em tristeza"

insulto querer empurrá-los para as pessoas via MTV."

Thom se importa com o sucesso comercial, sim. "Ele é tudo que um artista pode querer. Só não vou me violentar para atingi-lo." O veterano fotógrafo Tom Sheehan, um dos que mais o clicaram, faz uma comparação diferente. "Thom parece Elvis Presley", surpreende. "Sério, introvertido, mas um cara comum."

Numa auto-entrevista publicada pela revista inglesa *Dazed And Confused*, em 1996, o cantor do Radiohead perguntou a si mesmo se ele não sabia rir de vez em quando. A resposta: "As pessoas que mais me fazem rir são Jonny e Ed *(colegas de banda)*. A gente se conhece desde os 15 anos e estamos constantemente sacaneando uns aos outros sem dó. Como garotos. Entre amigos tenho um senso de humor muito pueril, juvenil".

Um excelente exemplo desse humor está na origem do nome do CD de estréia do Radiohead, *Pablo Honey*, homenagem a um trote gravado por dois idiotas americanos que se intitulavam Jerky Boys, cujo cassete virou cult no início dos anos 90. Leia a transcrição e fique tranqüilo: não há tragédia à vista.

"Pablo, querido?"

"Sim?"

"Por favor, querido, vem pra Flórida!"

"Ãhn?"

"Pablo, querido, tem lavado seu c*?"

"Quem tá falando?"

"Deixa ele bem limpinho, querido!"

Entre eles, piadas pueris

do próprio Scott (ídolo de David Bowie, ex-Walker Brothers que lançou quatro discos solo antológicos no final dos anos 60) e Sean saiu lamentando: "Que pena que a melhor música é cover!"

Não era. Como o próprio Radiohead, inseguro, não conseguiu indicar nenhuma outra canção, ela virou o single. Surgia "Creep", que, meses depois, adotada por rádios em Telaviv (Israel) e, depois, em São Francisco (EUA), ganhou o planeta.

A conquista do mundo em três álbuns

[illegible] um disco que melhorou com o tempo. Além de "Creep", tem bom punk rock ("How Do You?"), o deboche de "Anyone Can Play Guitar" e boas canções demonstrando personalidade, como "Stop Whispering" e "Prove Yourself".

Segundo álbum, tristíssimo, uma espécie de *Berlin* (clássico de Lou Reed, de 1972) atualizado. Thom: "Compus as músicas no fundo do ônibus da turnê, bêbado, me sentindo mal. Eu achava que devia ser um artista torturado. Mas gosto de 'Fake Plastic Trees', por exemplo, porque não é totalmente a sério, tem humor".

Musicalmente mais sofisticado, tem elementos eletrônicos e estruturas como a de "Paranoid Android", em quatro movimentos. Thom diz que procurou escrever as letras, menos pessoais, como um observador, à moda de 'A Day In The Life', dos Beatles. Apontado como a obra-prima do grupo.

Há dois anos, um artigo de página inteira do jornal *O Estado de S. Paulo* perguntava, saudosista: "O que terá acontecido com Burt Bacharach?" Claro, o jornalista e escritor Ruy Castro, que assinava o texto, jamais foi leitor do tablóide britânico *New Musical Express*, voltado desde a década de 70 para o pop independente/alternativo. Mas depois que o Oasis – nome que, para o mestre Ruy, provavelmente soa a casa de massagens – estampou o maestro na capa de seu primeiro álbum, *Definitely Maybe* (em 1994), iniciou-se um processo de reabilitação da carreira do compositor de "Wives And Lovers". E já em abril de 1996 ele era entrevistado e saudado pela antenada imprensa inglesa como grande compositor e como cabeça de uma nova onda entre os jovens fãs de música e que ia além de suas melodias de bom gosto.

O que era visto como kitsch e descartável nos anos 50 e 60 virou sinônimo de sofisticação, virou "clássico". Chame de *lounge music* (música de saguão, de sala de espera; música de ociosidade) ou de *easy listening* (fácil de ouvir, em tradução literal). Chame de jazz de coquetel ou de música de elevador, ela hoje está na ordem do dia.

Expandindo-se cada vez mais nos últimos anos, o termo *lounge* abrange hoje qualquer sonoridade que sugira climas amenos e nostálgicos, do pop orquestral de cantores como Tom Jones à bossa-nova tipo exportação de Sergio Mendes.

A tendência chegou ao Brasil, fazendo surgir grupos – como o Sala Especial, de São Paulo – e bares. Lá fora, a expressão *easy listening* tornou-se referencial para artistas que trabalham com gêneros musicais contemporâneos, como acid jazz e trip hop. Grupos retrô como The Mike Flowers Pops e Combustible Edison reproduzem fielmente o estilo dos arranjos de outrora.

Para saudosistas ou novidadeiros é uma boa hora para vasculhar aqueles discos antigos dos seus pais. Quem se apaixonar e quiser esgotar o assunto pode correr atrás dos vinte volumes da série *Ultra-Lounge Music* – (Capitol), que traz receitas de drinques nos encartes.

Burt Bacharach
A&M Gold Series
(PolyGram)
Disco que documenta a melhor fase do atual parceiro de Elvis Costello. Popular, mas sofisticado, o trabalho com o letrista Hal David produziu, entre 1964 e 1970, uma impressionante safra de clássicos pop como "Close To You", "I Say A Little Prayer", "Raindrops Keep Fallin' On My Head" e "I'll Never Fall In Love Again".

Henry Mancini
All Time Greatest Hits
(BMG)
Compositor refinado, começou fazendo trilhas para filmes B. Seu primeiro sucesso foi o tema da série de TV *Peter Gunn*, em 1958, depois gravado por Emerson, Lake & Palmer. Prêmios e consagração definitiva vieram com "Moon River" (do filme *Bonequinha De Luxo*), "Baby Elephant Walk" (O Passo Do Elefantinho, do filme *Hatari*) e o tema da *Pantera Cor-de-Rosa*. Morreu em 1994, aos 70 anos, aclamado como um gigante da música popular.

10 discos para vo

Lou

Serge Gainsbourg
Comic Strip
(Mercury/Phillips)
Nos anos 60, quando todos copiavam os Beatles, este iconoclasta criou identidade para o pop francês a partir de bossa nova, iê-iê-iê com biquinho e soul music. A suavidade e os timbres de bom gosto contrastavam com as letras sobre incesto, amor gay, suicídio e coisas afins. O hino erótico "Je T'aime... Moi Non Plus", feito originalmente para Brigitte Bardot, mas sussurrado em dueto com a inglesa Jane Birkin, foi proibido em vários países, mas estourou no mundo inteiro.

Françoise Hardy
Comment Te Dire Adieu
(Mercury/Phillips)
Compositora, cantora e atriz eventual, foi redescoberta há pouco pela geração MTV. Acabou gravando com Blur, Malcolm McLaren e com a dupla conterrânea Air. Este álbum, de 1969, é considerado um dos melhores trabalhos do pop europeu daquela década. Traz, além de composições da própria Françoise, canções de Serge Gainsbourg ("Comment Te Dire Adieu"), Leonard Cohen ("Suzanne") e uma pérola de Tom Jobim e Chico Buarque – "Sabiá", que se encaixou perfeitamente com a melancolia da *chanson* francesa.

Herb Alpert
Whipped Cream & Other Delights
(PolyGram)
Superstar do trompete e co-fundador da gravadora A&M (de Bacharach, Sergio Mendes, Carpenters e The Police), Herb começou escrevendo e produzindo hits para a lenda soul Sam Cooke e a dupla surf Jan & Dean. Com sua banda, Tijuana Brass, entrou para o livro *Guinness* de1966 por colocar quatro álbuns no 'top ten' simultaneamente. Seu pop orquestral com forte influência latina angariou mais sucesso com este álbum, que traz os hits "Whipped Cream" e "A Taste Of Honey".

Esquivel
Cabaret Mañana
(BMG)
Teve uma das orquestras mais populares do México. Nos EUA, influenciou as produções de Phil Spector e de Brian Wilson e grupos como Steely Dan e B-52's. Seu som foi chamado de "pop da era espacial" – por causa do uso pioneiro de efeitos estéreo com instrumentos estranhos como o teremim e o ondioline e, sobretudo, por requintes de produção. Além dos boleros espaciais e standards de jazz presentes nesta coletânea, compôs para séries como *Kojak, Columbo, Mulher Biônica* e *Miami Vice*.

Sergio Mendes
Sergio Mendes & Brasil '66
(PolyGram)
A combinação de samba-pop-bossa nova com canções de Bacharach e dos Beatles vendeu milhões no mundo inteiro e fez do tecladista brasileiro um astro nos EUA. Este disco traz também o hit "Mas Que Nada" (de Jorge Ben), "Slow Hot Wind", de Henry Mancini, e, claro, duas versões coisa-nossa de Tom Jobim, "Água De Beber" e "Samba De Uma Nota Só".

ê entender o que é

mge

Encontráveis nos melhores sebos ou na empoeirada coleção dos seus pais, estes álbuns resumem uma das mais modernas tendências do fim de milênio

Combustible Edison
I, Swinger
(SubPop)
Representante da geração lounge dos anos 90, o quinteto americano Combustible Edison é herdeiro do pop espacial de Esquivel e da música exótica de Martin Denny. Já lançou três álbuns pelo SubPop (selo historicamente identificado com o grunge) e fez a trilha do filme *Grande Hotel*. Lançado em 1994, este seu primeiro álbum surpreendeu a turma de Seattle com sua estética anos 50, órgãos antigos, vibrafones e violinos. Tem covers de Nino Rota ("Cadillac") e Julie London ("Cry Me A River") e um monte de musiquinhas em clima de hi-fi com cuba-libre.

Cocktail Mix
(Rhino)
Quatro volumes de coletânea contendo, entre outros, o maestro cubano Perez Prado, o virtuoso de churrascaria Walter Wanderley, a cantora americana Connie Francis interpretando "Deixa Isso Pra Lá" (sucesso com Jair Rodrigues), mais as músicas de Quincy Jones e de Sergio Mendes usadas nos comerciais da Nike da Copa 98. O quarto volume traz apenas temas de filmes e inclui "Bring Down The Birds", de Herbie Hancock (da trilha de *Blow Up – Depois Daquele Beijo*, sampleada pelo Deee-Lite em "Groove's In The Heart").

Inflight Entertainment
(Deram)
Trilogia inglesa que privilegia a dança, com as orquestras de Bert Kaempfert, Lalo Schifrin e outros. Inclui uma versão mambo de "Light My Fire" e Brigitte Bardot cantando Wilson Simonal ("Nem Vem Que Não Tem", transformada em "Tu Veux, Tu Veux Pas"). O terceiro volume, chamado *Espresso Espresso*, é todo dedicado à música "brasileira", legítima – de gente famosa como Marcos Valle e de obscuridades como Corisco (produtor de Walter Wanderley) & Os Sambaloucos – ou filtrada por gringos talentosos como Serge Gainsbourg e Burt Bacharach.

por Sergio Barbo

O QUE PASSA PELA CABEÇA DESTES NATIVUS?

Eles vêm de Brasília, tocam **reggae de raiz**, estouraram em esquema independente e hoje vendem feito banda de axé music

Entrevista: Letícia Calmon Fotos: Alessandra Levtchenko

Formado dentro da Universidade de Brasília há três anos, o sexteto Nativus chegou manso feito seus sucessos "Presente De Um Beija-Flor" e "Liberdade Pra Dentro Da Cabeça". Tocando reggae de raiz (nos moldes consagrados nos anos 70), falando em "liberdade", "magia", "sabedoria do povo", "luar", rimando "nascente" com "semente" e fazendo vários acenos a Bob Marley nas letras, eles podem não ter conseguido se formar – só o guitarrista Kiko Peres, engenheiro civil, tem o diploma –, mas foram conquistando espaços. Primeiro em Brasília, depois no país inteiro.

Afastada do espírito punk dos anos 80 e da pauleira que gerou os Raimundos, uma nova geração candanga que curte Planet Hemp e Banda Eva abraçou entusiasmada o trabalho de Alexandre Carlo, 24 anos (vocais), Izabella Rocha, 25 (vocais de apoio), Kiko Peres, 26 (guitarra), Luís Maurício, 25 (baixo), Juninho, 25 (bateria), e Bruno Dourado, 26 (percussão). Ainda no *underground*, eles começaram a atrair multidões de até 5 mil pessoas para shows com muita fumaça na platéia e boas vibrações no palco.

O álbum *Nativus* foi gravado a partir de um empréstimo. Mesmo com distribuição precária, o CD independente encontrou 40 mil compradores. Depois de distribuído nacionalmente pela EMI, estourou no Brasil todo e vendeu mais 210 mil cópias. Os "meninos tão largados que tocam reggae e MPB" (como define a letra de "Presente De Um Beija-Flor") viraram febre nacional, o estouro pop deste verão. Dividem espaço com pagodeiros milionários em programas de TV, e "Presente..." está no repertório de várias bandas de axé. A agenda de shows lotada (em ritmo puxado – seis por semana) até adiou o lançamento do segundo disco para junho.

Filho e neto de funcionários públicos, Alexandre Carlo Cruz Pereira, o guru dos Nativus (autor de todas as músicas), mora com a família – pais, dois irmãos, três pastores alemães, um fila e um pitbull – numa casa no Cruzeiro Velho, em Brasília. Jeito tímido, não vê a classe política brasileira com bons olhos e namora há quase três anos Priscila, futura mãe de seu primeiro filho, que nasce em abril. Em São Paulo, entre um avião e uma passagem de som, ele e seus colegas falaram à SHOWBIZZ.

Assédio exagerado dos fãs, falta de tempo para a vida pessoal, o sucesso trouxe alguma coisa ruim para vocês?

Alexandre: Tudo que sempre quisemos foi dar um monte de shows. É o que estamos fazendo agora, de terça a domingo, praticamente. Também somos muito humildes, não tem essa de ignorar o público. Desde a época em que o Nativus era banda independente, já rolava um assédio dos fãs.

Juninho: O que muda é que dormir e comer viraram hábitos raros. Às vezes a gente fica que nem a Nação, zumbi! *(risos)* Mas sempre mantendo o sorriso e a simpatia!

Como é viver em Brasília, onde a violência entre os jovens e as gangues de classe média alta são cada vez comuns?

Alexandre: Brasília tem criminalidade, sim, mas a mídia explora isso por motivos políticos. É como se fosse culpa da população inteira da cidade o fato de um índio ter morrido queimado.

Luís: Como se todo jovem de lá fosse filho de político.

Juninho: Crimes cruéis existem em todo lugar. Mas, por ser a capital, acho que Brasília vira exemplo.

Izabella: As pessoas deveriam olhar para Brasília com mais carinho, porque é lá que se dá a mistura de todo o país, a expressão mais forte do Brasil. Tenho certeza de que está saindo uma coisa boa – mistura do Brasil não podia ser diferente, né?

As bandas de Brasília dos anos 80 foram uma influência para vocês?

Alexandre: Foram um grande exemplo. Música à parte, o que marcava mesmo era o fato de a galera ter saído de lá e vencido no Brasil inteiro. O pessoal de Brasília valoriza seus filhos, tem orgulho!

Kiko: Nossa postura e a dos Raimundos é diferente. Apesar de serem idolatradas lá, muitas bandas daquela época falavam mal da cidade.

Alexandre: Nos anos 80 não tinha quase nada para fazer em Brasília. Nós somos de uma geração que nasceu lá, que tem raízes lá e que desfruta de uma cidade muito mais rica culturalmente.

Como é a relação de vocês com outros artistas?

Alexandre: Os Raimundos são amigos, foram quem mais deram força para nós. Há dez anos, era inconcebível isso, uma banda de hardcore gostar de reggae. Temos muito contato também com o Rappa e com o Jota Quest. Canibal, do Devotos, Dread Lions, a gente só tem amigo, do hardcore ao axé. O Ara Ketu, a Ivete *(Sangalo)* e o Carlinhos *(Brown)* cantam "Beija-Flor". O Brown apelidou de "música do passarinho" *(risos)*.

Viver próximo do poder aumentou o interesse de vocês por política?

Alexandre: Essa proximidade não faz com que a gente seja mais ou menos interessado. Acho que qualquer cidadão tem de estar ligado no que rola.

Izabella: O Congresso e os ministérios faziam parte do meu caminho diário, mas acabavam sendo um prédio a mais até eu chegar ao meu clube. Fica sendo somente um cenário, como o Cristo Redentor.

Luís: A gente não toma partido de ninguém e não faz show em palanque, apesar de não ter escondido que nosso voto foi para o Cristóvam *(Buarque, candidato petista derrotado ao governo de Brasília)*.

O reggae de raiz (de Bob Marley e Peter Tosh) tem um discurso político forte...

Alexandre: As músicas do Nativus não são só "paz e amor", dão toques para neguinho

O qu
estão

"Presente De Um Beija-Flor"

"Veja só a névoa
branca que sai de
trás do bambuzal
Será que ela me
faz bem ou será
que me faz mal
Eu vou surfar
no céu azul de
nuvens doidas
Da capital
do meu país
Pra ver se esqueço da
pobreza e violência
Que deixa *(sic)* o
meu povo infeliz"

"Deixa O Menino Jogar"

"Os anos passam
sem parar
E não vemos
uma solução
Só vemos
promessas de um
futuro que não
passa de ilusão
E a esperança
do povo vem
da humildade
de seus corações,
Que jogam suas
vidas, seu destino,
nas garras de
famintos leões"

ELES CANTANDO

"Cantar"

"Quem te governa
não quer saber de você
Quem te governa
não quer te ver sorrir
Quem te governa
não quer te ver feliz
Quem te governa
não merece ter nascido
aqui no Brasil"

"Reggae De Raiz"

"Magia que envolve
segredos de um
grande amor
Nos fazem *(sic)* pensar
que nossa liberdade
é igual ao céu
Imensidão azul
criada pelos
raios do sol
Protegida dos
homens que não
sabem admirar
O contraste das
cores das nuvens
ao entardecer
E a sinceridade
de velhos amigos
ouvindo seu som
Toda emoção nos
versos de um
reggae de raiz
E ter a ilusão que
basta ser honesto
para ser feliz"

Juninho: baterista

Kiko Peres: guitarrista

Luiz Mauricio: baterista

se ligar. Escrevo como se fosse uma conversa de amigos, acho que é isso que faz o público se identificar. Não quero incitar uma revolução, prefiro fazer a galera entender que a educação no Brasil precisa melhorar.

Izabella, como é ser a única "nativa"?

Izabella: Sou a única no meio de dezenove peças raras *(entre músicos e equipe técnica)*. Acho até bom ter um quarto só para mim nos hotéis, gosto de ficar sozinha, de ler. Agora mesmo estou com o livro *A Cura Quântica*, leio muito sobre mente, corpo. Os meninos brincam: "Quero ver o cara que vai agüentar ficar casado com você, que não sai da estrada"... Mas não tenho pressa de encontrar alguém. Estou poupando para comprar minha casa, penso em ter um canto no Rio ou em Floripa.

E você, Alexandre, que está para ser pai, quais são seus planos?

Alexandre: Meu filho nasce em abril, vai se chamar Pedro. Poupei todo o dinheiro que ganhei com a banda até hoje. Quero dar uma vida legal para ele e para minha mulher. Namoramos há quase três anos, ela sente muito minha ausência. Também adoro minha família. Tenho dois irmãos, o mais novo, Caê, de 16 anos, é vocalista de uma banda de pagode, Arte Maior. Canta muito!

O que vocês acham da descriminalização da maconha?

Alexandre: No meio de uma música eu poderia até encaixar uma frase sobre maconha, mas não falo para evitar algum mal-entendido. Já rolaram panfletos de nossos shows com imensas folhas de maconha, obviamente sem nossa aprovação. É modinha falar de maconha. Gente que nem fuma quer usar tênis de cânhamo.

O que seria então "Liberdade Pra Dentro Da Cabeça"?

Alexandre: Olha, quero que as pessoas interpretem da maneira que for mais próxima da realidade delas. Para nós é poder ser e fazer o que quiser. É simplesmente tocar um som! Quem leva para o outro lado são os engraçadinhos. Tem gente que interpretou "tonoiado" *(da faixa "Dialetos Da Paz")* como se eu tivesse usado cocaína. Dá para acreditar?

As interpretes

Divertida obra de referência conta, ano a ano, a história das mais marcantes canções brasileiras

A obra *A Canção No Tempo – 85 Anos de Músicas Brasileiras* é uma iniciativa inédita na história da música popular do país. Jairo Severiano e Zuza Homem de Mello, duas autoridades no assunto, enfocaram as canções brasileiras que marcaram cada ano, de 1901 a 1957 no primeiro volume, e de 1958 a 1985, no segundo, que foi lançado recentemente – e que conta, por tabela, os primeiros passos do rock no Brasil.

Pelo livro ficamos sabendo, por exemplo, que o primeiro rock bem-sucedido que não era versão de alguma música estrangeira (como "Banho De Lua" ou "Splish Splash") foi "Parei Na Contramão", de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, em 1963. E também que o "jovem cantor negro" Baby Santiago já fazia composições sobre assuntos brasileiros desde 1961, como "Rock Do Saci" – que tem o refrão "Cigarro! Ei, me dá um cigarro! E-ei, quase que eu desmaiei".

As principais canções são comentadas, com indicação das gravações mais representativas. Há também listas das músicas estrangeiras mais tocadas ano a ano, e outros sucessos brasileiros no período, além de uma pequena cronologia de fatos marcantes, que permite paralelos históricos curiosos: "Jailhouse Rock", o primeiro rock citado no volume 2 (na seção de destaques internacionais), é de 1958, ano em que é lançado no espaço o primeiro satélite americano, a seleção brasileira vence sua primeira Copa do Mundo, na Suécia, e nasce o compositor e cantor Agenor de Miranda Araújo Neto, o Cazuza.

"A gente procurou mencionar as canções que ficaram entre as dez mais tocadas do ano, ou as que, por sua qualidade, ficaram na memória do público", explica Jairo Severiano. "Em que pese a pressão de gravadoras para que uma canção seja maciçamente divulgada, se um sujeito faz sucesso é porque tem mérito. E o sucesso é imprevisível." Confira alguns trechos da obra.

***A Canção No Tempo** – 85 Anos de Músicas Brasileiras Volumes 1 e 2 1958-1985. Jairo Severiano e Zuza Homem de Mello. Editora 34, Coleção Ouvido Musical. Preço: 33 reais. 368 páginas.*

Rita e Roberto

"Mania De Você"

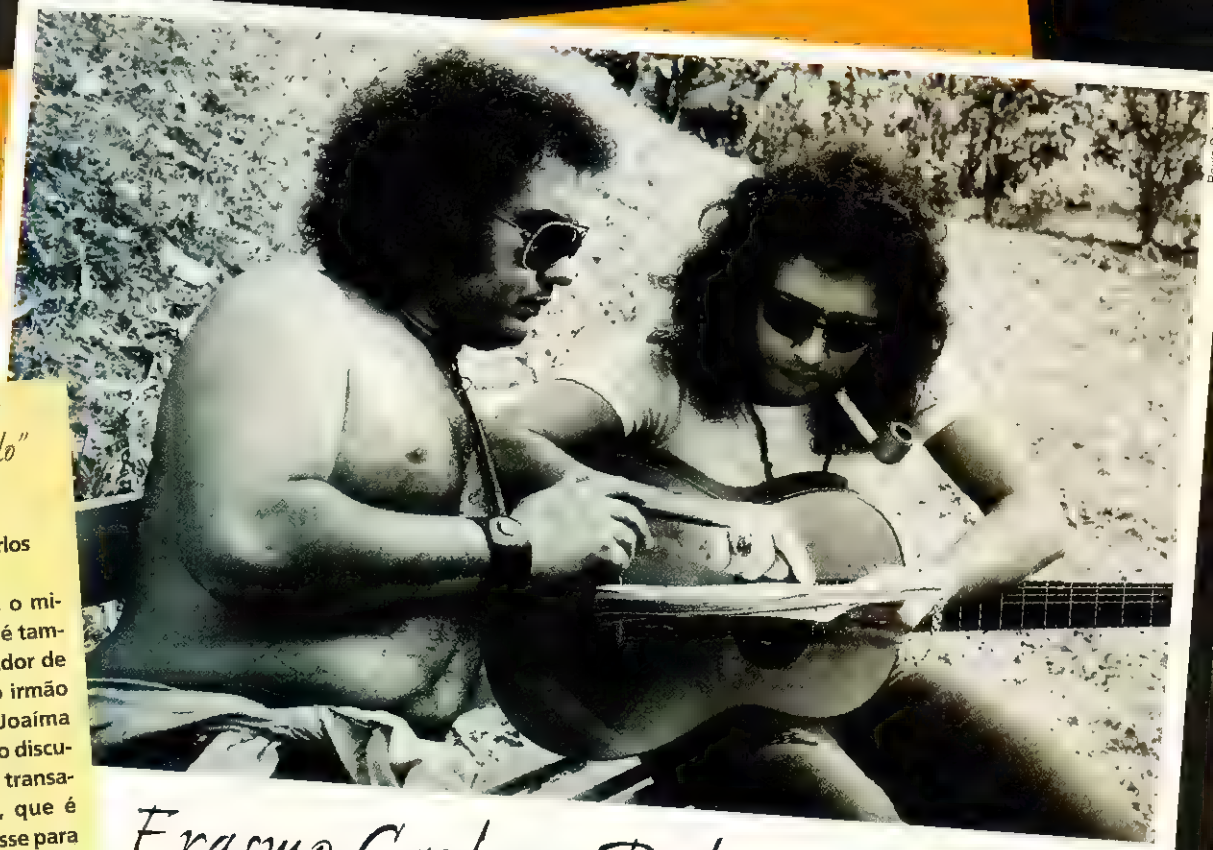
(1980, Rita Lee e Roberto De Carvalho)
Intérprete: Rita Lee
"Foi em cinco minutos que a gente fez 'Mania De Você'. A gente tinha acabado de transar, ele pegou o violão e eu o caderninho e começamos: 'Meu bem, você me dá agua na boca', afirma a cantora em seu *Songbook*. (...) Considerando o seu trabalho anterior, vinculado ao rock, Rita Lee realizou na ocasião praticamente um *crossover* em sua carreira, ampliando a faixa etária de seu público nas duas extremidades, a das crianças e dos quarentões."

"Vapor Barato"

(1972, Jards Macalé e Waly Salomão)
Intérprete: Gal Costa
"O show *Gal A Todo Vapor*, que virou elepê, foi o grande acontecimento musical do verão de 72, transformando a cantora em musa e mito sexual da turma que freqüentava o Pier de Ipanema, local também chamado de Dunas da Gal ou Dunas do Barato. (...) Com um título alusivo aos vapores da *Cannabis Sativa* que impregnavam os ares do Pier, e uma letra, segundo Waly, 'direta, frontal, oposta à tendência liricista e nebulosa que predominava, dizendo o que era possível naquele momento de desencanto'."

Eis

por Danilo Monteiro



Erasmo Carlos e Roberto Carlos

"Vem Quente Que Eu Estou Fervendo"

(1967, Carlos Imperial e Eduardo Araújo)
Intérpretes: Erasmo Carlos e Eduardo Araújo
"Cantor e compositor, o mineiro Eduardo Araújo é também fazendeiro e criador de gado, como o pai e o irmão Lívio, na cidade de Joaíma (MG). Uma ocasião, ao discutir um impasse numa transação de gado, Lívio, que é muito espirituoso, disse para o comprador: 'Para a gente fechar o negócio vou tirar umas tantas cabeças e fazer o preço. Se a proposta lhe convier, pode vir quente que eu estou fervendo'. Imediatamente, Eduardo sentiu que a frase dava música e começou a compor o refrão, deixando a segunda parte para o parceiro Carlos Imperial."

"Negro Gato"

(1966, Getúlio Côrtes)
Intérprete: Roberto Carlos
"Um clássico da Jovem Guarda, este rock é representativo do estilo brincalhão de Getúlio, um bem-humorado carioca de Madureira: 'Eu sou um negro gato de arrepiar/ e esta minha história é mesmo de amargar/ (...) um dia lá no morro, pobre de mim/ queriam minha pele para tamborim'. (...) Para os que vêem nesta canção uma conotação de protesto identificada com a causa negra, informa o compositor, um dos raros artistas negros ligados à Jovem Guarda: 'Perto da minha casa havia um maldito gato que não me deixava dormir. Um dia, durante a madrugada, tive a idéia para a música'."

Raul Seixas

"Acabou Chorare"

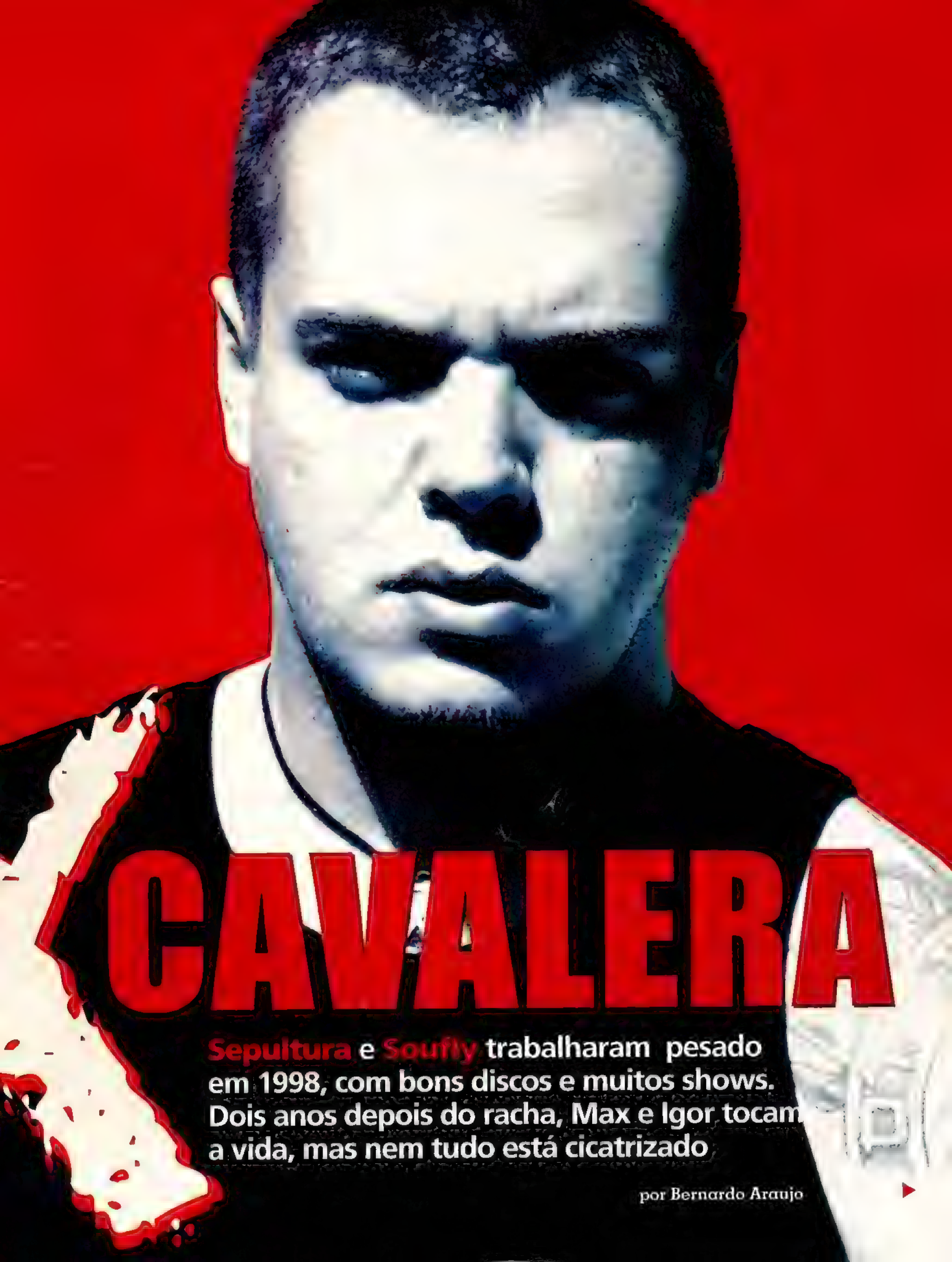
(1972, Moraes Moreira e Luiz Galvão)
Intérprete: Novos Baianos
"Não é à toa que a canção tem muito a ver com João Gilberto, na forma, no estilo e até no próprio título: quando ainda criança, Bebel, filha de João e Miúcha, confundia freqüentemente o português com o castelhano, em razão do período em que os três viveram no México."

"Gita"

(1974, Raul Seixas e Paulo Coelho)
Intérprete: Raul Seixas
"Inspira-se na 'Baghavad-Gita' ('A Canção Do Senhor'), que faz parte do *Mahabharata* e é considerado o mais importante texto sagrado do hinduísmo. O poema milenar trata de um diálogo do Senhor (Krishna) com o guerreiro Arjuna que – num momento de desespero por ter de combater seus próprios irmãos – o interpela sobre sua essência divina. (...) O sucesso de 'Gita' proporcionou ao Maluco Beleza o seu primeiro disco de ouro. Anos depois, ele a relançou em inglês com o título de 'I Am'."

CAVALERA

Fotos: Robin Gibson



CAVALERA

Sepultura e **Soulfly** trabalharam pesado em 1998, com bons discos e muitos shows. Dois anos depois do racha, Max e Igor tocam a vida, mas nem tudo está cicatrizado

por Bernardo Araujo

SOULFLY

- **15** capas de revistas especializadas em rock pesado na Europa e nos EUA
- **100** shows (até o final de janeiro)
- **160** apresentações previstas até o final da turnê, em junho
- **800 mil** cópias de *Soulfly* vendidas no mundo até janeiro de 1999 (o disco saiu em abril de 98)
- **100 mil** disco por mês (média de vendas no mundo)
- **38 mil** cópias vendidas no Brasil (até janeiro)
- **4,7 mil** discos por mês (média mensal de vendas no Brasil)
- **2 mil** pessoas: público pagante no show em São Paulo, em dezembro de 1998
- Shows e festivais importantes de que participou: *Ozzfest*, Réveillon em Phoenix com Black Sabbath e Pantera, *Big Day Out*, na Austrália
- Planos para o futuro: turnê pelo Japão e mais shows pelos Estados Unidos e Europa até o meio do ano. Disco novo em 2000

Logan saiu do Soulfly

Roadrunner/Divulgação

Há pouco mais de dois anos uma briga entre Igor Cavalera (bateria), Paulo Jr. (baixo), Andreas Kisser (guitarra) e a empresária Gloria Cavalera causou um racha na banda brasileira de rock mais bem-sucedida no exterior. Os três músicos achavam que a mulher do cantor Max estava gerenciando equivocadamente o Sepultura e resolveram demiti-la. Pior ainda, isso aconteceu quando o grupo desfutava mais prestígio no exterior, com a mistura de guitarras pesadas e vocais urrados a ritmos folclóricos brasileiros do disco *Roots* atraindo a atenção da banda para além das fronteiras do planeta metal. O Cavalera mais velho foi embora com a esposa, não sem que muitas farpas fossem atiradas de parte a parte. Recentemente Max andou dizendo que as mulheres de Igor e Andreas, Monika e Patrícia, estavam se intrometendo demais na vida da banda, e isso teria tido peso na separação.

"Igor está comigo, no meu coração, em todos os lugares aonde vou"
Max Cavalera

Laços cortados, logo ele se uniu ao guitarrista da Nação Zumbi, Lúcio Maia, ao baixista Marcelo D. Rapp (Marcelo Dias, que durante anos foi *roadie* do Sepultura e era conhecido pela alcunha de Rapadura) e ao baterista Roy Mayorga, fundou o Soulfly e levou ainda mais adiante o coquetel rítmico-étnico iniciado em sua antiga banda. Até o final de 1998 já haviam sido vendidos 800 mil discos ao redor do mundo, uma performance respeitável para o CD de estréia de um artista de assimilação difícil como é o Soulfly. "Foi muito mais do que a gente esperava, a gravadora está rindo à toa", conta Max, que passou o mês de janeiro na Austrália, tocando na turnê *Big Day Out*, da qual participaram artistas como Marylin Manson, Hole, Korn e Sean Lennon. "Tocamos às 3 da tarde e em geral com 30 mil pessoas pulando debaixo do sol", conta ele. Os pulos, aliás, já deram prejuízo ao cantor: foram três cirurgias no joelho esquerdo, a mais recente para a instalação de um "gancho" (segundo a descrição do próprio Max), que segura os ligamentos. "Nunca fiz aquecimento antes dos shows, deu nisso", conforma-se ele.

É bem verdade que o disco do Soulfly, além de contar com o prestígio de Max no universo do metal, teve uma aceitação no mundo pop em geral melhor do que *Against*, disco do Sepultura lançado em outubro do ano passado. A revista *Rolling Stone*, por exemplo, que nunca deu muita bola para esse tipo de música, listou o Soulfly como uma das melhores bandas do heavy metal atual, dizendo que Max "continua seu caminho em direção a tornar-se o Bob Marley do metal". "Eles nunca deram a mínima para o Sepultura, só publicaram uma resenha mínima do *Roots*", conta Max. De qualquer maneira, Igor, Paulo, Andreas e o novo cantor do Sepultura, o gigantesco americano Derrick Greene, souberam agüentar o tranco: deram um tempo e lançaram um bom disco, mantendo no mínimo inabalado o prestígio da banda no vasto planeta metal. "Viajamos com o Slayer por cinco semanas na Europa, em uma turnê maravilhosa", conta Igor, de férias na casa da sogra, em São Paulo, e a caminho de uma turnê americana ao lado de outras bandas de prestígio, o Anthrax e o Biohazard. Nenhum dos dois irmãos sabe dizer há quanto tempo eles não se falam. "Não sou muito de telefonar, mas falo com o Igor espiritualmente, ele está no meu coração em todos os lugares aonde vou", diz Max. O caçula responde na mesma moeda: "Não existe nenhuma raiva, qualquer hora a gente se fala", prevê o baterista. Igor tem pena do pouco convívio que teve com o sobrinho mais novo, de 3 anos, a quem Max deu o nome do irmão. "E ele nem conhece a

minha filha, Joana, de 2", lamenta.

Tristezas à parte, os dois seguem empolgados com as respectivas bandas. Max acaba de trocar pela segunda vez o guitarrista do Soulfly. Logan Mader, ex-integrante do Machine Head, ficou em turnê – Lúcio apenas gravou o disco – com a banda de abril a dezembro do ano passado e saiu para gravar um CD solo de metal industrial. "Ele nunca foi permanente na banda, estava só ajudando a gente", conta Max. Tapando o buraco do tapador de buraco está o ex-guitarrista do Snot, Mikey Dowling, e o cantor avisa de cara que sua presença também é provisória. "A banda dele acabou porque o Lynn *(Strait, vocalista)* morreu em um acidente de carro, no final do ano. Então o chamamos, ele é ótimo músico e a turnê está levantando o astral dele", diz o ex-Sepultura. Depois da Oceania, o Soulfly segue na estrada, por Europa e Estados Unidos, até o meio do ano. Aí começam a pensar no segundo disco, cujas gravações devem iniciar-se no princípio do ano que vem. "Queremos um guitarrista brasileiro", anuncia Max. "Americanos trabalham de uma maneira diferente. A gente está muito feliz de ter chegado tão longe e babamos por ver, por exemplo, o Sean Lennon nos dizendo que é nosso fã. O Logan já estava se achando o máximo, faltava a ensaios... queremos alguém que pense como a gente", diz. O baterista Roy está "perdoado" por ser americano, já que vem de uma família pobre emigrada do Equador.

A respeito do supostamente fracassado show em São Paulo, em dezembro de 1998, Max discorda. "Tinha umas 2 mil pessoas lá, o público habitual em shows nossos", diz ele, contrariando a informação de jornais, que haviam contabilizado apenas 800 pagantes. A visita à capital paulista, no entanto, rendeu um incidente desagradável. "Fui falar com o Max e ele virou a cara para mim", lembra João Gordo, cantor dos Ratos de Porão e animador da MTV, que na ocasião partiu para cima do baixista Rapadura. "Ele veio me dizer que a minha participação no disco do Sepultura foi uma sacanagem com o Max", justifica. Gordo escreveu a letra e cantou na faixa "Reza", mas diz que a letra nada tinha contra o ex-amigo. "Foi uma traição dele, um cara que conheço há quinze anos, limei da minha vida todas as pessoas que se mostraram falsas assim", passa o recibo Max. Gordo responde na mesma moeda: "A música sacaneando ele era 'Hatred Aside', que tem o Jason Newsted, baixista do Metallica, na gravação. Quero ver ele virar a cara pro Jason". "Eu sou hardcore. Botei um ponto final na história, se ele quiser vir me pedir desculpas um dia a gente conversa", arremata Max, sem perder a calma. No quesito Show Em São Paulo ele perdeu de goleada para o Sepultura, que em agosto tocou de graça para 20 mil pessoas na capital paulista, no espetáculo *Barulho Contra A Fome*. A bem-sucedida equipe que produziu o show entrará novamente em ação este ano, para realizar um velho sonho do Sepultura: "Finalmente faremos uma longa turnê brasileira", anuncia Igor, que esteve no Brasil com Paulo e Andreas, enquanto Derrick curtia férias em Amsterdã, na Holanda. Serão pelo menos quinze datas em território nacional, que devem ter, no fim, uma apresentação em uma das noites do festival Abril Pro Rock, em Recife. Sem se falar, Max e Igor desejam sorte um ao outro, e do irmão mais velho vem a mensagem de esperança: "Toquei com o Black Sabbath no Réveillon e me emocionei ao ver aqueles caras que se odiaram durante tanto tempo se abraçando e tudo voltando às boas. Quem sabe isso também não pode acontecer com a gente?" Quem sabe?

"É triste, mas Max ainda não conhece minha filha, Joana, de 2 anos"
Igor Cavalera

SEPULTURA

- **10** capas de revistas especializadas em rock pesado na Europa e nos EUA
- **65** shows (até o final de janeiro)
- **200** apresentações até o final da turnê, em dezembro
- **500 mil** cópias de *Against* vendidas no mundo inteiro até janeiro de 1999 (o disco saiu em outubro)
- **166 mil** discos por mês (média de vendas no mundo)
- **50 mil** cópias vendidas no Brasil (até janeiro)
- **16,6 mil** discos por mês (média mensal de vendas no Brasil)
- **20 mil** pessoas, público pagante no show em São Paulo, em agosto de 1998

Gordo só se dá com Igor

- Shows e festivais importantes de que participou: turnê européia com Slayer e System Of a Down, *Barulho Contra A Fome* (no Brasil)
- Planos: turnê pelo Brasil e *Clash Of The Titans Tour* (com Megadeth, Slayer e Anthrax)

Chris Stein, Clem Burke, Debbie Harry e Jimmy Destri: de volta à new wave

Divulgação

A Velha Loura do Tchan ainda é linda!

Debbie Harry, eterna rainha da new wave, reúne o Blondie e brilha aos 53 anos

por Pedro Só
entrevista: Daniel de Oliveira, de Los Angeles

Debbie e o Blondie, no fim dos anos 70

"Reconheço que em minha carreira solo nunca consegui superar a magia do grupo"

Se você tem mais de 30, já está careca de saber. Se esse não é o seu caso, pode confiar: ela era genial. Antes de Alanis, antes de Madonna, muito antes da água oxigenada queimar o samba da Bahia, esta loura falsa mandava no universo pop. Foi um reinado curto, sim. Mas Debbie Harry só precisou do período 1978/81 para deixar indeléveis marcas de batom em toda uma geração. Sucessos como "Heart Of Glass", "Atomic", "The Tide Is High" e "Call Me" tocam até hoje no *hit parade* sentimental de milhões de fãs. Sim, somente nos EUA, 1,5 milhão deles compraram a coletânea *The Best Of Blondie* na década de 90 – número expressivo, considerando-se que a banda acabou em 1982.

A MTV não havia sido inventada, mas Debbie já estava nas telinhas do mundo, irresistivelmente peroxidada e rasgada, brilhando em inesquecíveis clipes. Foi a primeira videodiva. Líder de uma banda classificada como punk antes de os ingleses lançarem a idéia com marketing (o Blondie começou em 1974, o verão punk londrino aconteceria só dois anos depois), ela não podia sequer cantar a palavra "sex".

Debbie *bad girl*

Sério. Composta por Debbie e pelo então guitarrista Gary Valentine sobre um relacionamento que ele tivera com uma menor de idade, a música "Sex Offender" foi escolhida para ser o primeiro single do grupo. Mas precisou virar "X Offender" porque as rádios não a tocariam com "sex" no título e no refrão.

O som do Blondie, claro, nunca foi punk na acepção que se tem hoje da palavra. Debbie, ex-coelhinha da Playboy (em bares, não na revista), pôde ser facilmente vendida como objeto sexual. Era uma Marilyn Monroe *bad girl*, porém extremamente sexy. Só que, desde o começo da história, em 1974, estava casada com o guitarrista Chris Stein. Sabe o que um empresário do grupo teve a petulância de sugerir? Que ela se separasse, "para parecer mais disponível". Claro que não aconteceu. "Aquilo era amor de verdade. Eles conseguiam transar até no infecto banheiro do CBGB's *(histórico boteco de rock nova-iorquino)*! Precisa muito amor pra isso", revela o amigo Joey Ramone.

A primeira parte da história, porém, não teve um final feliz. Envolvido em brigas internas e com a gravadora, roubado por empresários, o Blondie murchou criativamente após o disco *Autoamerican* (lançado no fim de 1980). Chris Stein começou a emagrecer e a apresentar terríveis anomalias na pele em 1982. Chegaram a pensar que era "aquela doença esquisita, o câncer gay", então galopando por Nova York. Não era. Chris tinha uma séria doença genética dermatológica. Ficou anos sem poder trabalhar. Debbie cuidou dele e tentou decolar uma carreira sozinha.

Êxitos ocasionais à parte, não conseguiu. Seus quatro álbuns solo venderam pouco. Como ela mesmo admite hoje, jamais conseguiu superar a força do Blondie. Experimentou papéis no cinema (estrelou *Videodrome*, de David Cronemberg, em 1982, e, seis anos mais tarde, inchadíssima, fez a comédia *Hairspray*, de John Waters), ensaiou participações no cult grupo Jazz Passengers, nada sensacional.

Tinha mesmo de voltar com o Blondie. Dezessete anos depois, ela, Chris Stein (guitarra), Clem Burke (bateria) e Jimmy Destri (órgão) reataram os laços. Não são amigões, como Debbie faz questão de expôr na entrevista a seguir. Mas fizeram um disco cheio de bons momentos, *No Exit*, produzido por Craig Leon, responsável pelo primeiro álbum da banda, *Blondie*, de 1976. Aos 53 anos, Debbie está aí para vencer preconceitos e provar que musa velha também faz música boa.

Nos anos 70, o Blondie inovou ao fundir pop, punk, discoteca e reggae. Agora que a mistura de gêneros virou norma, fica difícil impressionar o público?
Chris Stein: As misturas são comuns hoje, porém o importante é desenvolver seu próprio estilo. Não gosto de gente como David Byrne, que pega músicos sul-americanos e se apossa de sua música.
Jimmy Destri: Nunca precisamos de especialistas externos para nos ajudar.

O Blondie da História

O grupo de Debbie Harry surgiu no legendário clube CBGB's, em 1974, numa não menos legendária "cena nova-iorquina". A expressão juntava no mesmo balaio os intelectualizados e talentosos Patti Smith e Television com os descerebrados Ramones. O Blondie estava mais próximo desses últimos do que das viagens rimbaudianas de Patti e de Tom Verlaine (líder do Television). Mas, enquanto a turma de Joey estava até ontem tocando as mesmas duas notas – de um jeito irresistível e irretocável, claro –, o Blondie fez sucesso e história atacando em quase todos os gêneros pop disponíveis no curto período em que reinou, 1978/81.

Discothèque quando a moda já definhava ("Heart Of Glass", "Atomic"), punk de garagem movido a órgão de churrascaria ("X Offender"), covers de um hit ancestral do reggae ("The Tide Is High", original do trio The Paragons) e de um roquinho anos 60 ("Denis"), o primeiro rap de branco ("Rapture"), pop eletrônico ("Call Me")... O Blondie se meteu a fazer tudo isso e ainda foi pioneiro nos videoclipes – em 1979, lançou o álbum *Eat To The Beat* em VHS.

Nada teria acontecido sem Debbie, claro. Mas o produtor Mike Chapman, veterano do rock glitter (mexeu com The Sweet e Suzi Quatro), foi quem deu o toque de Midas. Pegou uma banda com reputação de "frouxa" ao vivo e lapidou nos álbuns *Parallel Lines* (1978) e *Eat To The Beat* (1979), quase perfeitos. "Não era punk nem new wave. Fizemos discos pop", corrige ele, hoje, apontando para a maior qualidade dos sons dos anos 80 que a década atual insiste em curtir.

Clem Burke: Acho que será fácil impressionar o público justamente porque as misturas estão na moda. Sobre identidade, a voz de Debbie é a marca do Blondie.

A idade é uma preocupação?

Debbie: Temos uma identidade bem firmada, mas precisamos de uma imagem à altura dela. Reconheço que está difícil ter uma imagem que nos faça sentir bem agora, mas continuamos tentando *(risos)*.

Você se sente pressionada para isso?

Debbie: Não considero cuidar da imagem uma pressão, é parte do que faço. Minha idéia inicial era ser meio atriz do cinema, meio estrela pop.

Chris, Jimmy e Clem, como vocês se sentem gravitando em torno de Debbie, eterno centro das atenções?

Clem: Você pode ficar chateado, mas tem certeza de que há uma estrela na banda. E bandas com estrelas vão longe.

Jimmy: Debbie nos coloca num nível superior. Ela derrubou barreiras quando as rádios não permitiam sequer a palavra "sexo" numa canção! Ela abriu portas para Madonna e todas as outras.

No Doubt, Garbage e Cardigans têm formação igual a de vocês: cantora acompanhada por homens. O que vocês acham dessa geração?

Debbie: As mulheres passaram a ser melhor aceitas na música...

Clem: Eu não seria pretensioso a ponto de dizer que influenciamos essas bandas todas. Foi mais uma questão de evolução.

Qual foi o ponto de partida da reunião?

Chris: Durante esse tempo todo, sempre perguntavam a Debbie sobre o Blondie. Este é o significado do título do novo disco, *No Exit* – não tivemos outra saída.

Como vocês acertaram os problemas pessoais?

Debbie: Meu pai dizia que não se deve fazer negócios com amigos. O fato de sermos ou não amigos é secundário. Só precisamos respeitar uns aos outros. Nossa comunicação é mais baseada nos compromissos da banda. Vejo as coisas assim.

Debbie em 1979 *(à dir.)* e hoje, com o grupo: se Mick Jagger pode...

Divulgação

Vocês se separaram após lançar *The Hunter* numa época conturbada *(1982)*. Há quem diga que terminar o disco já foi um feito...

Debbie: Isso é um pouco exagerado. As condições não foram tão ruins assim.

Jimmy: A banda acabou mesmo por causa de mau empresariamento e má promoção. E por causa da doença de Chris.

O que realmente aconteceu?

Chris: Desenvolvi uma doença rara e precisei tomar remédios fortíssimos. Foi reflexo do stress.

Jimmy: Chris esteve doente durante três anos e ficou impossível levar o Blondie adiante. Apesar de termos tido dois discos no topo das paradas americanas, as coisas também estavam uma loucura com nosso empresário e contador. Muita gente ganhou dinheiro nas nossas costas.

Debbie, a que você atribui sua carreira solo nunca ter decolado?

Debbie: Eu estava em duas gravadoras. Os discos saíam nos EUA pela Warner e na Europa pela Chrysalis, o que fragmentava a divulgação. Mas reconheço que nunca consegui superar a magia do nome e da música do Blondie.

Jimmy: Espalhou-se na indústria musical que trabalhar conosco era difícil, o que era mentira. Debbie sofreu por causa dessa má reputação.

Reina

Um milhão de motivos contra

Antes mesmo de gravar o LP *The Hunter*, em 1982, o guitarrista Frank Infante já havia processado os outros integrantes do Blondie. Agora, ele e o ex-baixista Nigel Harrison brigam na justiça contra Debbie Harry, Chris Stein, Jimmy Destri e Clem Burke. Excluídos da reunião e minoritários nas duas empresas que cuidam dos direitos autorais do Blondie (Frank tem 10% das ações, Nigel é dono de 12% e os outros quatro possuem 19,5% cada), os dois não têm esperanças de azedar a ressurreição do grupo. Apenas reivindicam 1 milhão de dólares. Frank, que hoje se vira como músico, precisa de grana desesperadamente. Nigel, atual diretor artístico da gravadora Interscope, está apenas de olho grande.

Adelsonilton traga seu cigarro (de tabaco) e Marcelo D2 viaja numa conversa de botequim

PapoDeM

Para fazer a cabeça tem hora: Marcelo D2 e Adelsonilton, autor de "Malandragem Dá Um Tempo", trocam idéias sobre partido alto, rap e alguma coisa que eles têm em comum

por Giovana Hallack
Fotos Daniela Dacorso

O carro da reportagem entra na Via Dutra (estrada que liga o Rio de Janeiro a São Paulo) e logo ultrapassa um caminhão com a carroceria preta e vermelha onde se lê em letras garrafais o codinome do motorista flamenguista: CHAPADÃO. Aquilo só poderia ser um sinal. Afinal, estávamos indo ao encontro de Adelsonilton, o compositor de "Malandragem Dá Um Tempo" (grande sucesso na interpretação de Bezerra da Silva – e também na cover do Barão Vermelho), na Chatuba, em Nova Iguaçu (Grande Rio). De lá, iríamos para um bar de Laranjeiras (Zona Sul) para um encontro histórico. No melhor estilo "eu sou você... amanhã", o pagodeiro que compôs o clássico refrão "Vou apertar/ Mas não vou acender agora/ Se segura, malandro/ Pra fazer a cabeça tem hora" trocaria uma idéia como Marcelo D2, vocalista do Planet Hemp. Relaxados por alguns chopes, e nada mais.

Adelsonilton: E aí, malandragem, tudo certo?

D2: Tudo certo. Você ouviu a versão que a gente fez de "Malandragem Dá Um Tempo"? *(O garçom chega com um par de chopes. Brindes.)*

A: É, meu sobrinho estava escutando rádio e me disse.

D2: A gente trocou a melodia e a letra também é outra. Ficou bem rap, bem dura.

A: Fiz agora uma nova que se chama "Sou Maluco, Sim, Mas Não Sou Doido Não" *(cantarola).* **Tenho tanta música que não foi gravada que até me assusto. Na época de "Malandragem...", fui chamado para ir à gravadora, crente que ia receber um qualquer. Que nada, meu camarada, o bicho pegou! Tinha lá um delegado que falou: "Todas as músicas que você faz falam de maconha". Mas eu estava instruído pelos advogados. Respondi: "Você acha melhor eu estar aqui fazendo essas composições para arrumar um qualquer ou assaltar a sua família, levar o seu dinheiro? Eu não tô mandando ninguém dar dois. E tem uma coisa: o produto é feito pela natureza, eu não sei quem colhe. Se você quer me botar no artigo, bota". E ele: "Mas como é que você sabe essa coisa de artigo?". Eu sabia. Tinha pego o livro e estudado, apesar de só ter o terceiro ano primário. Na época era o artigo 21, que não dava colher de chá a ninguém. Podia ser filho de general, o que fosse. Pegou com o produto, sabe como é que é... entra no cacete. Vamos falar a verdade: eu já dancei!** *(risos)* **Eu já dancei!** *(risos)* **Ih, tá gravando! Sujou! E o pior é que não era meu. Era de um camarada e eu tava transportando para o cara...** *(risos)*

D2: Mas tu acabou assinando (*sendo fichado*)?

A: Que nada, malandro não assina, vai no papo. Malandro só assina para receber dinheiro.

D2: A maconha sempre foi cantada. Até o Rei Roberto Carlos já cantou, em "Maria Joana". Há músicas indígenas que falam da diamba.

(O garçom se aproxima com o cardápio de petiscos).

A: Quero não. Pobre não usa petisco. Usa só o palito para enganar. Prefiro não comer enquanto estou bebendo. Vou ficar só tirando uma onda...

D2: Tem música dos Novos Baianos, tem "Fumacê", do Renato e seus Blue Caps...

A: E se todo mundo canta é porque todo mundo conhece o produto. A natureza nos obriga a conhecer tudo, foi ela que o colocou nas montanhas... Se não experimentasse, como você iria saber que esse chope é feito de cevada? E não dizem que na Coca-Cola tem até cocaína? Tem também aquela música da semente, de um parceiro meu. Era sobre um cavalo que comeu semente e ficou doidão! É mole!!!???

D2: Parece aquela história da vaca, que saiu no jornal. Lá no Nordeste, a vaca comeu um paco enterrado no quintal e o bichinho morreu!

A: Na minha terra, Alagoas, serve para fazer chá para bronquite.

D2: Tem muita gente que faz música falando de maconha. Quando é baboseira, entra por um ouvido e sai pelo outro. Mas às vezes soa a verdade.

A: E eles não aceitam a verdade.

D2: Acho que a música tem que causar reação, como diz o Money Mark *(tecladista dos Beastie Boys).* Pode ser boa ou ruim, neguinho pode até ficar p***. Mas tem que causar uma reação. Você já gravou algum disco seu, solo?

A: Não, só como convidado especial. Mas se eu gravar um disco do jeito que eu quero, com as músicas que eu tenho agora, estouro.

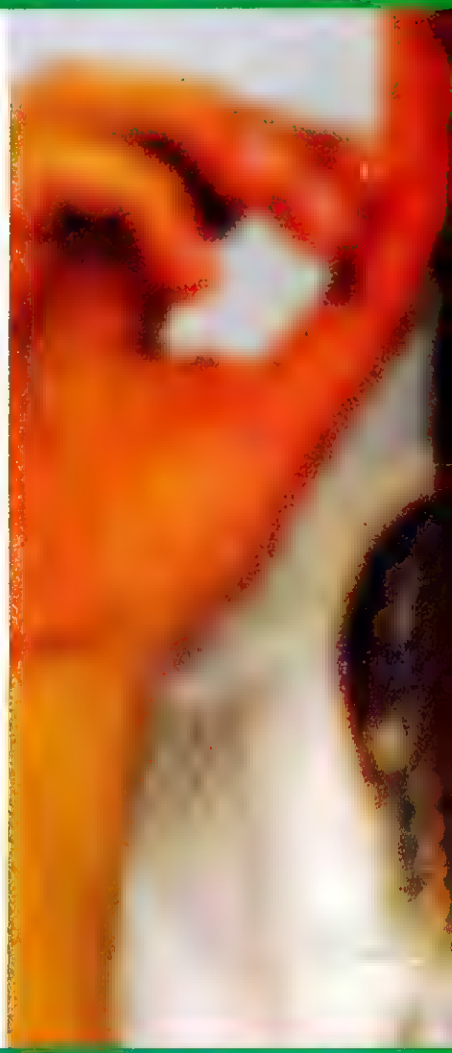
D2: E você compõe sempre no violão?

A: É, mas sempre peço para um maluco lá – um colega meu que é tecladista – meter o dedo. Aí registro tudo num gravadorzinho.

D2: O que você ouve além de samba?

A: Gosto de bossa-nova, demais. Mas acho que todo gênero tem seu valor. A bossa-nova, o rap, o partido alto, o samba de breque. Pôxa, eu devia ter trazido meu violão, para mostrar o que faço. Meus arranjos são todos de maluco. Sou maluco beleza. Se você me perguntar qual é a nota, eu não vou saber.

D2: Odeio quando você vai cantar em algum lugar e perguntam "Qual é o tom?" Sei lá qualé o tom, toca que eu saio cantando aí... Tem uma história boa do João Donato (*pianista, um dos monstros sagrados da bossa nova).* Ele sabe escrever música, é pianista. Contou que uma vez contrataram ele para fazer um arranjo. Ele fez o arranjo todo na cabeça, chegou lá e falou para os músicos. "Você faz assim: 'faaaaaa' *(simula um instrumento)* e você faz 'fafarara'. Em vez de escrever, ele fez a parada com a boca *(risos).* Sabe quem tá tocando comigo? O Tuca *(filho do Bezerra da Silva)* e o Bira, lá da Mangueira.



Adelsonilton: "Vamos falar a verdade: eu já dancei!"
D2: "Mas tu assinou?"
Adelsonilton: "Que nada! Malandro não assina, leva no papo".

De maluco pra maluco, depois de horas de conversa: "Como é mesmo o seu nome?"

O nosso show é assim: um DJ soltando as bases em vinil, a percussão e a gente cantando em cima.

A: É só rap? Tem rap de amor?

D2: Não, escrever sobre amor é meio difícil.

A: É nada! *(cantarola uma bonita seresta, de sua própria autoria)*

D2: É engraçado, porque rap e samba têm temáticas muito parecidas, falam do dia-a-dia. A maneira de falar muda, mas de onde sai o samba, sai o rap.

A: Mas há uma grande diferença na interpretação. Quem tá acostumado a cantar samba, dificilmente canta rap. Eu não, mas é porque eu sou maluco mesmo.

D2: Sabe o que eu acho sobre rap e samba? Não adianta para mim, que tenho uma cultura diferente da sua, querer ser igual. Você nasceu em Alagoas, se criou no samba. Eu tenho dez anos a menos, fui influenciado por você, mas também por um monte de outras coisas. Por isso, não adianta eu querer fazer o seu samba, né? Gosto de samba e de rap, é como digo numa música, "uma batida de funk, um DJ e um pandeiro". Sempre penso no beat do rap com o shake (molejo) do samba. Quero tirar o melhor de você, do que você cria.

A: Pode ser uma frase...

D2: Ou até uma idéia inteira, que eu ache sagaz.

A: E a sua banda? Vocês foram presos, né?

D2: É, há um ano. Você monta uma banda e é preso por tráfico e formação de quadrilha *(risos)*. A gente vai gravar um novo disco este ano. Me dá o seu telefone.

A: O meu telefone é 190.

D2: Pô, não tem nem comunitário???

A: Que nada. Olha, foi um prazer te conhecer como artista e como ser humano do mundo. Tomara que você suba todos os degraus da vida...

D2: É, a gente vai subir junto.

A: A gente se encontra, a gente se encontra. Nem que seja no céu!

Vários chopes e porções de bolinho de bacalhau depois...

D2: Ô garçom, vê mais a saideira!

A: Ih, esqueci o seu nome...

D2: Marcelo.

A: Ah...

Mande suas fitas-demos e CDs para:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, SP

A dupla Just – Si... Carvalho e Luciano D – navega no trip ho...

Divulgação

Viagem gaúcha

Just é tudo, diriam os modernos. Dupla de trip hop sulista influenciada por gringos do estilo (Massive Attack, William Orbit), brazucas de outros campinhos (Tom Jobim, Chico Buarque) e roqueiros do passado recente (leia-se, anos 80), Luciano D (teclado, seqüência e arranjos) e Simone Carvalho (vocais) exalam contemporaneidade sem resvalar no *blasé*. Além de um excelente CD-demo nas mãos, que toca de leve em algumas rádios de Porto Alegre, o casal tem uma excelente idéia na cabeça: vai registrar as próximas músicas em português, diferentemente de sete das oito faixas do demo. Prato cheio do CD: o vocal sensual e elegante de Simone.
Contatos pelo telefone (051) 332-1258

Solitários e selvagens

Suponha que uma das melhores bandas brasileiras de metal tenha sua sede no interior de Pernambuco, em uma cidade com menos de 100 mil habitantes. Acrescente um detalhe: a banda canta em inglês. Será que a saída é o aeroporto, como disse Tom Jobim? "A gente tem uma certa dificuldade, realmente. Em Recife, que é a uma hora daqui, as pessoas estão muito centradas no manguebeat", explica Tuca, guitarrista e principal compositor da banda **Hanagorik**. O que não os deixa no ostracismo, na verdade, porque, além de já terem tocado em várias capitais do país – inclusive na versão recifense do Skol Rock, abrindo para Stratovarius e Paul Di'Anno –, organizam, com outros grupos de metal da cidade, o (pasmem) Surubim Rock Fest, que acontece em galpões alugados. "Este vai ser o quinto ano", anuncia Tuca. No surpreendente CD *Uncivil*, primeiro e único da banda, as duas únicas letras no nosso idioma, os compositores de "Maldito!" mostram que continuam invocados em português: "Não venha me acusar de matuto provinciano/ sou um ninguém, um quase morto, com boca de clarim/ maldito marginal de Surubim".
Contatos: tels. (081) 423-9684/ 222-1510

Hanagorik – "Maldito!"

Regeneração pela música

Brasília é um dos principais pólos de rap nacional, e o selo independente Discovery tem sua dose de responsabilidade nisso. Especializado no gênero, lançou vários títulos, inclusive os dois primeiros do Câmbio Negro, agora contratado da Trama Records. O grupo **Cirurgia Moral**, formado por Rei – ex-presidiário e hoje funcionário do Discovery – e pelo DJ W, está lançando seu terceiro trabalho pelo selo: *Respeito A Quem Merece.*

Além das tradicionais bases sampleadas, o Cirurgia usa teclados realmente tocados (não sampleados) em várias faixas deste terceiro disco, o que lhe dá um diferencial na sonoridade entre os discos de rap. "Temos tocado pelos arredores de Brasília, em Goiânia, Anápolis", conta W – que aprendeu a fazer scratches vendo apresentações do patrono do hip hop brasileiro, DJ Hum. Entre petardos como "Dorme neném que o bicho vai pegar/ Papai foi passar drogas, mamãe foi vadiar", a maior parte de autoria de Rei, pode-se distinguir um estilo próprio nas esperáveis crônicas do mundo cão.

Contatos: tels. (061) 226-5404/ 581-4443. Internet: www.rockdemo.com/discovery

Reprodução

Consciência X: o movimento hip-hop rompe o isolamento das cenas locais

Observadores do crime

Ao organizar um show do Cirurgia Moral em Ribeirão Preto, São Paulo, Izac teve a oportunidade de mostrar o primeiro disco do seu próprio grupo, o **Consciência X Atual**, ao pessoal do selo Discovery. Chamado *Tráfico De Idéias*, o trabalho tinha sido gravado como prêmio de um concurso de rap em Ribeirão. "O show foi numa sexta-feira", lembra Izac. "Na segunda, o Genival *(dono do selo)* estava me pedindo 200 cópias para colocar em sua loja. A gente tinha prensado só mil, emprestando o dinheiro daqui e dali, e já tinha vendido todas." O selo decidiu relançar o disco, e em janeiro deste ano voltou à carga com o segundo, *Contos Do Crime*. A faixa-título ganhou um clipe, que deve ser exibido na MTV. "Foi feito em dois dias", conta Izac: "Um para filmar e outro na ilha de edição, a maior correria porque a diária da equipe e do material é muito cara".

Izac atesta a força do rap no interior paulista, apesar das dificuldades: no estúdio em que trabalha, produz quinze grupos de Ribeirão Preto, e cinco de outras cidades próximas. No entanto, seu grupo, formado também por W-Fi, Gipê e Billy, faz mais shows em Brasília do que na capital do seu próprio Estado. "Estamos só começando a entrar lá, a cena é muito competitiva."

Contatos: tels. (061) 636-5313/226-5404

Raio-D Um exame das demos mais interessantes que chegaram à Redação

Astromato

Som: Guitarras melódicas, influências da banda escocesa Teenage Fanclub.
Origem: Campinas, SP
Auto-retrato: "Sonoridade barulhenta e psicodélica das guitarras aliadas aos vocais melancólicos e melodiosos"
Resumo crítico: Raro caso de guitar band brasileira que canta em português. Também não tem tendências depressivas, como suas congêneres: caminha mais pela ironia e se destaca.
Produção: Regular
Contatos: tels. (019) 289-3726/287-7372.
E-mail: astromato@hotmail.com

Limbonautas

Som: Surf music bem barulhenta, com guitarras puxando para heavy metal.
Origem: Curitiba
Auto-retrato: "Estranhos sons ecoam por nossas caixas cranianas, como Dick Dale, Cramps, The Clash".
Resumo crítico: Molecagem no melhor sentido, música primária e violenta para diversão radical. Abriram para a banda americana Man Or Astroman? em Curitiba.
Produção: Regular
Contatos: tel. (041) 222-3586

Ball

Som: rock funkeado
Origem: Alagoas
Auto-retrato: "Música brasileira com simplicidade e criatividade sem levantar bandeiras".
Resumo crítico: O melhor do grupo é a espontaneidade. Procurando afinar mais os vocais, não vão perder esta virtude e devem crescer bastante.
Produção: Regular
Contatos: tel. (082) 336-6836.
Internet: http://www.maceio.rei.br/popbook/ball.htm.
E-mail: rizzoto@dialnet.com.br

Minha Coleção

Marcelo Nova

"Eu não tenho imóvel, eu não tenho carro. Meu patrimônio são meus discos!"

O filho Drake, 6 anos, chega da escola com um coleguinha negro. "Fala, Salgadinho!", saúda Marcelo Nova. Drake olha para o amigo e comenta: "Eu não disse que ele era maluquinho?" De fato, o ex-cantor do Camisa De Vênus não é um pai de família comum.

Quem entra no apartamento onde ele mora, em São Paulo, tromba o olhar direto em oito torres de CDs, uma estante com LPs a dar com pau, dezenas de caixas e outras embalagens mirabolantes com edições especiais. "Eu não tenho imóvel, não tenho carro. Tenho discos", justifica Marcelo.

Na estante onde estão os vinis, um cartaz adverte: "CUIDADO: CÃO ANTI-SOCIAL". Se Joana D'Arc tivesse metido a mão em sua querida e imensa coleção, ele a teria matado. "A empregada nem chega perto."

O tamanho da bagaça, ele prefere nem perder tempo calculando. Mas o teor é fácil descobrir, dá para sentir o cheiro: rock, rock'n'roll, rock de garagem. "Gosto de blues e, na música erudita, de quartetos de cordas", excetua. Mas, peraí, aquilo ali na torre da direita não é uma coleção *Ultra-Lounge*, dezoito CDs de pop/bossa/jazzístico/orquestrado dos anos 50 e 60 com capas tipo estampa de oncinha? O que é isso, companheiro? "*Music to fuck*", desculpa-se.

Outros estranhos no ninho são os vinis de Genival Lacerda. "Não gosto de forró. Gosto de Genival. Porque é escroto. E me cita." Marcelo joga na vitrola *Aqui Só Tem Forró*, incluindo a faixa "As Estrelas Do Forró", que fala de Frank Sinatra, Madonna, Paul McCartney e... "Marcelo Nova será nosso zabumbeiro", canta o buchudo.

Na obsessão roqueira cabem relíquias como um *Long Jones Silver* (do grupo californiano psicodélico Jefferson Airplane) importado de época, 1972, com embalagem tipo fumo de rolo, e coisas mais demodês do que a expressão demodê. Exemplo: um Uriah Heep (banda inglesa que praticava um hard rock meio progressivo), *Magician's Birthday* (também de 1972), que mistura misticismo paulo-coelhal com longos solos viajantes de guitarra (tem seu valor).

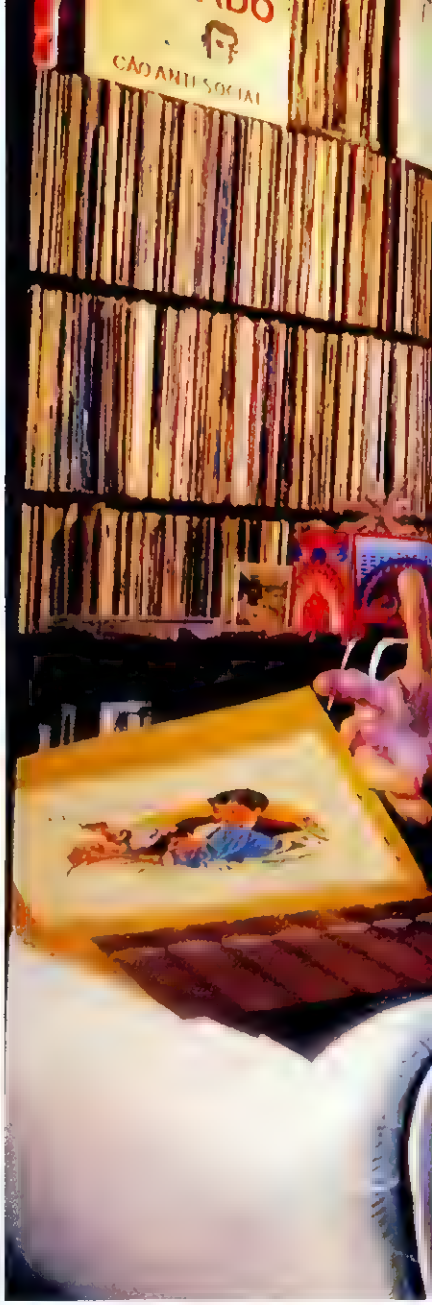
A ordem de arrumação é alfabética. Entre os LPs, do lado de um Simple Minds baba, está um... Style Council. New bossa, hein? "Essas coisas eu ganhei. Pode ver aí: nunca foi ouvido", reage, tirando o vinil, virgem imaculado, do plástico.

Marcelo foi iniciado por um vinil argentino de Little Richard de sua irmã, *Aqui Little Richard*. "Eu nem sabia que diabo era esse negócio de rock'n'roll. Ouvi e virei a cabeça." A paixão o levou a cometer crimes. Um deles: "meter" de uma loja o compacto duplo *Magical Mystery Tour*, dos Beatles, que vinha com um libreto.

Entre seus heróis fonográficos estão Gene Vincent (1935-1971, o homem de "Be-Bop-A-Lula"), Eddie Cochran (1938-1960, o rockabilly em pessoa) e, acima de todos os outros, Dylan. "Tenho 120 piratas do Bob", diz Marcelo, orgulhoso. Ele é capaz de discorrer horas e horas sobre a monumentalidade de *Time Out Of Mind*, clássico recente (saiu em 1997) de seu ídolo. Pagou 40 reais para cada um dos catorze CDs da série pirata *1965 Revisited*.

Em outubro, lançou o disco *Eu Vi O Futuro, Baby, Ele É Passado*. Mas se engana quem pensa que ele só ouve velharia. Marcelo é capaz de citar rapidamente vários grupos novos que freqüentam sua aparelhagem: Space Cadets, The Others, Frigg, The Green Hornets... "*Bad-ass* rock'n'roll!", grita, possuído, lendo uma contracapa de LP que bem definiria seus 47 anos de vida.

Pedro Só



Marce o Ximenez

Alta Rotação

ÍDOLOS DA JUVENTUDE VOL. 2

"Valor sentimental. Esta coletânea tem Beatles, Stones, Yardbirds, The Animals *(e também gente que despontou para o anonimato, como Bryan And The Brunelles)*. É da época em que eu via esse pessoal, Dave Clark Five, meu grande ídolo Eric Burdon *(vocalista do Animals, hoje amigo e parceiro de Nova)*, num programa de TV que passava quando eu era menino lá em Salvador."

Marcelo Nova põe no colo o Little Richard argentino que o iniciou no rock'n'roll

ALICE COOPER
School's Out
"Um clássico *(o melhor disco do avô do Marilyn Manson, tem seu maior sucesso, a faixa-título, e descerebrações como "Luney Tune", "Public Animal #9")* do rock. Tenho a primeira edição americana, que vinha com uma maravilhosa calcinha vestindo o vinil. Ela está meio amarelada numa certa região *(risos)*, mas é uma relíquia. O disco é de 1972. Nessa época, eu encarava 27 horas de ônibus para o Rio só para comprar discos na loja Modern Sound, em Copacabana."

THE GREEN HORNETS
Faster Than The Bugscrapper
"Faz rock'n'roll maníaco, absolutamente maníaco, com muito órgão Farfisa *(aquele usado pelas bandas americanas de garagem dos anos 60)*. Saiu em dezembro de 1996."

MARIANNE FAITHFULL
Blazing Away
"Mais do que ex de Mick Jagger, Marianne é uma grande artista. Este disco é ao vivo, gravado *(em 1990)* numa catedral do Brooklyn, com Dr. John e uma banda do c***."

DYLAN
The Genuine Bootleg Series Take 2
"Viva a pirataria *(o título faz referência ao lançamento oficial* Bootleg Series, *coletânea com 58 faixas de* out-takes *e inéditas)*! Eu tenho 120 piratas de Bob Dylan. Este aqui traz várias maravilhas: ele cantando 'Nadine', de Chuck Berry, uma versão de 'Most Of The Time' *(música do disco* Oh Mercy, *de 1989)*, 'Everything Is Broken' com letra diferente. Dylan é um gênio, letras como a de 'Simple Twist Of Fate' *(faixa do álbum* Blood On The Tracks) chegam ao nível de Shakespeare."

SHOWBIZZ ESPECIAL

Grandes 15 Ídolos

Jimi Hendrix • U2
Metallica • Alanis
Legião Urbana

pôsteres essenciais pra você

E mais : Madonna • Bush • Hanson • Iron Maiden •
Racionais • Kurt Cobain • Silverchair • Titãs • Toast

APENAS R$ 5,50 + CD GRÁTIS

PURO DELÍRIO!

SHOWBIZZ ESPECIAL GRANDES ÍDOLOS.
Alanis, Hanson, Bush e outros astros em 15 pôsteres arrepiantes.
Leve a maior constelação pra casa.

Discos/ Crítica

Cozinha hilariante

A trilha sonora do melhor desenho animado do planeta

Notas de 0 a 10 dadas pelos críticos e colaboradores de SHOWBIZZ

VÁRIOS
South Park – Chef Aid
Tommy Boy/Sony

Ilustração Rodolpho Vasconcellos

Acidamente inteligente, o desenho animado *South Park* traz – assim como *Os Simpsons* – inúmeras referências da música pop. Em quase todo episódio são incluídas novas e hilariantes canções, que agora foram selecionadas e transformadas em CD, apresentado como um show na pequena e paranóica localidade de South Park. O mestre-de-cerimônias é o Chef (impagavelmente dublado pelo *soulman* e ator Isaac Hayes), o cozinheiro da escola freqüentada pelo gorducho Cartman e seus amiguinhos.

Várias músicas de Hayes foram adaptadas para o desenho, servindo de moldura para as cantadas pouco sutis do Chef, em voz de barítono. Em "Chocolate Salty Balls (P.S. I Love You)", por exemplo, o sedutor implora: "Chupe minhas bolas salgadas de chocolate".

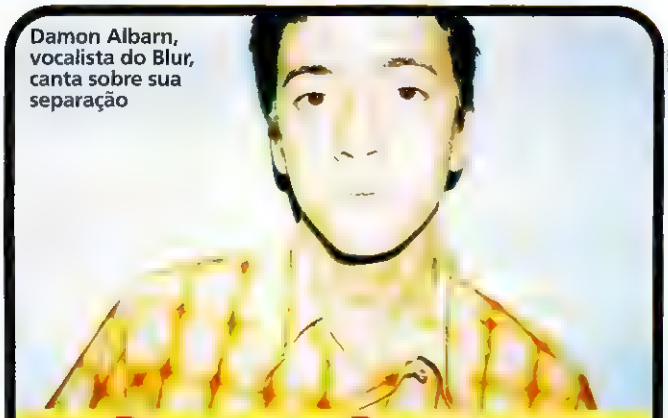
Um dos atrativos do álbum é sua reunião de figuras díspares do universo do rock. É não só uma forma a mais de lucrar com o sucesso do desenho, vale como demonstração de prestígio reunir tantos figurões da música. Que show de verdade juntaria o grupo new wave dos anos 80 Devo, Ozzy Osbourne, Perry Farrell (Jane's Addiction, Porno For Pyros), Wyclef Jean (dos Fugees), Elton John, Joe Strummer (ex-The Clash) e Primus? Interessante notar, também, que o vocalista do Rancid (em "Brad Logan") tem uma voz próxima à de Cartman, que aparece na faixa seguinte em uma magistral interpretação da doce "Come Sail Away". Se você ainda não ouviu essa pérola, imagine uma furadeira "cantando" uma canção sobre esperança.

As canções interpretadas pelo "Chef" Isaac Hayes são todas pontos altos entre as vinte faixas do CD. "Bublegoose", com Wyclef Jean, é candidata a segundo hit do disco – já que "Chocolate..." estourou na Inglaterra, para desespero dos professores da King's School, que já tinham escrito cartas aos pais dos alunos pedindo que não deixassem suas crianças assistirem ao desenho.

Não é difícil imaginar o que motiva esse tipo de reação. As várias mortes do personagem Kenny – o garoto tímido e motivo de chacota por ser o mais pobre da escola – inspiraram diversas canções, o que faz com que a temática básica do desenho se mantenha no disco: sexo e morte. Grandes momentos também são a faixa de Joe Strummer – "It's A Rockin' World" –, de volta à boa forma clashiana, e, para fechar a obra, mais uma grande performance de Cartman, xingando a mãe do judeu Kyle em um country-punk à Pogues, legendária banda tão irlandesa quanto embriagada.

Danilo Monteiro **Nota 8**

Os textos são de responsabilidade dos críticos que os assinam, não necessariamente expressando a opinião oficial da revista


Damon Albarn, vocalista do Blur, canta sobre sua separação

EMI

Britpop de ponta

BLUR
13
Food/EMI Music

O CD anterior, *Blur*, de1997, flertava com influências do rock alternativo americano (Pavement e Beck). Neste sexto álbum, porém, a turma liderada pelo vocalista Damon Albarn realiza melhor suas idéias experimentais. Grande parte da responsabilidade é do novo produtor, William Orbit (especialista em *ambient music* e responsável pelo último disco de Madonna), que criou novas texturas para a melódica guitarra de Graham Coxon.

O disco começa com "Tender", canção de amor quase acústica, com o coral London Community Gospel. Depois, como que para mostrar a real cara do trabalho, vem "Bugman", cheia de efeitos e lembrando "Suffragette City", de David Bowie. Adiante, mais caminhos variados: lo-fi (baixa fidelidade) em "Coffe & TV", cantada por Grahan Coxon, inusitadas pitadas de blues (em "No Distance Left To Run") e saltitantes melodias engraçadinhas ("B.L.U.R.E.M.I." e "Trailerpark").

Enquanto o Oasis se acomoda no sessentismo, o Blur mostra curiosidade e vontade incansável de procurar novos sons, sem se importar com as – menores – possibilidades comerciais desse caminho. Marcando o fim da primeira década de carreira, *13* aponta um futuro promissor para a melhor banda inglesa da atualidade.

Luciano Vianna e Valeria Rossi Nota 8

Canções para um fim de caso

Este é o primeiro álbum sem o produtor Stephen Street. Por que vocês decidiram trabalhar com William Orbit?

Alex James (baixista): Trabalhamos com Stephen por cinco álbuns e dez anos. William tinha feito um remix para nós, uma versão bacana de "Moving On". A surpresa foi o Graham (*guitarrista*) ter topado trabalhar com alguém do mundo dance. Mas William entende de guitarras. A produção é grandiosa, em vários sentidos. As canções são quase um diário da separação de Damon (*seu relacionamento com Justine Frischmann, do Elastica, chegou ao fim*). Ele nunca tinha cantado sobre seus sentimentos antes.

Como surgiu a idéia de usar um coral gospel?

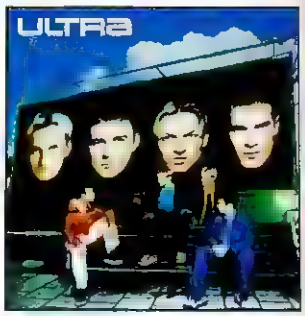
Acho que só se pode usar um coral gospel uma vez na carreira, e esta foi a oportunidade certa. Antes de gravar, o coral nos mandou um fax pedindo para não blasfemarmos ou dizermos palavrões durante a gravação. Da sala de controle, ouvimos eles cantarem e ficamos de cabelo em pé, de tão lindo que era. Quando acabou, William não se conteve e mandou um "p* que o pariu!" de alegria. Depois ficou todo mundo meio tenso *(risos)*.

HARVEY DANGER
Where Have All The Merrymakers Gone?
London/PolyGram

Sangue novo no rock de Seattle

Numa época em que sons eletrônicos são quase obrigatórios no mundo pop, mesmo para quem se autodenomina banda de rock, ouvir um bom disco do velho gênero é uma bênção. Principalmente quando se trata de um artista novo. A originalidade não é a principal característica do quarteto Harvey Danger, formado em 1992 (mas que lançou este CD, o primeiro, no ano passado) na Universidade do Estado de Washington pelo guitarrista Jeff Lin e pelo baixista Aaron Huffman – o cantor Sean Nelson e o baterista Evan Sult completam o time. Não importa. Os quatro alternam dedilhados e acordes maiores repletos de distorção, refrões grudentos e berros guturais, letras irônicas, enfim, muito do que deve fazer uma boa banda de rock. "Flagpole Sitta", a canção que os projetou nas rádios universitárias após anos de luta, está entre as melhores do CD, ao lado de "Private Helicopter".

Bernardo Araujo Nota 8



ULTRA
Ultra
Continental

Músicos concorrendo com os Backstreet Boys

Os quatro rapazes ingleses do Ultra são bonitinhos e têm entre 22 e 25 anos de idade. Poderiam ter formado mais um grupo da safra Backstreet Boys. Optaram por fazer um álbum com boa produção e bem tocado – sim, eles são uma banda de verdade. Mais: não entopem o primeiro trabalho de baladas (são só duas, "Rescue Me" e "Human After All", ainda assim, aceleradinhas). Pincelam discretos elementos eletrônicos em "Up And Over" e revivem os anos 80 em "The Right Time". O nome da banda, aliás, foi inspirado no último CD do Depeche Mode. É claro que o público-alvo acaba sendo o mesmo de grupos como o Boyzone. Quem sabe um dia, com mais experiência, o Ultra pode chegar a ser comparado ao Duran Duran.

Leticia Calmon Nota 6

LENINE/ LULA QUEIROGA
Baque Solto
MPB/ Warner

Empolgada estréia do pernambucano (em 1983)

O disco chama a atenção, de primeira, pela "juventude": é alegre, pulsante, agitado. Talvez

Testemunha da violência

CÂMBIO NEGRO

Câmbio Negro

Matraca/Trama

Originário de Ceilândia, na periferia de Brasília, o Câmbio Negro já tinha chamado alguma atenção "fora do gueto" com "Sub-Raça", clipe exibido algumas vezes na MTV. Já se destacava, além da virulência do discurso, o peso da parte musical. Assim como o Pavilhão Nove, o Câmbio Negro vem apostando em ter uma banda de apoio com guitarra, baixo e bateria, criando as bases em vez de sampleá-las, num estilo que poderia ser chamado de funk pesado. E o rapper X é um intérprete que quase sempre parece estar muito zangado, impressão que é ampliada pelo timbre grave da sua fala.

Em faixas como "Necronomicom" e "Um Tipo Acima De Qualquer Suspeita", letra e voz reconduzem às profundezas do horror da violência – horror do qual todos perdemos a noção, por termos de conviver com ele, em nossas vidas e no circo que dele faz a mídia sensacionalista. Estas músicas recuperam a experiência do horror para que possamos nos olhar no espelho – como quem é pego de surpresa e descobre um péssimo ângulo. X não canta barbaridades como se dissesse que foi comprar um cigarro na esquina, ao modo de muitos adeptos do gangsta rap. Não, ele assusta. Quem o viu no clipe citado, em performance de palco, talvez tenha lembrado de Mike Tyson nos bons tempos.

X (no centro): voz assustadora

Rui Mendes

O Câmbio Negro chega ao terceiro disco (os trabalhos anteriores são *Sub-Raça* e *Diário De Um Feto)* evoluído. Teve mais infra-estrutura, um bom estúdio e produção de Edu K. As letras evoluíram em seus próprios termos: evitando pauladas óbvias na polícia, falam de traição e amizade, da dificuldade e da dignidade de manter o grupo. Um dos pontos altos do disco é a parceria com T.C. Izlam, DJ nova-iorquino e filho do pioneiro do rap Afrika Bambaata, em "Câmbio Negro Vs. T.C. Izlam", uma ode ao internacionalismo do hip hop.

D. M. Nota 8

seja aquele gosto inconfundível de obra (realmente) coletiva. Mesmo com Lenine e Lula cantando juntos apenas em duas músicas, o disco tem unidade. É um trabalho também da banda, que pavimenta essa unidade, e do descontraído coral.

Isto não quer dizer que o disco seja incontestavelmente bom. Quer dizer que ele é bacana e tem opções felizes. Porque, empolgação à parte, apenas um terço das canções resiste. Notadamente, "Girassol Da Caverna" e "Comício", "O Abraço E A Lágrima de Luta", de Lula Queiroga, e a instrumental "Auto Dos Congos", de Lenine e Pedro Osmar.

O CD tem quinze anos, ainda não traz a ponte entre violões e computadores característica d'*O Dia Em Que Faremos Contato*, estréia "solo" de Lenine, de 1997 (que traz a canção "A Ponte", parceria de Queiroga e Lenine, simbolizando uma MPB que tenta desviar o olhar do umbigo). Mas é um disco arejado, regional sem muros.

Danilo Monteiro Nota 6

THE BETA BAND

The Three E.P.'s

Regal – IMPORTADO

Modernidade preguiçosa para inglês gostar

Como diria aquela socialite carioca: "Que loucura, que loucura!" Este quarteto formado por ex-estudantes de Arte escoceses coloca projeções "psicodélicas" durante seus shows, escreve letras qualquer-nota e não está nem aí para coisas burguesas, como a estrutura de suas canções. Elas são musiquinhas folk disfarçadas com longas passagens "hipnóticas" e efeitinhos baratos para os lesados exclamarem "mó viagem!" Costumam começar à vera só depois de um minuto de faixa. Johnny Marr, ex-guitarrista dos Smiths, gosta. A imprensa britânica e francesa ama, compara a Syd Barrett (piraram!) e a Happy Mondays. As estações repetidoras da crítica nacional vão achar "bacana". Mas este álbum – que reúne os três primeiros EPs da turma – é apenas um amontoado de bons trechos de música em busca de alguém que os edite. E tome bongô.

Pedro Só Nota 4

DUST FROM MISERY

Dust From Misery

Megahard Records

O metal carioca respira, com teclados e sons orientais

Bandas de rock pesado do Rio nunca foram muito longe. Além do Dorsal Atlântica – que lança discos todo ano e se apresenta em postos de gasolina na Baixada –, poucos cabeludos da terra do samba conseguiram notoriedade a bordo de guitarras distorcidas. Mas uma pequena turma ainda persiste nos subúrbios e no Garage (casa de shows na Praça da Bandeira, Zona Norte da cidade). Nessa cena, o sexteto Dust From Misery é uma boa surpresa. A banda dos irmãos Cláudio (baixo) e Eduardo Alves (guitarra), Rodrigo Meirelles (guitarra convencional e sintetizada), Helvecio Parente (teclados), André Delacroix (bateria) e Alex *Voorhees* – voz, que saiu após as gravações, dando lugar a Bebeto, ex-Suínos Tesudos – dosa bem o peso com passagens de piano e cítara, acrescentando corais hare krishna. Canções como "Jaya" e "Blessed" mostram bem a fusão do metal – ora tradicional, ora thrash – com melodias indianas. Japão e Europa já demonstram interesse.

B. A. Nota 8

SILVER APPLES

Silver Apples

MCA – **IMPORTADO**

Redescoberta de obscuros pioneiros da eletrônica

As críticas menos elogiosas chamam o Silver Apples de visionário. Há mais de trinta anos, antes do Kraftwerk, dois caras de Nova York, Simeon e Danny Taylor, já faziam um som eletrônico para lá de estranho. Ainda não existiam os sintetizadores como se conhece hoje. Eles se viravam com algo chamado oscilador. Mas um só era pouco. Foram acrescentando mais um e mais um até chegar a nove.

Com algumas notas repetidas à exaustão, vocais anestésicos, interferências musicais (de sanfona a orquestra sinfônica, passando pelos "klings e klangs" do Kraftwerk), inventaram uma sonoridade exclusiva.

Da alucinação de "Program" à viagem psicodélica de "Velvet Cave", passando pelo trance total de "Misty Mountain", todas as faixas trazem uma carga de mistério. Dá até medo, às vezes. Porém, assustados mesmo devem estar os caras do Silver Apples. Eles só se reencontraram em 1997. O grupo tinha rompido após o lançamento do segundo disco, *Contact*, fracasso de vendas tão retumbante quanto o primeiro.

Esta edição em CD traz material dos dois LPs oficiais e mais "sobras" preciosas. Faça o possível para incluí-lo na sua discoteca.

Zeca Camargo Nota 10

AFGHAN WHIGS

1965

Columbia/Sony Music – **IMPORTADO**

Rock branco intumescido de sensualidade black

Depois de se apresentar como um cara que tinha um pênis no lugar do cérebro ("Be Sweet", faixa do álbum *Gentlemen*, de 1993), o vocalista e letrista Greg Dulli bem que tentou baixar o facho no irregular *Black Love* (1995). Mas não adianta: ele continua só pensando naquilo. *1965*, quinto disco do grupo americano Afghan Whigs, é sobre sexo e suas circunstâncias: de gemidos explícitos na faixa "Sweet Son Of A Bitch", até uma convocação à Marvin Gaye ("Let's Get It On") na melhor faixa do disco, "John The Baptist". Gravado em Nova Orleans, este álbum mantém intacta as maiores virtudes do grupo – além das letras diretas de Dulli, as guitarras ferozes e sincopadas de Rick McCollum – e adiciona toque do melhor da música negra dos anos 70 em rocks potentes, como "Somethin' Hot" e "Uptown Again". As baladas (recheadas de baby em quase todos os versos, no melhor estilo Elvis Presley) também são legais, mas é na deliciosa "66" que está concentrada a essência da poética despudorada do vocalista: "Venha, coelhinha/ Me mostre o que você tem porque eu sei no que você é viciada". Nem Wando uivaria com tanta sofreguidão.

Carlos Marcelo Nota 8

Jarrett *(de pé)* e Prince Be, do P.M. Dawn: retorno popíssimo

Silva

Lindas babas cósmicas

P.M. DAWN

Dearest Christian, I'm So Very Sorry For Bringing You Here. Love, Dad

Gee Street /Universal Group – **IMPORTADO**

Estes dois manos (Attrell Cordes, o Prince Be, e Jarrett Cordes) estouraram em 1993 com "Set Adrift On A Memory Bliss", baseada em sample de "True", do Spandau Ballet. De lá para cá, a nova ética pop (pagou-pode-chupar) gerou monstros como Puff Daddy, especializado em parasitar hits alheios. O mundo do hip hop se tornou um lugar pior, dominado por gangsterismo e baixaria. Prince Be (cantor, gordoidão e Brian Wilson de plantão), que já era chegado a um escapismo, debandou de vez para o pop.

Neste que é o quinto álbum do P.M. Dawn, não há nada de rap, apenas canto, com harmonizações bonitinhas. Guitarra e piano elétrico substituem samples. A única sucção explícita é uma guitarra de Marc Bolan, do T. Rex (expoente da onda glam na Inglaterra dos anos 70), na maravilhosa faixa "Art Deco Halos". Estranhou o título? Pois tome este: "Halle-Boppe Regurgitations". É, a temática místico-doidona das letras descamba para o nonsense, mas a delícia melódica vale a viagem. Com todo o respeito, é o supra-sumo das babas cósmicas.

Pedro Só Nota 9

VÁRIOS
Ninja Cuts: Funkflexology
Stern's Music Brasil

Selo inglês apresenta eletrônica de bom gosto

Desde que as revistas importadas nos avisaram da obrigatoriedade dos sons sintetizados na música atual, os *loops* vêm se tornando uma saída fácil para qualquer mané dar um toque "moderno" em seu trabalho. De Barão Vermelho a Caetano Veloso, todos devem se sentir os próprios Bono Voxes usando *loops* que soam como computador dando pau.

Esta coletânea do selo inglês Ninja Tunes (uma seleção com a nata de uma série de três compilações) caiu do céu para mostrar que contemporaneidade não é um acessório que se compra na loja de importados. Tudo é dançante, mas a musicalidade e a inteligência não precisam sair da pista por causa disso. Os efeitos sintetizados funcionam a favor de boas idéias. É um disco para *ravers* ou para simples amantes da boa música.

O destaque é o Up, Bustle e Out, que vai de percussão aquática a refrão hispânico. "Stoney Street", do brasileiro Amon Tobin, é um delicioso engavetamento de samba-canção, jazz de araque e jungle. Herbaliser, London Funk Allstars, DJ Food e o 9 Lazy 9 também acertam o alvo. Os chefões do selo, o duo Coldcut, aparecem gloriosos no funk torto de "Atomic Moog 2000". São pílulas com potencial para durar bem mais que a onda tecno. Além dos sons graves sintetizados, o que ressoa na mente após a última faixa é a moral pop: não acredite no *hype*, nada substitui o bom gosto.

Ricardo Alexandre Nota 8

Zappa: talento com exageros

Sygma

Genialidade e escatologia

FRANK ZAPPA

Over-Nite Sensation Nota 9
Zappa In New York Nota 6
Bongo Fury Nota 8
Joe's Garage Nota 9
Broadway The Hard Way Nota 7
Rykodisc/Eldorado
200 Motels Nota 8
ST2
Cucamonga Nota 5
Abril Music

Músico e compositor dos mais completos e influentes, Frank Zappa (1940/1993) tem seu lado Elvis Presley. Assim como o cantor, ele produziu demais e diluiu seu enorme talento em dezenas de discos. Seus dons de compositor, guitarrista, satirista e crítico social geraram não só alguns dos melhores discos de rock de todos os tempos, mas também horas de escatologia e sexismo os mais juvenis, e solos intermináveis.

Joe's Garage, LP triplo (hoje CD duplo) de 1979, é um dos melhores discos de FZ e uma grande ópera-rock, musicalmente bem versátil e uma bela cacetada nos governos totalitários. *Bongo Fury*, de 1975, une Zappa a outro ilustre roqueiro de vanguarda, o cantor e compositor Captain Beefheart.

Broadway The Hard Way, ao vivo de 1988, inclui curiosidades como um dueto com Sting em "Murder By Numbers" (lado B de "Every Breath You Take"). Outro ao vivo, só que duplo, *Zappa In New York* (1977), é desigual, mas interessante, bem tocado o suficiente para esconder um pouco o sexismo de letras como "The Illinois Enema Bandit" – detalhe: esta reedição inclui faixas-bônus, como "Cruisin' For Burgers" (originalmente do disco *Uncle Meat*) e "Punky's Whips".

Over-Nite Sensation, de 1973, é mais simples e acessível (deu a FZ seu primeiro Disco de Ouro), incluindo clássicos como "I'm The Slime", sátira ao poder emburrecedor da televisão, e "Montana", nonsense sobre a arte de plantar fio dental.

200 Motels é a trilha do bizarro filme homônimo de 1971 em que Ringo Starr aparece no papel de... Zappa. Inclui faixas excelentes, como a orquestral "Holiday In Berlin" e a balada country "Lonesome Cowboy Burt".

Cucamonga reúne quase todas as primeiras gravações de Zappa em 1962-64, provando que, apesar de vanguardista, ele adorava rock'n'roll, twist e doo-wop, embora não estivesse à altura dos mestres desses gêneros. Um CD curioso, histórico e até divertido, com pelo menos duas faixas promissoras, "World's Greatest Sinner" e "Jessie Lee".

Ayrton Mugnaini Jr

Para uma roda de amigos

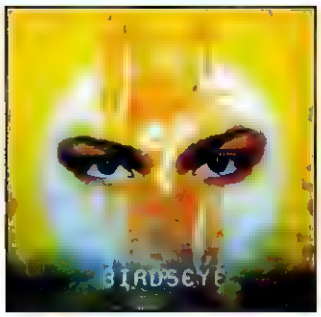
reedição

BRUCE SPRINGSTEEN
Tracks
Columbia/Sony Music

Uma caixa cara, vistosa, ainda mais caprichada do que a média dessas coleções de quatro CDs com encartes generosos, antes um fetiche de consumidores com dinheiro no bolso do que um item realmente indispensável na estante de casa. Além do custo-benefício da caixa, avaliado em função de sua aparência, o que um pretendente a comprá-la deve ter em mente é o que ouvirá nas cerca de quatro horas de música que ela oferece. Aí, não há como resistir à tentação. O roqueiro de New Jersey é bom mesmo no que suas canções têm de mais básico, a melodia e a letra, conforme as versões demo de alguns sucessos demonstram. Bruce Springsteen não é um gênio. É um sujeito médio, como são aqueles que povoam sua música, gente que vai levando a vida sem grandes glórias, sem maiores ambições. Quem sabe, o que de melhor eles poderão guardar deste mundo seja uma boa canção para entoar em uma roda com os amigos. Para boa parte dessa gente, tal canção será sempre "Born In USA".

Celso Masson Nota 9

Bruce em caixa: para quem tem paixão incomum pelo homem comum



TONY RICH PROJECT
Birdseye
LaFace/BMG

Soul contemporâneo com violões e lindas melodias

Quem ama a música negra americana não precisa mais fazer uma força danada para achar geniais *meesmo* os discos de Maxwell, Erikah Baduh, Lauryn Hill e outros talentos da geração atual. Relaxe, o cantor e multi-instrumentista Tony Rich está aqui, e já no segundo disco, para encher seu coração de alegria. O primeiro CD dele, *Words*, também era muito bom, já nessa praia: rhythm & blues contemporâneo com delicadezas acústicas, melodias belíssimas, guitarra slide para sublinhar um romantismo sem baba, aqueles falsetes exatos, sem afetação...

Pode-se dizer também que Tony Rich chegou para facilitar a vida dos fãs de Prince, que não precisam mais zapear entre as centenas de faixas de seus álbuns quádruplos para encontrar pepitas. Elas estão facezinhas aqui: faixa 1, faixa 2, faixa 3... É barbada.

A quinta música, "Bed", com violão e guitarra slide entrelaçados, é tudo que Eric Clapton deveria ter feito com o produtor Babyface (um dos padrinhos de Tony), mas não conseguiu. "Cool Like That" tem o groove mais sexy do ano: como diriam Dorival Caymmi e Marvin Gaye, é dengo, é dengo, é dengo. Mick Hucknall, do Simply Red, se mataria para ter um repertório assim. *Birdseye* é para você nunca mais associar a santa expressão soul music a cantores como Seal.

Pedro Só Nota 9

VÁRIOS
Red Hot + Rhapsody
Universal Group

Standards dos Gershwin em releituras desiguais

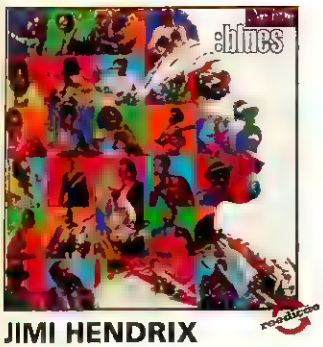
Uma boa causa é sempre uma boa causa, não importa o que digam os cínicos. A Red Hot Organization já levantou 7 milhões de dólares para fundações que combatem a Aids lançando discos quase sempre interessantes.

Já teve de tudo, desde versões contemporâneas de Cole Porter (*Red Hot + Blue*) até incursões no mundo da bossa (*+ Rio*) e da língua portuguesa (*+ Lisbon*). O mais recente, o 12º, homenageia os irmãos George e Ira Gershwin (dois gigantes da canção americana), o que, por si só, garante a qualidade das canções. Já as interpretações – como em todo disco com a chancela *Red Hot* – variam do medíocre ao genial.

O cantor inglês Finley Quaye faz uma versão reggae genial para "It Ain't Necessarily So". A brincadeira de Money Mark (tecladista dos Beastie Boys) sampleando Peter Sellers funciona. A banda nova-iorquina Luscious Jackson e a cantora Natalie Merchant também não fazem feio. Já o Smoke City (grupo inglês de trip hop com a voz da brasileira Nina Miranda) e o senegalês Baaba Maal abusam da paciência.

Mas o que não podia mesmo era "Summertime" – quanto mais em dose dupla! – mesmo que interpretada pelo bom grupo de trip hop Morcheeba e pelo mestre black Bobby Womack. Essa música é como "Stairway To Heaven", deveria ser proibida em novas versões!

Daniel Benevides Nota 7



JIMI HENDRIX
Blues
Universal Group

As raízes do mestre da guitarra

Embora não tivesse nascido no sul dos EUA, Hendrix conheceu música por meio de blues de gente como Muddy Waters e Howlin' Wolf. Essa foi a principal influência em sua formação musical. Neste disco, pode-se ouvir a fera soltando os demônios em clássicos como "Born Under A Bad Sign", em versão instrumental; "Bleeding Heart", de Elmore James; e as próprias "Red House", "Once I Had A Woman" e "Voodoo Chile", todas no melhor estilo do Mississippi. Aí é que pode estar o problema para os roqueiros. As faixas são, em geral, longas ("Hear My Train Coming" chega a 12 minutos), com guitarra, baixo e bateria improvisando sem limites. Ideal para quem gosta de Hendrix, guitarra e blues.

Bernardo Araujo Nota 8

BOB DYLAN
The Bootleg Series Vol. 4 Live 1966 The "Royal Albert Hall" Concert
Columbia/Sony Music

Gravação histórica de uma lenda do rock

Naquela época (1966) Bob Dylan ainda não era nada do que é hoje. Em compensação, de lá para cá, ele não mudou quase nada. O show daquele 17 de maio em Manchester – e não em Londres, como o título sugere – incluía "Mr. Tambourine Man" e "Like A Rolling Stone". Dylan já estava lá, com a voz anasalada, o violão e a gaita, discursando de forma lúcida e veemente como ninguém tinha feito até então, nem John Lennon, nem Jim Morrison. Ele deu consistência inédita, tanto filosófica quanto literária, a um gênero que só servia para a garotada se contorcer e gritar. Até hoje, prestar atenção às letras de Dylan é fundamental para compreendê-lo. Empolgar-se com sua música esquálida já é mais custoso – e era, desde então.

C.M. Nota 8

SPIRITUALIZED
Live At Royal Albert Hall
Dedicated – IMPORTADO

Transe alternativo com pompa e longas digressões

Se o pós-rock é o progressi-vo dos anos 90, este é o novo *Ummagumma* (clássico LP duplo do Pink Floyd). Gravado com toda a pompa do antigo gênero, este CD duplo testa todas as possibilidades do evento ao vivo, extremando – sempre exageradamente – progressões, repetições e superposições, acumulando instrumentos como se o famoso palco londrino sediasse seu último show. A quantidade de som ao longo das quase duas horas faz lembrar o antigo conceito de "liberdade" do free jazz. Acompanhado por coral, sopros e cordas, o Spiritualized mostra que fronteiras devem ser transpostas. Como todo disco duplo, porém, *Live At...* tem muito mais do que precisava ter.

Alexandre Matias Nota 8

Tremenda curtição

reedição

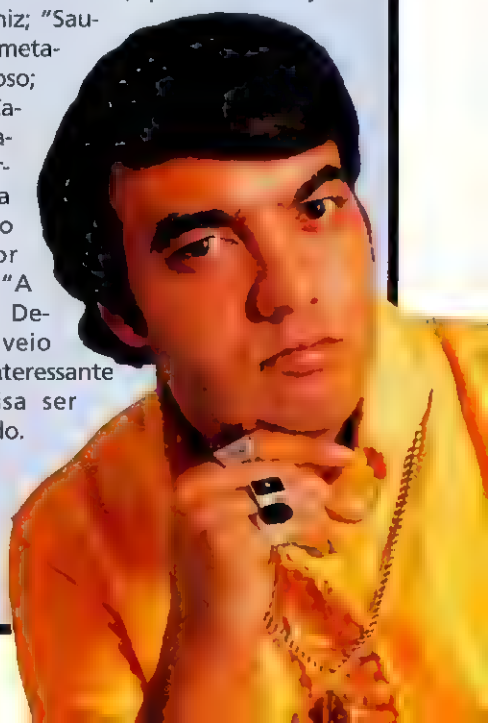
ERASMO CARLOS
A Pescaria Nota 6
Você Me Acende Nota 6
O Tremendão Nota 5
Erasmo E Os Tremendões Nota 8
RGE

Houve um tempo, década de 60, em que ele começava a ser conhecido como "o meu amigo..." Época de rocks ingênuos, de cantar brotinhos e carrões. As guitarras, novidade quase subversiva, tinham som de lata. Cabeludo era aquele cara cujo cabelo cobria um pedacinho das orelhas. Vêm dessa época três dos quatro CDs que a RGE lançou, começando a reparar uma injustiça. Não havia quase nada de Erasmo nas lojas.

A Pescaria, seu primeiro LP solo, lançado em 1964, tem instrumentistas na fronteira do amadorismo, órgão sem-vergonha, rimas em ão e inho. Vale pelas curiosidades: a faixa-título, "Festa De Arromba" e "Minha Fama De Mau" (todas com Roberto), além de "Beatlemania", música em que Erasmo chama os Beatles para a briga. *Você Me Acende*, de 1965, produção mais cuidada, tem bons saques nas versões. Ouça a música-título, "Cuide Dela Direitinho" e o hit "Gatinha Manhosa". Em *O Tremendão*, de 1966, destacam-se "Faz Só Um Mês", "Vem Quente Que Eu Estou Fervendo" e "Estrelinha".

O último disco pela RGE, *Erasmo Carlos E OS Tremendões*, de 1970, é muito mais sofisticado. Pela primeira vez, uma orquestra entrou em estúdio para gravar Jovem Guarda. Começa com "Estou Dez Anos Atrasado", interessante declaração de princípios. Depois tem a curiosíssima "Espuma Congelada"; "Teletema", de Antonio Adolfo e Tibério Gaspar, marco do pop nacional; o samba "Coqueiro Verde", de Erasmo e Roberto, que saudava o jornal *O Pasquim* e Leila Diniz; "Saudosismo", fantástica metabossa de Caetano Veloso; "Sentado À Beira Do Caminho"; e uma "Aquarela Do Brasil" bem formal. Há até um tema instrumental, talvez o único composto por Erasmo e Roberto, "A Bronca Da Galinha". Depois, na PolyGram, veio uma fase pra lá de interessante que também precisa ser recolocada no mercado.

Fábio Rodrigues



O Tremendão volta em momentos impagáveis

Fúria criativa

A vocalista Skin *(com o bocão maior)*, do Skunk Anansie, mostra que sabe mais do que berrar

Sony Music

SKUNK ANANSIE
Post Orgasmic Chill
Virgin

Sabe aquela banda inglesa, às vezes balançada, outras pesadona, que tem ao microfone uma moça parecida com a Daúde? Após dois discos bem-recebidos por público e crítica, *Paranoid & Sunburnt* e *Stoosh*, o Skunk Anansie correu o planeta em uma longa turnê, tirou uns tempos de férias e se reuniu no meio do ano passado para compor e gravar, sem pressa, seu disco mais ousado. *Post Orgasmic Chill* (algo como "Sensação De Frio Pós-Orgasmática) tem a cara da banda. A cantora Skin brinca com o timbre da voz em momentos de calma e de fúria. Às vezes simplesmente canta, caprichando nos vibratos, com um acentuado sotaque soul, como na balada "Tracy's Fall", recheada de peso e clima. Qualquer suspeita de que Skin só sabe berrar se dissipa instantaneamente. Os outros músicos, Ace (guitarra), Cass (baixo) e Mark (bateria) se divertem do início ao fim do disco. Eles passam do mais alucinado jungle ao puro rock'n'roll (como na funkeada faixa de abertura, "Charlie Big Potato"), usam ritmos africanos (Skin tirou férias na Mãe África) e o que mais dá na telha. O resultado é o melhor disco da banda, caso cristalino de talento lapidado e sem medo de ousar, na direção certa.

Bernardo Araujo Nota 8

CULTURE CLUB
Greatest Moments/VH1® Storytellers™
Virgin

Boy George em coletânea com CD-bônus ao vivo

"'Church Of The Poison Mind' foi composta sobre Jon Moss, aqui atrás de mim, na bateria, como a maioria das músicas que fiz na época do Culture Club", diz Boy George, no show gravado em maio de 1998, em Nova York. Era a primeira apresentação de George, de Jon, do baixista Mikey Craig e do guitarrista Roy Hay nos EUA em treze anos. A gravadora não perdeu tempo: lançou este CD duplo com catorze sucessos e o tal show. A seleção é óbvia: "Karma Chameleon", "Victims", "It's A Miracle", coisas que habitam o coração de qualquer fã de música pop. Ao vivo – nos estúdios da Sony –, com a voz mais rouca, Boy George mostra a competência de sempre. Assessorada por vários músicos, a banda capricha, tornando ainda melhores "I'll Tumble 4 Ya" e "Do You Really Want To Hurt Me" – esta última com direito a piada de George: "Sempre me perguntam se esta música (*"Você Quer Mesmo Me Machucar"*) é sobre sadomasoquismo. Acho que é".

B. A. Nota 10

Tempo de sobra para aprontar o barulho

De onde veio o título do disco?
Ace (guitarrista) – Foi idéia da Skin. Ela definiu assim o momento em que nos encontramos para começar a compor, depois de três anos em turnê e mais as férias, quando cada um foi para um canto (*n.do e.: África, Índia e Itália foram alguns dos lugares visitados*).

Você acha que ele tem uma sonoridade mais pop do que os anteriores?
Cass (baixista) – Não, acho que ele é mais pesado. Tem canções pop como "Lately", mas o todo é bem maciço, mais do que nos CDs anteriores. Não é o tipo de música que se ouve na MTV americana, por exemplo.

Vocês tiveram tempo à vontade para gravar?
Cass – Sim, ao contrário dos outros CDs, que gravamos em meio a shows, excursões e festivais. Agora pudemos usar mais efeitos, samplers e até uma orquestra! Somos pessoas muito diferentes, temos uma grande avenida a explorar.

Há alguma chance de vocês passarem pelo Brasil?
Ace – Só começamos a turnê em maio, porque a gravadora, sabe-se lá a razão, vai segurar o lançamento do disco até março. Sou um amante do Brasil, já estive no Rio e na Bahia, adoraria voltar para algumas apresentações por aí.

GRAFORRÉIA XILARMÔNICA
Chapinhas De Ouro
Nevada

Humor inteligente e anárquico à gaúcha

Esqueça a lógica mamônica bonadiana que assassinou o conceito de rock bem-humorado. Se for para sepultar e generalizar o rock inteligente e com sacadas de bom humor, fica combinado que a obra de Frank Zappa não tem valor (você não concorda, com isso, espero). Graforréia Xilarmônica é um quarteto sulista de iê-iê-iê dos anos 80 que segue fazendo rock do bom (e com bom humor). *Chapinhas De Ouro*, a segunda vinda de garotos que, como nós, amam os Beatles e o Roberto Carlos, reafirma a capacidade criativa de uma banda especializada em divertir. Soma de bons músicos, sacadas pouco convencionais, vocação pop e sinceridade, a Graforréia faz canção de amor para o cão do baixista ("Beethoven"), grava clássicos locais ("Eu", "Colégio Interno") e sambas de churrascaria (rebatizados como benga music) e conta histórias hilárias ("Mixto Quente", de frases como "ele era um misto de Francisco Cuoco com Tarcísio Meira" e "sua boca de Brigitte Bardot beijei muitas vezes", fala de um romance conturbado por questões térmicas: "Se amavam mas não podiam fazer amor/ Quando se pelavam, um morria de frio e o outro de calor"). A Graforréia ajuda a explicar por que o Rio Grande do Sul tem a melhor qualidade de vida do país.

Marcelo Ferla Nota 9

BABYBIRD
There's Something Going On
Echo/Universal Group

Para fãs do Echo & The Bunnymen e de trip hop

O segundo álbum deste grupo-de-um-homem-só (Stephen Jones) foi apontado pelo jornal inglês *New Musical Express* como um dos melhores de 1998, o que nem sempre quer dizer alguma coisa. No caso, porém, pode confiar. A voz de Stephen lembra bastante a de Ian McCulloch, do Echo, proximidade sublinhada pelo gosto semelhante por melodias épicas e o mesmo despudor de enxertar la-la-la-las nas letras. Na excelente "First Man On The Sun", os arabescos da guitarra e as rufadas de caixa soam como homenagem aos Bunnymen.

No resto do disco, a roupagem é mais contemporânea, trip hop. A declamada e sensual "The Life" é o que Jim Morrison estaria fazendo em 1998: "Tenho esse primarismo de lixo branco lambendo meu crânio e é tão gostoso". A primeira faixa, "Bad Old Man", é uma grande canção à Portishead, com perturbadora letra: "Afogou seu enteado no lago escuro/ Soltou um cara que bate na mulher para fazer uma canção pop/ Colocou giletes no sorvete".

Stephen também se arrisca em baladas ultra-românticas – umas, belíssimas; outras, exageradas. Antes de montar a banda, havia lançado cinco discos – gravações em 4 canais. Pode ser que Stephen Jones seja rapidamente esquecido, mas, se ele se suicidar amanhã, vira lenda.

Pedro Só Nota 8

Quando o jazz era doidão

COLEMAN HAWKINS Nota 9
Rainbow Mist
ERIC ALEXANDER Nota 7
Mode for Mabes
SUN RA Nota 7
Sun Song
Delmark/Abril Music

Gravado por Coleman Hawkins com uma big band de primeirissima (Dizzy Gillespie e Ben Webster, entre outros), *Rainbow Mist* registra um daqueles momentos em que algo novo surgiu espontaneamente no estúdio. Foi nada menos que o bebop, provavelmente a grande revolução do jazz até o surgimento de outro Coleman, Ornette, que nos anos 60 inventou o free jazz. *Rainbow* também é fascinante pela qualidade dos músicos e das composições. Se naquela época (anos 40) o jazz era matador, hoje, mais careta, ele costuma desperdiçar até o virtuosismo dos instrumentistas.

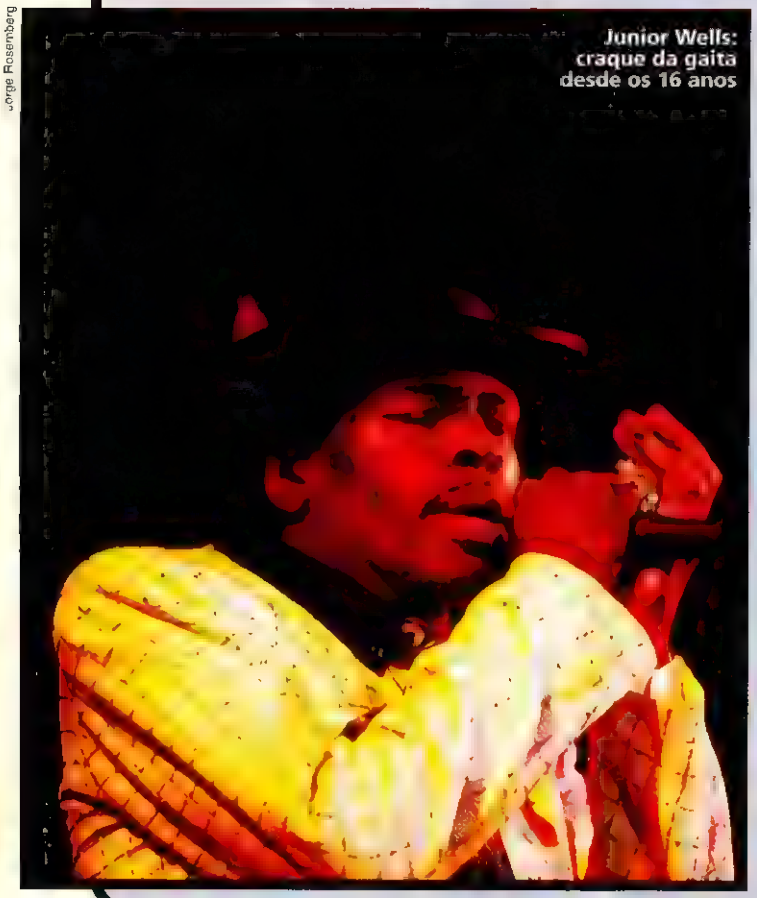
O saxofonista Eric Alexander acerta justamente por não pretender reinventar o gênero. Segue os mestres soprando com convicção assustadora. Entre Hawkins e Alexander há Sun Ra, músico que, dez anos antes dos hippies, queria transformar o mundo com a música. "A música pinta imagens que só o olho da mente por ver", dizia. Sua capacidade de desenhar além do óbvio pode ser conferida em *Sun Song*, uma espécie de visão do futuro colhida há mais de quarenta anos.

Celso Masson

Reprodução

Coleman Hawkins fez uma revolução no jazz

Timaço do Chicago Blues


Junior Wells: craque da gaita desde os 16 anos

Jorge Rosemberg

JUNIOR WELLS
Blues Hit Big Town Nota 9
MAGIC SAM
West Side Soul Nota 7
DAVE SPECTER & LENNY LYNN
Blues Spoken Here Nota 5
(Delmark/Abril Music)

Além da importância histórica, o disco de **JUNIOR WELLS** tem levadas arrebatadoras do gaitista. Num registro de junho de 1953 (nos primórdios do tradicional selo Delmark), ele está acompanhado de seu grupo, The Aces, mais o pianista Johnnie Jones e Elmore James na guitarra. A segunda sessão, de abril de 1954, traz Wells ao lado de Willie Dixon (baixo) e Otis Spann (piano) na banda de Muddy Waters. Wells se celebrizaria depois em carreira solo e na parceria com o guitarrista Buddy Guy, mas **Blues Hit Big Town** prova que sua excelência na gaita vinha desde o começo da sua carreira (substituiu Little Walter aos 16 anos na banda de Muddy).

Outro destaque do blues de Chicago é o guitarrista **MAGIC SAM**, com seu peculiar dedilhado na mão direita. Neste álbum gravado em 1967, ele vai do blues urbano ("I Don't Want No Woman" e o clássico "Sweet Home Chicago") até influências explícitas de rhythm & blues ("That's All I Need").

Já o guitarrista **DAVE SPECTER** e o vocalista **LENNY LYNN** fazem parte de uma nova geração. Tentam fundir a tradição rítmica do estilo à sofisticação do jazz. Acompanhados por um naipe de metais (com o sax tenor de Eric Alexander), conseguem bons resultados na faixa-título, em "Señor Blues" e em "Boss Funk", mas nada supera o que os velhos bluesmen já apresentavam há mais de quarenta anos.

Celso Pucci

DEPECHE MODE
The Singles 86-98
Mute/Paradoxx Music

Tecnopop sensível faz retrospectiva

Já era hora de uma coletânea como esta sair. Afinal, o Depeche Mode pós-*Black Celebration* (1986) é uma entidade bem diferente daquele grupo cujo perfil está delineado em *The Singles 81-85*. A essência do som pode ser a mesma, mas um músculo foi incorporado: um coração, dos mais sensíveis, pronto para ser ferido por qualquer coisinha. É ele que pulsa no romantismo à beira do desespero de "A Question Of Lust", na declaração de amor submissa de "Behind The Wheel" e em "I Feel You", cuja base guitarrística chocou os fãs. A angústia se reflete nos arranjos, como se verifica no gospel sintetizado "Condemnation" – assim como "Home" e "It's No Good", uma boa canção a que esta coletânea dá uma segunda chance. Há ainda a inédita, "Only When I Lose Myself", e um single de 1988 lançado só na França, "Little 15".

Jaime Biaggio Nota 8

THIEVERY CORPORATION
Sounds From The Thievery Hi-Fi
Natasha Records

Grupo americano tira onda com elementos jamaicanos

Difícil saber de onde vem o Thievery à primeira audição. O sotaque pesado, as linhas de baixo guturais e a fumaça no ar fazem pensar em Jamaica. A precisão sintética e a frieza no tratamento tecnológico nos deslocam para o Reino Unido. O sincretismo musical e o tratamento pop remetem a algum estúdio caseiro na Costa Leste dos EUA. Fique com a terceira opção: Eric Hilton e Rob Garza descem de Washington D.C. com sinuosos paraísos artificiais canábicos ("2001 A Spliff Odissey", "Universal Highness" e ".38.45, Walking Through Babylon"). O flerte com instrumentos incomuns e com a bossa-nova (Bebel Gilberto surge na mal grafada "Mañha") mostra que os dois curtem lounge music e manjam de trip hop. Seu CD é ideal para tirar onda com os amigos.

Alexandre Matias Nota 8

THE BOBBY FULLER FOUR

I Fought The Law/KRLA – King Of The Wheels

Del-Fi/Abril Music

Incendiárias gravações de um lenda do rock'n'roll

A carreira do quarteto de Bobby Fuller teve um fim trágico e repentino, mas deixou sua marca no rock'n'roll. Inicialmente fã de Buddy Holly, o guitarrista e vocalista texano começou a fazer sucesso no circuito de sua cidade natal, El Paso. Ao se mudar para Los Angeles, Fuller tomou contato com a surf music, especialmente em sua variante hot rod, falando de carrões "quentes" (que lhe rendeu hits como "King Of The Wheels" e "The Lonely Dragster"). Mas não deixou de lado o autêntico espírito *rocker* em canções antológicas, como "She's My Girl", "Let Her Dance" e a famigerada "I Fought The Law' (composta por Sonny Curtis, guitarrista do grupo de Buddy Holly, The Crickets), posteriormente regravada pelo Clash.

Em 18 de julho de 1966, Fuller foi encontrado morto dentro de seu carro, estacionado em frente de sua casa, em Hollywood. A polícia classificou como suicídio, embora o corpo apresentasse marcas de violência e sinais de que ele teria ingerido gasolina. Fuller tinha apenas 22 anos. Este CD reúne os dois álbuns que lançou, mais sete faixas-bônus. Dentre elas, destacam-se dois singles da mais pura surf music ("Thunder Reef" e "Wolfman"), uma canção de Buddy Holly ("Love's Made A Fool Of You") e a última música que Fuller gravou (a protopsicodélica "The Magic Touch").

C. P. Nota 9

ITAMAR ASSUMPÇÃO

Pretobrás – Por Que Eu Não Pensei Nisso Antes...

Atração

Um raro talento afronta as baixarias do mercado

Herói, com Arrigo Barnabé, da finada Lira Paulistana, Itamar havia se aproximado do pop nos últimos anos, especialmente na trilogia *Bicho de Sete Cabeças* (1993/94). No novo disco, reata o nó experimental dos tempos de *Beleléu* (1980), agora com apuro técnico com que nem sonhava naquela época. O resultado é um disco difícil, que nunca cede aos ditames do mercadão, e, na mesma medida, repleto de achados poéticos/musicais/intelectuais.

Cabem melancolia ("Dor Elegante"), poesia ("Olho No Olho"), humor ferino ("Outras Capitais", "Abobrinhas Não", "Reengenharia'), até crítica política ("Cultura Lira Paulistana", que abre o CD num confronto tácito com axés, pagodes e outras tiriricas que empesteiam o ar MPB). Talvez mais pop ele fosse ainda mais eficaz, mas Itamar ainda é Itamar. Há poucos como ele por aí.

Pedro Alexandre Sanches Nota 9

Divulgação

Sugar Ray: mais hits na manga

Fôlego para fama

SUGAR RAY

14:59

Atlantic/Continental

Quem ouviu a bonitinha "Fly", que fez decolar a carreira do quinteto californiano Sugar Ray em 1997, cantou junto ("Eu só quero voar/ Me envolva em seus braços, baby") e mexeu os quadris, desconfiando de que o sucesso do cantor Mark McGrath – o símbolo sexual do momento entre menininhas roqueiras de 13 anos ou menos – e seus companheiros não duraria mais do que os 15 minutos da praga de Andy Warhol. Essa perspectiva foi tão difundida que os rapazes aproveitaram para, em gesto de autoironia, chamar o disco seguinte de *14:59*, o último segundo antes de se esgotar o tempo regulamentar.

Mas é muito provável que o jogo vá para uma longa prorrogação. Sem assumir rótulos, a bem-humorada banda une guitarras, boas melodias, discretas batidas eletrônicas e o trabalho de Craig *DJ Homicide* Bullock em um saudável caldeirão pop-dançante. Variadas influências estão no CD, notadamente as dos anos 80 ("Personal Space Invader" é uma perfeita liga de Talking Heads e Devo), tão em voga neste final de milênio. A melódica "Every Morning", primeira música de trabalho do disco, está emplacando. E ainda tem uma ótima versão de "Abracadabra", sucesso de Steve Miller, para sacudir o esqueleto.

Bernardo Araujo Nota 9

Livres da mesada

Depois de todo o sucesso de "Fly" em 1997, por onde vocês andaram no ano passado?

Murphy (baixista) – A turnê acabou em março de 1998. Tiramos um mês de férias e voltamos a ensaiar e compor. Como não somos o tipo de banda que escreve canções na estrada, precisamos de tempo.

O que mudou com o sucesso, após dez anos de carreira?

Foi maravilhoso vender 2 milhões de discos. Teria sido melhor se não tivesse acontecido por causa de apenas uma canção, mas não sou eu quem vai se queixar. A vida da gente não ficou muito diferente, apenas agora consigo ver os jogos do meu time de hóquei e pagar o aluguel sem pedir ajuda à minha mãe.

A entrada do DJ Muggs, em 1994, foi decisiva para o sucesso?

Com certeza. Muggs, além dos *scratches* (sons extraídos da manipulação do toca-discos), ruídos e efeitos, atua como segundo guitarrista e cantor.

Por que vocês regravaram "Abracadabra", hit nos anos 80?

Os produtores do seriado *Sabrina, The Teenage Witch* nos ofereceram uma grana para fazer isso. Aceitamos, claro.

DEEP PURPLE

30: Very Best Of

EMI Music

Antologia festeja banda clássica do rock

O que o Deep Purple tem de melhor? A voz de Ian Gillan, as frases da guitarra de Ritchie Blackmore, o Hammond de Jon Lord, a combinação de berros de David Coverdale e Glenn Hughes... é só escolher. Comemorando os 30 anos de *Shades Of Deep Purple*, primeiro LP da banda, ainda com Rod Evans na voz e Nick Simper no baixo, sai esta coletânea óbvia, porém essencial para quem não possui seus álbuns de carreira. O lançamento se segue às reedições com bônus de discos, como *Machine Head* e *Fireball*, que apareceram nos respectivos aniversários de 25 anos. Em versões remasterizadas – "Smoke On The Water" valoriza mais o subestimado baixo de Roger Glover –, lá estão canções de todas as fases. "Hush", "Black Night", "Speed King", passando por "Highway Star", "Burn" e chegando a "Perfect Strangers" e "Any Fule K no That", com a formação atual, que tem o virtuoso americano Steve Morse no lugar que já foi de Blackmore.

Bernardo Araujo Nota **10**

FUN LOVIN' CRIMINALS

100% Colombian

Grand Royal/EMI Music

Trio americano mostra seu lado cool no segundo álbum

Mais bem conhecido na Europa do que nos EUA (Bono, do U2, é fã), o grupo nova-iorquino Fun Lovin' Criminals recorreu a um grande ídolo da década de 70 para tentar virar o jogo. Barry White é o tema da letra de "Love Unlimited" (nome da orquestra do cantor), primeiro single do segundo CD dos Criminals, *100% Colombian*. Com ajuda de saxofone e piano, o trio recupera climas enfumaçados do funk e do jazz e só usa as guitarras – que agitaram seu álbum de estréia, o aditivado *Come Find Yourself* (1996) – duas vezes: no hardcore "10th Street" e na pesada "South Side". As outras faixas, como "Sugar" (sampleando o mesmo *groove* que Gabriel O Pensador usou em "Cachimbo Da Paz": "One On One", clássico do soul branco – oitentista – da dupla Daryl Hall & John Oates) e "Up Go The Hill", são suingadas e sussurradas, sem a adrenalina contagiante do primeiro disco, mas, ainda assim, agradáveis.

Carlos Marcelo Nota **7**

A alma da soul music

BOOKER T. & THE MG'S

Time Is Tight

Stax/Fantasy – **IMPORTADO**

Grupo de importância capital na história da música popular americana, o Booker T. & The MG's nem sempre é lembrado como deveria, principalmente sabendo-se que seu guitarrista, o sucinto Steve Cropper, foi eleito recentemente pela revista inglesa *Mojo* o segundo melhor do mundo

O quarteto de Memphis nunca foi um estouro popular, talvez por ser instrumental, mas sempre freqüentou as paradas de pop, R&B e *easy listening* – na maioria das vezes, ocupando as três ao mesmo tempo. Como banda de apoio e como produtores, seus integrantes foram responsáveis ou estiveram por trás de 95% das gravações do selo Stax – e, por tabela, da Atlantic – e de Otis Redding a Wilson Pickett. Deram forma, portanto, a arquétipos cruciais da soul music. Em carreira própria lançaram onze álbuns, de 1962 a 1971, compilados nesta caixa junto com algumas faixas dos anos 90. São ao todo três CDs e um libreto de 48 páginas. Engloba do primeiro clássico, "Green Onions", de 1962, até contribuições mais recentes, como banda de apoio de Neil Young e de Bozz Scaggs. São temas que alimentaram o funk, o acid jazz e até os nossos Tim Maia e Roberto Carlos. E que continuam sendo usados como combustível para toda a música pop.

Sérgio Barbo Nota **9**

REVISTA SHOWBIZZ
Para anunciar ligue:
Tels: (011) 3037-4741
3037-5868
3037-5474

A mais completa em novidades e raridades
sempre os últimos lançamentos dos EUA, Europa e Japão
Enviamos para todo país.
Aceitamos cartão
Rua 24 de maio, 116 - Rua Alta
Loja 15 - cep 01041-000 - Centro - SP
LONDON CALLING
CD'S - VHS - LD'S
(011) 223-5300

CAPITAL INICIAL

ATRÁS DOS OLHOS

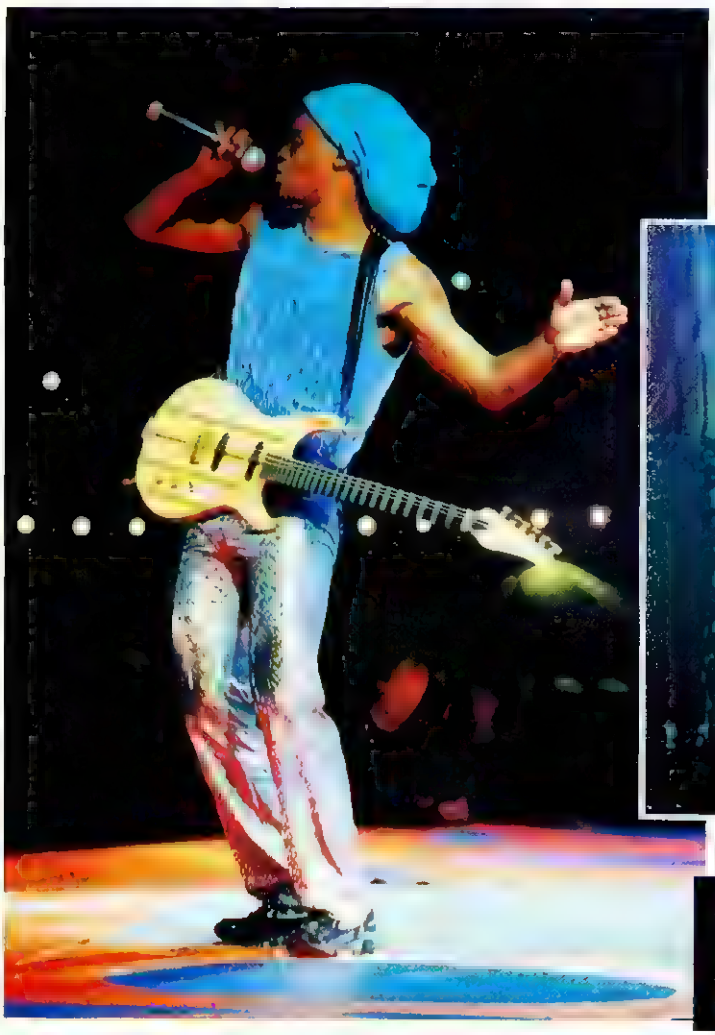
Incluindo os hits
"1999"
e "O Mundo"

EMI Music

Já nas lojas.

Abril Music
www.abrilmusic.com.br

AoVivo



Toni Garrido *(à esq.)*, Brown e Marisa, e Fernanda, do Pato Fu: vários Estados presentes

Foto: Divulgação

Pajela

Festival de Verão

Parque de Exposições (Salvador), 20 a 24/01

O projeto era ambicioso: 27 ecléticos shows com atrações nacionais e regionais de axé music (Daniela Mercury, Ivete Sangalo, Timbalada, Cheiro De Amor, Chiclete Com Banana, Netinho, Ara Ketu, Olodum), pagode (Terrasamba, É O Tchan, Soweto, Art Popular), pop&rock&funk (Arnaldo Antunes, Pato Fu, Fat Family, Carlinhos Brown, Jota Quest, Biquíni Cavadão), reggae (Cidade Negra, Nativus, Edson Gomes) e forró (Magníficos, Colher De Pau) durante cinco dias numa área de 90 mil metros quadrados, incluindo até a estréia do alternativo e paulistano Mercado Mundo Mix em praias baianas.

Tão ambicioso que até o jingle chupava o indefectível tema do Rock In Rio. Tudo em nome de um motivo *cool* – o aniversário de 450 anos da capital baiana. O público total de 150 mil pessoas correspondeu à expectativa da produção de 1,5 milhão de reais, pagando, inclusive, para servir de coadjuvante de quatro especiais da Rede Globo, que gravou a pajelança (com direito a tomadas de um helicóptero barulhento que merecia ter sido atingido por um míssil disparado da platéia) para futuras exibições do *Som Brasil*.

E o saldo, no geral, foi positivo. Sobretudo pela mistura de estilos (diversidade não é uma marca dos anos 90?) e pelas performances de Pato Fu, Carlinhos Brown, Jota Quest, Cidade Negra e Daniela Mercury. A ainda rainha do axé estreou nacionalmente seu novo show, *Elétrica*, com cenário de Gringo Cardia, levantando a turba com uma banda afiada e um gás aeróbico de fazer inveja a Madonna pré-Lourdes Maria. Na mesma noite, já de madrugada, o Cidade Negra realizou a melhor apresentação de sua carreira nas ensolaradas praias sotero-

Pop com fervor religioso

PJ Harvey

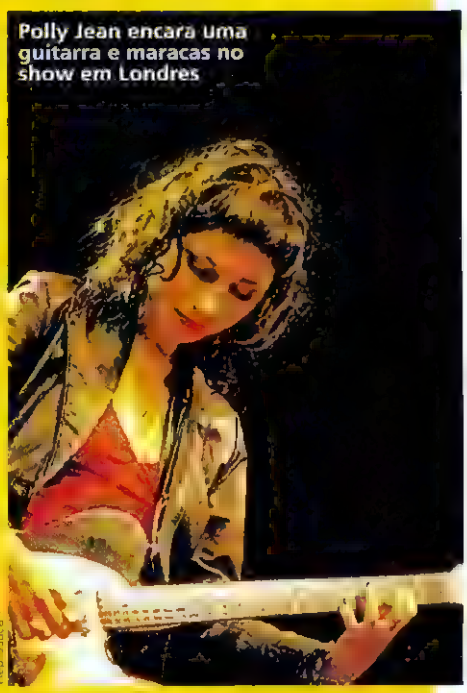
Shepherd's Bush (Londres), 13/12

Depois de um período de hibernação, a musa dos desesperados voltou a empunhar sua guitarra, ao lado de uma banda entrosada e versátil. Totalmente à vontade em duas noites de lotação esgotada, PJ Harvey levou o público a uma viagem de montanha-russa pelo seu mundo particular de dinâmicas, climas e texturas musicais. Nem mesmo uma gripe forte impediu a moça de mostrar sua competência na voz (que é muita), além de dançar e tocar guitarra e maracas, com o diabo no corpo.

Os músicos que a acompanham nesta turnê são velhos conhecidos: John Parish (guitarra, baixo e bateria) é parceiro de composição e produção desde 1995; Robert Ellis (bateria, percussão eletrônica e vocais) tocou nos seus dois primeiros discos; Eric Drew Feldman (teclado, baixo) já foi integrante do Pixies, Pere Ubu e Captain Beefheart, e Jeremy Hogg (guitarra) participou de apresentações na turnê promocional do CD *Dance Hall At Louse Point*. Essa formação faz fluir bem o show, à medida que os músicos vão trocando de instrumentos durante 90 minutos de transe coletivo.

PJ, que interpreta Maria Madalena no novo filme de Hal Hartley, é adorada com um fervor quase religioso. Os fãs vão da gritaria ao silêncio absoluto seguindo os sinais de sua diva. Todos ansiosos para ver como ela traduz no palco as músicas puxadas para a eletrônica do novo trabalho. Ou em ouvir canções perdidas de seus outros cinco álbuns. Ao brindar o público com versões ainda mais orgânicas de quase todo o excelente *Is This Desire?*, boa parte de *Dance Hall...* e algumas pérolas pinçadas de sua sólida carreira, a moreninha prova estar em grande forma. Ave Polly.

Pedro Serra



Polly Jean encara uma guitarra e maracas no show em Londres

Reprodução

nça Baiana

politanas. A banda carioca segurou muito bem o público ligando hits antigos ("O Erê", "Minha Irmã" e "Aonde Você Mora", com canja pouco convincente de Margareth Menezes) e novos ("Ponto de Mutação", "Sábado À Noite") e voltando duas vezes ao palco.

Mr. Brown, no terceiro dia, fez bonito e mostrou ter evoluído desde a estréia solo com "Alfagamabetizado" (96). A influência soul impressa por Marisa Monte ao disco *Omelete Man* chegou ao palco, com ela auxiliando luxuosamente o parceiro em "Busy Man", "Magamalabares" e empunhando guitarra na inédita e breguinha "Amor, I Love You".

Quando detonou o sucesso "A Namorada" e as novas "Omelete Man" e "Faraó" (transformado numa das músicas do verão baiano 99), o fervilhante senhor do Candeal fez juz ao sobrenome artístico Brown e ensandeceu 30 mil cabeças, quadris e pés.

Na noite de encerramento do festival, Pato Fu e Jota Quest fizeram um tutu à mineira de dar água na boca e vontade de repetir o prato. Em especial o Pato Fu. No melhor show do evento, Fernanda (impecável nos belos e afinados vocais), John, Ricardo e Xande exibiram boa maturidade na interação entre punch, criatividade e delicadeza em canções como "Antes Que Seja Tarde", "Porque Te Vás", "A Necrofilia Da Arte", "Pinga", "Eu Sei" (Legião) e a esquizofrênica "Capetão".

O Jota Quest segue melhorando em sua apropriação da fase soul de Roberto Carlos. Tanto que, além de cantar "Se Você Pensa" (do álbum básico *O Inimitável*, do Rei), Rogério Flausino deveria sempre explicar ao público a principal fonte que abastece atualmente a banda. Isso à parte, o grupo sabe como ganhar uma platéia com "De Volta Ao Planeta", a esperta "Sempre Assim", o chiclete "Fácil" e a neogospelmargarina "Oh, Happy Day", registrada pela rapaziada no CD *5 Anos De Chaos*.

Hagamenon Brito

Chico capricha na banda e no repertório do show

Firm
iné

Chico Buarque

Canecão, Rio de Janeiro 8/1

No ano em que completa 55 anos – e mais de trinta de carreira –, Chico Buarque, teoricamente, deveria estar mais seguro no palco, com a garganta em forma e as letras na ponta da língua. Das quatro supostas condições, só a voz apresenta melhora visível, ou melhor, audível. Outrora vacilante, o cantor Chico exibe no show *As Cidades* uma inédita firmeza, eventualmente até esnobando com falsetes e outras bossas.

Ao aparecer no palco do Canecão lotado ao som dos primeiros acordes do baião "Paratodos", ele tem o nervosismo estampado no rosto – apesar do sorriso. O coro da platéia parece confortá-lo, mas não a ponto de refrescar sua memória quanto à letra do ótimo samba "Amor Barato". Um tanto trêmulo, ele omite duas vezes a parte que esqueceu. Quando alguém pede "Carolina", ele ainda encontra bom humor para responder: "Essa não, que vocês sabem a letra. Vou cantar uma nova que, se eu errar, ninguém percebe". O show se anima em "A Volta Do Malandro" e "Homenagem Ao Malandro", e cai para a lenta e melódica "A Ostra E O Vento", em que se destaca a tecladista Bia Paes Leme, num dueto vocal com Chico.

É por aí que se pode perceber um dos grandes trunfos do autor de "Roda Viva": a banda. Ele tem dois dos maiores bateristas da MPB. Sentado atrás dos tontons

eza
dita

está Wilson das Neves, quarenta anos de samba, concentrado como um físico nuclear. Ao lado, de pé, sacode-se o gordinho Chico Batera, desviado para a percussão. Outros destaques são o minúsculo baixista Jorge Hélder e Marcelo Bernardes, responsável pelos sopros. Comandando tudo ao violão fica o diretor musical Luiz Cláudio Ramos, ás das seis cordas e parceiro de Chico em "Sonhos Sonhos São". Os arranjos variam, privilegiando a cada hora um instrumento e eventualmente os dois violões, como em "Sem Você", de Vinícius de Moraes, que Chico canta para homenagear Tom Jobim.

Quem tem o repertório de Chico Buarque pode jogar papeizinhos para o alto e sortear as canções: de qualquer jeito, terá um bom show. Mas o roteiro é caprichado. Além de nove das músicas de *As Cidades*, ele intercala clássicos como "Construção" (em genial arranjo dissonante), "Cotidiano" e a imprevista "Vai Passar" (na segunda das três voltas ao palco) com surpresas como a latina "Como Se Fosse A Primavera" e a ótima "Bancarrota Blues", parceria com Edu Lobo que Chico usa para apresentar a banda. Também inesperada é a seqüência com "Aquela Mulher", "Sob Medida", "O Meu Amor" e "Teresinha", todas do ponto de vista feminino. Chico, que jamais gravou nenhuma delas, interpreta acompanhado pelo público. Em suma: esquecendo, tremendo ou desafinando, Chico Buarque continua sendo covardia.

Bernardo Araujo

Champanhe supernova

New Order

Alexandra Palace, Londres 31/12/98

O preço do ingresso era salgado de fazer a pressão subir. O tal Alexandra Palace, realmente um palácio dos mais imponentes, usado normalmente como local de feiras e exposições, fica lá na proverbial casa-do-melhor-amigo-do-homem, a léguas do centro de Londres. E a estrutura era de festival independente, o que, somado a uma lotação que devia esbarrar nas 12 500 pessoas esperadas pela produção, resultava em banheiros iguais ao de *Trainspotting* e uma guerra dos 100 anos para comprar uma mísera cerveja. E daí?

Na outra ponta da via-crúcis estava o Réveillon dos sonhos de quem se entedia todo fim de ano com fogos de artifício e são silvestres: a megafesta *Temptation*, com DJs (os Chemical Brothers, inclusive) e shows ao vivo (entre os quais o projeto tecno *Underworld*) até as seis da manhã. E, como bênção de Ano Novo, uma apresentação do New Order.

Um traço marcante da banda na versão 98/99 é a paz de espírito com relação às músicas do Joy Division (encarnação anterior do grupo, sepultada com o suicídio do vocalista Ian Curtis, em 1980). Aberto com "Regret", de 1993, o show logo voltou no tempo a bordo da histórica "Isolation", que compôs o repertório do Joy ao lado de "Heart And Soul", "Atmosphere" e o clássico dark "Love Will Tear Us Apart".

Nada disso implica em depressão (contraproducente numa festa de ano novo): Bernard Sumner canta tais músicas de cabeça erguida, com a confiança de quem já exorcizou o passado. Entre uma e outra, a banda toca seus hits, como "Bizarre Love Triangle" e "True Faith", com uma vitalidade quase agressiva, que expõe o parentesco com o material antigo. Ao vivo, a linha de frente do New Order (Bernard e Peter Hook) raciocina como uma banda de rock e os choques entre a guitarra cortante do primeiro e os tentáculos do baixo do segundo soltam faíscas (embora o som no salão central do Alexandra Palace estivesse uma craca). No bis, o clima de deixa-rolar é explicitado através de uma "Blue Monday" nada ortodoxa, devidamente anarquizada pela canja vocal do tortaço Bez, dançarino/tocador de zona oficial dos Happy Mondays e Black Grape (basicamente, o vagabundo mais bem-pago do pop mundial).

Antes disso, chega a meia-noite. E ninguém se toca. Uns dois minutos depois, durante uma trégua no desmoronamento rítmico de "Temptation", Bernard pega o microfone e diz, sucintamente: "...Já é ano novo". Nesse momento, o painel no fundo do palco, que até então exibira os dizeres "Temptation – New Order – 31/12/98", altera a data para 01/01/99. Está consumada a passagem do ano, sem contagens regressivas bostas nem votos sentimentalóides de muita-paz-muita-saúde.

Jaime Biaggio

EntreLeitores

Este é o espaço para fazer contato com quem aprecia o mesmo som que você, vender ou trocar fotos, discos e material sobre seus artistas favoritos, procurar músicos para a sua banda, divulgar seu fã-clube, seu fanzine...

CORRESPONDÊNCIA

Fãs de Air Supply
Lucimara Lamy – Avenida Monte Pirapirapuã, 431 A – Bairro Itaim Paulista – São Paulo, SP – CEP 08120-560

Fãs de All Saints e Boyzone
Manuela Vasconcellos – Avenida Alfredo Baltazar da Silveira, 339/1002, bloco 2 – Barra da Tijuca – Rio de Janeiro, RJ – CEP 22790-000

Fãs de The Doors e Jimi Hendrix
Fabiano Rodrigues – Rua Barão de Taquari, 230 – Diadema, SP – CEP 09961-670

Fãs de Garbage
Edna Gonçalves – Caixa Postal 562 – Jundiaí, SP – CEP 13201-970

Fãs de Legião Urbana
Danúbia de Andrade – Rua Doutor Pedro de Aquino Ramos, 36 – Bairro Granber – Juiz de Fora, MG

Fãs de Legião Urbana II
Maysa Gomes – Rua Maracatiara, 56 – Bairro Nova Floresta – Porto Velho, RO – CEP 78914 540

Fãs de Legião Urbana e Raul Seixas
Ana Damaceno – Rua Cristiano Olsen, 1660 – Araçatuba, SP – CEP 16015-190

Fãs de Marilyn Manson
Esther de Camargo – Rua Peixoto Gomide, 326, apt^{o} 32 – Bairro Jardins – São Paulo, SP CEP 01406-000

Fãs de Marisa Monte e Skank
Rodrigo de Oliveira – Rua dos Violinos, 277/202 – Conjunto Califórnia – Belo Horizonte, MG – CEP 30850-700

Fãs de Nirvana
Ronan Donald – Rua Brasília, 109 A – Bairro São Lázaro – Manaus, AM – CEP 69073-000

Maníaco por Nirvana quer se comunicar

Reina/Charles Peterson

Fãs de Pink Floyd e U2
Daniel Kuhn – Avenida Crestani, 515 – Centro – Palma Sola, SC – CEP 89985-000 – Tel.: (049) 852-0258 e fax: (049) 852-0119

Fãs de Prodigy e Racionais
Alessander – Travessa Ceará, 22 – Centro – Rio do Sul, SC – CEP 89160-000

Fãs de Oasis e Verve
Tâmara Rodrigues – Rua Henriqueta Ferrari, 208 – Bairro Nova Lorena – Lorena, SP – CEP 12600-000 – Tel.: (012) 553-3369

Fãs de Smashing Pumpkins
Mariana Ottoni – Rua U, 82, quadra 01, lote 31 – Conjunto Vila Bela – Goiânia, GO – CEP 74310-300

Fãs de U2
Carina de Castro – Rua Cruz e Souza, 335, casa 10 – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20745-000

FÃS-CLUBES

Backstreet Boys
Nick Carter Official Fan Club Brazil – Rua Roberto Sampaio Ferreira, 63 – Bairro Campo de Fora – São Paulo, SP – CEP 05848-150 – e-mail: raropi@zaz.com.br

Blitz
A 2 Passos do Paraíso – Rua José de Bello, 220 – São Sebastião do Paraíso, MG – CEP 37950-000

Capital Inicial
Veraneio Vascaína – Quadra 01, conjunto H, casa 315 – Setor Norte – Gama, DF – CEP 72430-010

Ivete Sangalo
Ivete Club – Rua Lúcio Martins Rodrigues, 330, apt^{o} 34 – Bairro Morumbi – São Paulo, SP – CEP 05621-030 – e-mail: ivtclub@ruralsp.com.br – Tel./fax: (011) 846-8348 (tratar c/Ane)

Foo Fighters
Foo Freak – A/C Alberto Cerqueira – Rua Camanducaia, 70, apt^{o} 23 – Carapicuíba, SP

Marisa Monte
Diariamente Marisa – Rua Celestino Júnior, 79 – Bairro São Francisco – Curitiba, PR – CEP 80510-100 – Tel.: (041) 223-6563

Nenhum de Nós
Paz e Amor – A/C Ana Carla Hahn – Avenida Hélio Maggi, 591 – Três Cachoeiras, RS – CEP 95580-000 – Tel.: (051) 667-1168

Raimundos
Fã-clube Raimundos de Santa Catarina – A/C Sandra Petermann – Caixa Postal 068 – Brusque, SC – CEP 88350-000

Rolling Stones
Você pode assinar uma lista brasileira de discussão sobre os Rolling Stones no site http://www.stones.com.br – Jair Motta

Skank
Skank Fã-Clube – Caixa Postal 47544 – São Paulo, SP – CEP 03563-570

U2
Far Away, So Close – A/C Aline da Silva Maria – Rua Quintão, 489 – Bairro Cascadura – Rio de Janeiro, RJ – CEP 21381-050

TROCO

Divulgação/Conviventa

Troco tudo por Matchbox 20

Matchbox 20
Tenho material nacional e importado de Aerosmith, Alanis Morissete, Hanson, Backstreet Boys e outros, troco tudo por material do Matchbox. Karla Thomas – Av. Blandina Ignês Julio, 86 – Osasco, SP – CEP 06050-120 – Tel.: (011) 7209-6354 ou 9271-2080

Titãs
Tenho materiais de Hanson, Backstreet Boys, Spice Girls e outros, troco por materiais dos Titãs. Juliana Pereira – Rua Getúlio, 266, apt^{o} 206 – Bairro Méier – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20771-000

VENDO

Backstreet Boys
Vendo material importado, também tenho de Spice Girls, All Saints e outros. Patrícia de Moura – Rua Saldanha Marinho, 707 – Duque de Caxias, RJ – CEP 25025-060

BIZZ/SHOWBIZZ
Coleção da revista BIZZ a partir do número 3 e da SHOWBIZZ completa, e vários especiais. Jair Ferreira – Tel.: (031) 9101-9926

BIZZ/SHOWBIZZ II
Edições 15, 22 e da 25 a 161. Cinco reais cada. Lúcia Helena Oliveira – Tel. (079) 222-3572

BIZZ/SHOWBIZZ
De 1988 a 1998. Pedido mínimo de vinte revistas. Também revista *Som Três* de 1986 a 1989. Ronaldo – Rua 4, 1099 – Rio Claro, SP – CEP 13502-580

SHOWBIZZ
Edições 127, 132, 136 a 139 e 145. Renata Fortes – Rua Duque de Caxias, 1434, apt^{o} 61 – Centro – Porto Alegre, RS – CEP 90010-281 – Tel.: (051) 224-1474

SHOWBIZZ II
Edição 140, com o Max Cavalera na capa, e os CDs coletânea SHOWBIZZ números 3 e 5. Vonaldo Mota – Rua da Independência, 18 – CEP 44570-000

Bon Jovi
Vendo pôsteres novos e antigos. Maria Luiza Tyler – Rua José Cobra, 302, apt^{o} 62 – Bloco Esplanada – Parque Industrial – São José dos Campos, SP – CEP 12237-000

Madonna
Pequeno arquivo da cantora, de 1986 a 1993. Tudo importado. Agnello Loureiro – Rua Desembargador Hermes Paraíba, 467 – Bairro Vila Velha – Fortaleza, CE – CEP 60330-140

Metallica
Alguns materiais importados, tenho também Ozzy Osbourne. Mandar selo para resposta. Amanda Guimarães – Rua das Laranjeiras, 363 – São Bernardo do Campo, SP – CEP 09820-480 – Tel.: (011) 753-6413

Escreva para SHOWBIZZ: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
e-mail: showbizz.atleitor@email.abril.com.br

Oasis
O VHS *There And Then* – Patrícia Dib – Rua Guian, 330, apt° 72 – Vila Campestre – São Paulo, SP – CEP 04330-090

Silverchair e Offspring
Materiais diversos sobre as bandas. Johnny e Johns – Rua Itambacuri, 119/11 – Bairro Carlos Prates – Belo Horizonte, MG – CEP 30710-480

Titãs
Material sobre a banda, também troco por algo que eu não tenha e por material sobre o Ira! – Patrícia Rose – Rua Doutor Goulin, 615 – Curitiba, PR – CEP 80040-280

Fãs querem vídeo da Alanis no Brasil

Alanis Morissette
Procuro *Programa Livre* com a cantora em 1996, e qualquer material sobre ela. Bruno Santos – QE 13, conjunto B, casa 25 – Guará II, DF - CEP 71050-021

Alanis Morissette e Nirvana
Fotos e reportagens. Silvana da Silva – Rua Catanduva, 71 – Barueri, SP – CEP 06447-130

Alanis Morissette e Spice Girls
Gravação do primeiro *Programa Livre* com ela, e fotos tiradas no primeiro e no segundo programas. Também procuro materiais importados sobre ela e as Spice Girls. Karine Amechino – Rua dos Carajás, 31/ 403 A – Bairro Méier – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20720-360 – Tel.: (021) 269-9518

Bon Jovi na TV
Cópia da fita do show do cantor no *Programa Livre*, no ano passado. Alda Fernandes – Avenida Juscelino de Oliveira, 1380, bloco H, apt° 2 – Cecap – Presidente Prudente, SP – CEP 19065-300

Tudo de Bon Jovi
Revistas SHOWBIZZ que tenham algo sobre a banda, tenho material do Sepultura e outras bandas para trocar. Fernanda Ferreira – Rua Emília Marques Ferreira, 131 – Bairro Morro Grande – São Paulo, SP – CEP 02811-100

Drugstore e No Doubt
Compro materiais dessas bandas, ou troco por materiais de outras. Fernando Santana – Rua Tiburno, 454 – São Paulo, SP – CEP 05223-100

Green Day
Qualquer material, desesperadamente. Juliana Ferreira – Av. Israel da Fonseca, 97 – Bairro Sapopemba – São Paulo, SP – CEP 03920-000 – Tel.: (011) 6703-4197 ou 6916-7653

Iron Maiden
Fita VHS com o show de Curitiba, transmitido pela MTV. Thiago Queiroz – Avenida 35 A, 104 – Ituiutaba, MG – CEP 38300-000 – Tel.: (034) 269-7150

Matchbox 20
Fita com os quatro clipes ou qualquer material em vídeo ou revista. Lívia Gueraldo - Rua Chico de Paula, 335, apt° 34 – Bairro Freguesia do Ó – São Paulo, SP – CEP 02926-000

Nirvana
Gravações do show no Hollywood Rock. Ana Terra dos Santos – Rua Plácido de Castro, 162 – Bairro Planalto – Manaus, AM – CEP 69040-170 – Tel.: (092) 656-4732

Prodigy
Desejo completar minha coleção de fotos, documentários e qualquer coisa a respeito do Prodigy – José Wilson – Rua Thomaz de Souza, 244 B – Jardim Monte Azul – São Paulo, SP – CEP 05836-350 – Tel.: (011) 5505-1665

Raimundos
O primeiro álbum, em CD ou LP. Braytner Queiroz – Rua Carlos Franco, s/n°. Bairro Industrial – Marilândia, ES – CEP 29725-000 – Tel.: (027) 724-1248

Spice Girls
O programa das Spice Girls que passou na Fox Kids, em dezembro de 1998, que consistia num show seguido de entrevista. David dos Santos – Rua Doutor Takeo Hashiba, 44 – Bairro Jaçanã – São Paulo, SP – CEP 02276-070

U2
Qualquer material relacionado à banda ou a seus integrantes, principalmente Bono. Alessandra Germano – SQS 403, bloco D, apt° 304 – Asa Sul – CEP 70237-040 – Brasília, DF – Tel.: (061) 225-4404

MÚSICOS

Banda de rock
Com material próprio e experiência em shows, procura vocalista. Contatos (011) 817-7164 e (011) 529-3474, com Vadin, ou (011) 817-7432 e (011)3758-0026, com Nelson Ferreira, ou também no e-mail: ferreira@net.ipen.br

Baterista em Irajá
Banda procura baterista experiente com influências de Rage Against The Machine e Biohazard, para divulgar CD recém-gravado, de preferência morador das imediações de Irajá (Zona Norte do Rio). Tel.: (021) 473-5502, com Pedro, ou pelo e-mail: inadim@ruralrj.com.br.

Influências brazucas
Guitarrista e violonista procuram baixista, tecladista, baterista e guitarrista. Também para trabalho próprio. Influências: Paralamas, Legião, Titãs, Skank. Idade: entre 13 e 16 anos. Maurício Testoni – Tel. (011) 291-1468 ou 6949-0429 (Marcel)

As regras para enviar seu anúncio:
O espaço é gratuito, mas sua mensagem não deve ultrapassar quarenta palavras. Não esqueça de colocar um telefone em que você possa ser encontrado durante o dia, para confirmarmos as informações, e dizer se deseja que ele seja divulgado. Sem isso seu anuncio não será publicado. SHOWBIZZ não se responsabiliza pelos anuncios.

EDITORA Abril

SHOWBIZZ

Em São Paulo:
Redação e Correspondência: Av. Nações Unidas, 7221, 9° andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel. (011) 3037-2000, fax (011) 3037-4909 - Caixa Postal 66157, CEP 05315-970 - São Paulo - SP

REPRESENTANTES NO BRASIL
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9° andar - sala 929 - Rio de Janeiro, RJ, CEP 20020-080 - Tel. (021) 220-3762
Bahia: AGMN Consultoria de Publicidade e Representações Ltda. - Av. Tancredo Neves, 805 - Ed. Espaço Empresarial, s/ 401 - Pituba - Salvador - BA - CEP 41820-021 - Tel/Fax (071) 341-4996/4992/1765
Brasília: Espaço Com. Int. e Repres. Ltda. - SCS Ed. Bucarat - conj. 170./6 - Brasília - DF - CEP 70309-900 - Tel. (061) 223-2134/7321 - 0305 - Fax (061) 323-5395
Campinas: Lumina Comunicação Ltda. - Rua Conceição, 233 - 26° andar - Sala 2604 - Campinas - SP - CEP 13010-050 - Tel. (019) 233-7175 - Fax (019) 232-7975
Ceará: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 - Sala 103 - Fortaleza - CE - CEP 60150-000 - Tel. (085) 254-.666/6045 - Fax (085) 23.-.761
Minas Gerais: M A M Publicidade e Repres. Comerciais - Av. Contorno, 8000 - Ed. Wall Street - sala 1101 - Belo Horizonte - MG - CEP 301 0-907 - Tel. (031) 335-8789 - 297-5657
Paraná: M L C Repres. Comerciais - Av. Candido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - Curitiba - PR - CEP 80530-905 - Tel. (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Recife: MultiRevistas Publicidade - Av. Dantas Barreto, 1186 - 15° andar - sala 1501 - Ed. San Rafael - Bairro São José - Recife - PE - CEP 50020-000 - Tel. (081) 424-3210
Ribeirão Preto: Internidia Repres. de Publicidade S/C Ltda. - Rua João Penteado, 164 - Ribeirão Preto - SP - CEP 14025-010 - Tel. (016) 635-9630 - Fax: (016) 635-9233
Rio Grande do Sul: Print St. - Al. Coelho Neto, 40 - 3° andar - Bairro Boa Vista - Porto Alegre - RS - CEP 91340-340 - Tel./Fax: (051) 328-1344
Santa Catarina: By Speranzini - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 131 - Cond. Village II - Bairro Lagoa da Conceição - Florianópolis - SC - CEP 88062-210 - Tel./Fax (048) 232-0519

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL
INTERESSE GERAL
VEJA • ALMANAQUE ABRIL • SUPERINTERESSANTE • INFORMÁTICA EXAME • GUIA ABRIL DO ESTUDANTE • SAÚDE
ECONOMIA E NEGÓCIOS
EXAME • VOCÊ S.A.
AUTOMOBILISMO E TURISMO
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS • VIAGEM E TURISMO • TERRA
ESPORTES
PLACAR
MASCULINAS
PLAYBOY • VIP EXAME
FEMININAS
CLAUDIA • ELLE • NOVA • MANEQUIM • PONTO CRUZ • CAPRICHO • BOA FORMA • ANA MARIA • HORÓSCOPO • CARICIA
DECORAÇÃO E ARQUITETURA
CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO • ARTE & DECORAÇÃO
ENTRETENIMENTO
CONTIGO • SHOWBIZZ

Revista Showbizz, Edição 163, fevereiro de 1999, é uma publicação especial da Editora Abril S.A. ISSN 0104-1649. **Assinatura:** sua satisfação é sua garantia. Você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem sofrer nenhum ônus. Mediante sua solicitação você terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido de acordo com o índice Folha aplicável. Com sua assinatura, seu nome passará ser incluído na lista de clientes preferenciais da Editora Abril, que poderá ceder a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção de produtos de seu interesse. Caso não queira fazer parte desta lista, escreva para: Editora Abril - Assinaturas, Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 - 4° Andar Freguesia do Ó - CEP 02909-900 - São Paulo - SP. **Números atrasados:** as seis últimas edições recolhidas mediante disponibilidade de estoque, no preço da última edição em banca mais custo de postagem, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Por email: dinap.na@email.abril.com.br, via Internet: http://www.dinap.com.br. Caixa Postal 2505, Osasco/SP - CEP 06053-990. Fone (011) 810 - 4800. Fax (011) 868-3018. Horário de atendimento: de 2ª a 6ª, das 8h às 21h30, sábado, das 8h às 13h. O pagamento poderá ser feito através de cheque nominal ou pelos cartões Visa, Credicard, Diners, American Express e Solo. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP S/A - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. Distribuidor em Portugal: Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa

ANER Central de Atendimento ao Assinante: Grande São Paulo 3090-2112, Demais localidades 0800-55-2112

IVC

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Letra Traduzida

Prince

O Artista ironiza o fim do mundo em clássico dos anos 80

1999

Don't worry, I won't hurt U
I only want U 2 have some fun

I was dreamin' when I wrote this
Forgive me if it goes astray
But when I woke up this mornin'
Coulda sworn it was judgment day
The sky was all purple,
There were people runnin' everywhere
Tryin' 2 run from the destruction,
U know I didn't even care

Refrão
'Cuz they say two thousand zero zero
party over, oops out of time
So tonight I'm gonna party like it's 1999

I was dreamin' when I wrote this
So sue me if I go 2 fast
But life is just a party, and parties weren't meant 2 last
War is all around us, my mind says
prepare 2 fight
So if I gotta die I'm gonna listen 2 my body tonight

Refrão
Lemme tell ya somethin'
If U didn't come 2 party,
Don't bother knockin' on my door
I got a lion in my pocket,
And baby he's ready 2 roar
Yeah, everybody's got a bomb,
We could all die any day
But before I'll let that happen,
I'll dance my life away

Refrão
Mommy – why does everybody
have a bomb?
Mommy – why does everybody
have a bomb?

1999

Não se preocupe, eu não vou machucar você
Eu só quero que você se divirta um pouco

Eu estava sonhando quando escrevi isso
Perdoe-me se eu me perder na história
Mas quando eu acordei essa manhã
Eu poderia jurar que era o dia do Juízo Final
O céu estava todo púrpuro
Pessoas corriam por todos os lados
Tentando fugir da destruição
Sabe, eu nem liguei

Refrão
Porque eles dizem: dois mil zero zero,
a festa acabou
opa, tempo esgotado
Então hoje à noite eu vou festejar
como se fosse 1999

Eu estava sonhando quando escrevi isso
Então me processe se for rápido demais
Mas a vida é uma festa e festas não
foram feitas para durar
A guerra está à nossa volta, minha mente diz:
"Prepare-se para a luta"
Então se tiver que morrer,
ouça meu corpo esta noite

Refrão
Deixe-me dizer algo
Se você não veio festejar
Não se dê ao trabalho de bater à minha porta
Eu tenho um leão no bolso
E, baby, ele está pronto para rugir
Sim, todo mundo tem uma bomba
Todos poderíamos morrer um dia desses
Mas antes que eu deixe que isso aconteça
Eu vou dançar pela vida afora

Refrão
Mamãe – por que todos têm uma bomba?
Mamãe – por que todos têm uma bomba?

Dançando no apocalipse

O quinto disco de Prince Rogers Nelson, *1999*, de 1982, era o primeiro de vários trabalhos duplos, que emplacou, além da faixa-título, "Little Red Corvette" e "Delirious". Em "1999", o hoje recém-quarentão brinca com a profecia de que o mundo acabaria no ano 2000, e recomenda que todos se divirtam antes que seja tarde. Já que 1999 chegou e o mundo não acabou, a canção foi remixada e relançada como single pela Warner, antiga gravadora de Prince. Para concorrer com os ex-patrões e desafetos, O Artista também regravou a música e lançou um single por sua própria companhia, a NPG.

© Direitos cedidos para o Brasil a WARNER CHAPELL EDIÇÕES NACIONAIS MUSICAIS LTDA. Rua Gal. Rabelo, 43 - Rio de Janeiro Brasil Todos direitos reservados

REVISTA SHOWBIZZ

SHOWBIZZ ESPECIAL

Bob Marley

o ídolo inesquecível

Edição para ler e guardar

BIOGRAFIA COMPLETA
A incrível história do Rei do Reggae

DISCOGRAFIA COMENTADA:
Todos os álbuns que consagraram a música jamaicana

PÔSTER EXCLUSIVO
A última foto de [illegible] com [illegible]

Apenas R$ 8,50

Grátis, CD com os maiores clássicos do gênio do Reggae

Bob Marley

vida, paixão e mito

EDITORA Abril

A marca do Kid

O sax de George Israel é a cara do grupo de Paula Toller

O único sax do pop brasileiro

Fernando Lemos

"Fazer amor de madrugada, pa-rá-rá-ráá, pa-rá-rá-rá, amor com jeito de virada." Não tem jeito: ainda que a voz de Paula Toller seja uma marca registrada do pop nacional, o Kid Abelha é igualmente identificável a milhas de distância pelo saxofone de George Israel, que integra o trio ao lado da loura e do guitarrista Bruno Fortunato. Depois de mais de quinze anos de banda, o hoje co-produtor e eventual cantor e violonista não se esqueceu disso. "Quando estávamos gravando o disco (Autolove, *que atipicamente não é muito recheado dos sons do instrumento*), o Memê (*Marcelo Mansur, que produziu algumas faixas*) mostrou uma faixa para mim e disse: 'Bota aí um sax bem Kid Abelha, vai' ", diverte-se George.

Ao contrário do que se pode pensar, o rapaz de costeletas não resolveu se dedicar ao instrumento pelas razões mais freqüentes, a paixão pelo jazz ou a vontade de impressionar o sexo oposto. "Eu tocava violão, tinha até uma banda com o Roberto Frejat, que depois formou o Barão Vermelho", lembra ele. Quando terminou o colégio, George passou meses viajando. Um dia, em Lausanne, na Suíça, ele ouviu uma banda tocando em um porão. "Eu estava na maior fissura de tocar, desci e me apresentei, na cara-de-pau", lembra ele. O único instrumento disponível era um sax. Mesmo sem ter conseguido tirar muito som, George se empolgou com a peça dourada e procurou um professor, o que só conseguiu em Genebra, cidade próxima a Lausanne. "Tive umas três aulas e ele me emprestou um sax, mas na pensão em que eu morava não se podia tocar. Então, como fazia um frio dos diabos, eu praticava em cabines telefônicas", conta.

Afora esse início, George não estudou muito. Ele só teve aulas anos depois, já no Brasil, com o argentino Gustavo Contreras. "Nunca quis ser um virtuoso, sempre sonhei em compor, e gostei do diferencial do sax, já que poucas bandas pop brasileiras da época usavam sopros", avalia. A frase musical de "Pintura Íntima", um dos clássicos do Kid, ele define como "um riff repleto do som de quem toca mal".

Ao longo do tempo, porém, George foi aprendendo elementos do saxofone nos diversos estilos, como o jazz, o blues e o rythm'n'blues. "Estudei um pouco de chorinho, que é onde está a tradição brasileira do instrumento, em gente como Pixinguinha e K-Ximbinho", conta ele. Por sua sofisticação – já que se trata de um filho da polca com o samba, passando pelas raízes do jazz –, o estudo do choro é recomendado por George para quem se interessa por sax. Ele tem o instrumento em suas três versões, alto, tenor e barítono, e escolheu o primeiro (ao lado do violão, que é de onde saem as composições) como titular. "Às vezes deixo o sax para o fim e fico sujeito a comentários como o de Ezequiel Neves *(lendário jornalista e produtor do pop brasileiro)*, que disse uma vez que eu estava me omitindo", ri George.

Bernardo Araujo

Cravo

Parente barroco do piano

Parece um piano, mais estreito e formado por ângulos retos. Mas, em vez de percutidas por martelos, suas cordas são "beliscadas" por unhas. É preciso cuidar quase diariamente da afinação: são pelo menos 189 cordas, de fios de aço e latão. "As unhas precisam ser sempre substituídas", explica Rosana Lanzelotti, um dos principais nomes do instrumento no Brasil. Não existe pauta formal, tudo é improvisado a partir de cifras, como no jazz. Essencial no período barroco, o instrumento teve obras escritas por Bach, Haendel e Scarlatti. Sua primeira referência vem da Holanda do século 14. Por 300 anos orquestras, óperas e a música palaciana não viviam sem ele. Quando o piano surgiu, no fim do século 17, começou a perder terreno. Só voltou a ser produzido seguindo o design barroco nos anos 50.

Presença no pop
"My Life", The Beatles
"Time", King Diamond
"Siberian Khatru", Yes

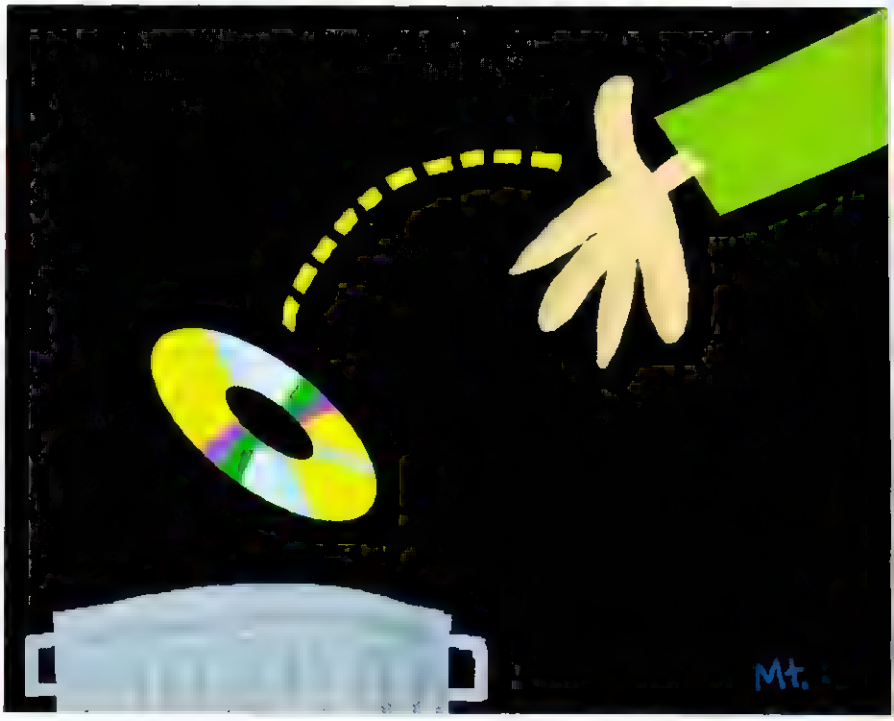
SET exibe os prazeres do cinema.

Deu para perceber?

EDITORA PEIXES

Para acabar com a raça do CD

Com o ilegal MP3 pode-se conseguir qualquer música, absolutamente de graça



Quem olha um disco de vinil pode reconhecer as faixas, aquelas listas mais escuras, separadas por linhas finas, que caracterizam sulcos um pouco mais profundos. Em um cassete ou CD já não se pode ver ou tocar em cada uma das canções, mas pelo menos as músicas estão ali, na mão. No último grito em termos de formato musical, os arquivos MP3, "Daughter", do Pearl Jam, em sua nova versão ao vivo, ou o clássico "Blowin' In The Wind", de Bob Dylan, nada mais são do que pequenos ícones na tela do computador, atingíveis apenas pela setinha do mouse. Virtualmente qualquer canção já gravada (ou pirateada) está à disposição na rede. Ilegalmente, é claro.

O MP3, ou MPEG1 Layer III, sigla complicada a respeito de uma distribuição de arquivos em três camadas, nada mais é do que um avanço em relação aos antigos arquivos *wav*, o mesmo tipo do CD tradicional (e, parece, a caminho da extinção) há tempos disponíveis na Internet. A qualidade do som é quase idêntica à de um CD – cerca de 1% de perda – e o tamanho do arquivo é doze vezes menor do que um *wav*. Isso significa que um disquinho pode arquivar cerca de 160 músicas, se for levada em conta a média de 4 mega por canção. Mas as faixas pescadas na Internet não precisam ir para um CD, elas podem ficar no computador. É muito simples: basta ir em um site (*veja dicas a seguir*) e clicar na opção *donload* da canção desejada. Imediatamente ela é copiada para o computador. Para ouvir a música é necessário um programa próprio (o winamp é o mais popular), disponível em qualquer página que tenha MP3. A opção do CD é apenas para quem tem gravadores a laser e serve para não ocupar muita memória no computador. Também é possível, para os felizardos possuidores do equipamento, montar qualquer coletânea. Basta buscar o arquivo MP3 na Internet, convertê-lo de volta para *wav* e "queimar" as faixas em um CD virgem. Por enquanto só se pode ouvir música em arquivos MP3 no computador, mas já existem (ainda não disponíveis no mercado nacional) o MP3man, espécie de walkman com um cartão de memória onde se pode guardar arquivos, e uma versão para aparelhos de som em carros.

Além das páginas a respeito do programa, os sites de bandas (principalmente os coordenados por fãs) estão repletos de arquivos em MP3, para desespero dos próprios artistas, que têm seu trabalho consumido sem ganhar um centavo. Nos Estados Unidos houve muitos protestos de bandas e gravadoras no início, mas agora a legitimidade desse tipo de pirataria já está sendo discutida. Existe um projeto das grandes gravadoras para apresentar uma alternativa legal que permita a distribuição de música via Internet até o final do ano. Um dos primeiros a aderir foi o cantor, guitarrista e produtor Dave Stewart, ex-Eurythmics. "O fato de a música que compus e joguei na rede poder ir parar no computador de alguém em Ohio e de lá para um gravador de CD... Eu deito na cama e fico pensando nisso", diz, sonhador. Enquanto James Hetfield, do Metallica, ou Noel Gallagher, do Oasis, arrancam os cabelos pensando como vão pagar o tratador da piscina no mês que vem, bandas que ainda não têm contrato fazem a festa, colocando suas demos à disposição na rede. "Deve ter gente ouvindo o nosso som lá no Gabão", diverte-se Léo Guima, baixista do grupo de punk rock carioca Calvins (members.xoom.com/Calvins_HP). A banda americana Soul Coughing colocou em sua página na Internet uma promoção chamada "O MP3 do Mês". A cada trinta dias os fãs podem resgatar, com a autorização dos músicos, uma faixa rara ou uma versão ao vivo.

Bernardo Araujo

Onde encontrar

http://www.mp3.com
Imenso site americano onde se pode procurar as músicas por gêneros. Da para passar semanas se divertindo

http://www.centralmp3.com.br/index.htm
Belo site em português, explica tudo a respeito do programa. Apresenta eventuais problemas de conexão

http://www.iis.fhg.de/amm/techinf/coding/layer3/
Para os mais interessados no lado técnico, a página oficial dos criadores do algoritmo que deu origem ao monstrinho.

TODA GATINHA ADORA UM SOM

Axé, pop music, rock pauleira, rap, reggae, samba... Não importa a preferência musical. Cada gatinha tem uma trilha sonora toda sua para os momentos marcantes. Mas, quando se fala em revista, a preferência de todas as meninas é Carícia. Porque Carícia tem um jeito muito especial de levantar o astral, dar toques importantes e mostrar o melhor da vida, em todos os momentos.

É A REVISTA CARÍCIA!

TODA GAROTA PODE CONTAR COM ELA

Quinzenalmente nas bancas

Abril

Moleque tinhoso

Aos 20 anos, Van Morrison comandava a melhor banda de bar de todos os tempos

Them: John Wilson (bateria), Ray Elliott (teclados e sax), Alan Henderson (baixo), Van Morrison (vocais) e Jim Armstrong (guitarra)

Reprodução

Performance

Ano de lançamento: 1966
Produção: Tommy Scott
Músicas: "Could You Would You" • "Something You Got" • "Call My Name" • "Turn On Your Love Light" • "I Put A Spell On You" • "I Can Only Give You Everything" • "My Lonely Sad Eyes" • "I Got A Woman" • "Out Of Sight" • "It's All Over Now, Baby Blue" • "Bad Or Good" • "How Long Baby" • "Hello Josephine" • "Don't You Know" • "Hey Girl" • "Bring' Em On In" • "One More Time" (U.S. version)

Saiu em janeiro de 1966 na Inglaterra e vendeu pouco. Nos EUA, porém, rendeu uma temporada de duas semanas no Whisky A Go Go, em Los Angeles, onde aconteceu um mitológico encontro com Van Morrison e Jim Morrison. Todas as faixas deste álbum estão na coletânea *The Story Of Them Featuring Van Morrison* (Deram, 1997).

Them Again
Them

O texto da contracapa na edição original alertava: "Van Morrison, o cantor do Them, às vezes deixa as pessoas desesperadas, querendo arrancar os cabelos... É rabugento, imprevisível, perverso ou simplesmente teimoso – mas sempre criativo. Nas sessões de gravação, quando lhe pedem para mudar a divisão ou acelerar o tempo de uma música, ele diz com calma rebeldia: 'Não! Eu sempre canto desse jeito... o jeito que eu sinto'. E ele está invariavelmente certo". Mal tinha feito 20 anos, o moleque já era impossível.

Algumas enciclopédias pop consideram que o melhor disco do Them é o primeiro, *Angry Young Them* (ou *Them*), que tem a clássica "Gloria". Mas é neste segundo LP, *Them Again*, que o quinteto formado em 1963, em Belfast, Irlanda do Norte, assume sua verdadeira vocação de banda de boteco. Aqui ele mostra que não deve nada ao que Stones e Animals faziam na época.

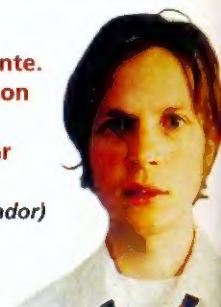
Beck chupa três faixas deste disco em seu festejado álbum *Odelay*, de 1996. O hit "Devil's Haircut" usa a célula rítmica do Them interpretando "Out Of Sight" (de James Brown) e se apóia inteiramente no riff de guitarra com efeito fuzz de "I Can Only Give You Everything". Composta pelo produtor Tommy Scott com Phil Coulter, "I Can Only..." decola exatamente a partir de "Satisfaction" (tem até *"I try and I try"*) em direção ao maravilhoso mundo do rock de garagem. "Jack-Ass", de Beck, repete a frase do órgão da versão do Them para "It's All Over Now, Baby Blue", clássico de Bob Dylan que Van canta como ninguém.

Envolto em confusões com empresários, o Them tinha uma formação instável e gravava com o reforço de músicos de estúdio, não creditados. Jimmy Page é suspeito de abrilhantar o blues "Bring' Em On In" e o balanço soul "Something You Got".

A marca de Van Morrison está logo na primeira faixa, "Could You Would You". Nos breques, Van entra matador, puxando os mais expressivos "hmmms" já ouvidos no pop e injetando sexo numa letra ultra-romântica. Em "My Lonely Sad Eyes", ele paira sobre violão e órgão Hammond B-3. Faz misérias com o ritmo, acelerando, freando e dividindo inesperadamente uma letra (dele mesmo) que é lirismo refinado. "*Throw me a kiss/ Across a crowded room/ Some sunny windswept afternoon/ Is none to soon for me to miss/ My sad eyes*" – o crítico americano Lester Bangs comparou a música desses versos a Dylan Thomas. Mas era apenas Van, começando.

Pedro Só

"Este disco foi uma descoberta fascinante. Além da abençoada voz de Van Morrison ainda garoto, tem timbres e arranjos impressionantes. Eu não poderia deixar passar em branco."
(Beck Hansen, cantor, compositor e sampleador)

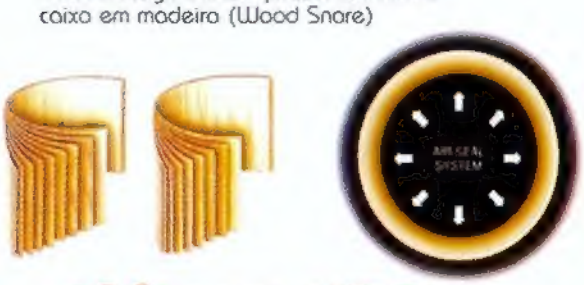


A Yamaha apresenta a nova Stage Custom.

A Yamaha incorporou toda a sua experiência adquirida em décadas fabricando baterias, em todos os aspectos da série Stage Custom. O resultado é um set de bateria de qualidade profissional, com uma sonoridade fantástica, por um preço totalmente acessível.

Todos os cascos de madeira

A nova Stage Custom possui também a caixa em madeira (Wood Snare)

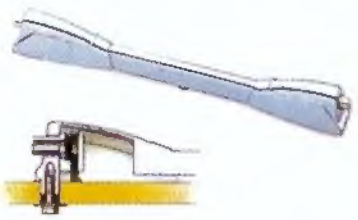


Cascos de Birch e Mogno

Uma camada externa de Birch e uma camada interna de Folkata combinada com folhas de Mogno. Todos as camadas são compactadas com o exclusivo sistema Air-Seal para a formação do Casco. Este método único proporciona um casco de formato cilíndrico perfeito, resultando em máximo durabilidade e qualidade excepcional de timbres.

Canoas de alta tensão

Incorporando um design de encaixe de parafuso sem mola, possibilita um ajuste c tensão na canoa sem ruídos, semelhante c sistema da nossa bateria Recording Custor (Canoas fabricadas em uma peça única).



Sistema esférico de montagem e Clamp

A grande esfera de resina fixada com uma robusta cavilha vem providenciando aos bateristas um posicionamento dos tons extremamente flexível e estável há 20 anos. Uma placa de retenção interna colocado embaixo da cavilha assegura uma estabilidade impressionante que suporta os performances mais rigorosas.

Color Finishes

QY70 Um conjunto de grande versatilidade

Music Sequencer

By Douglas Las Casas

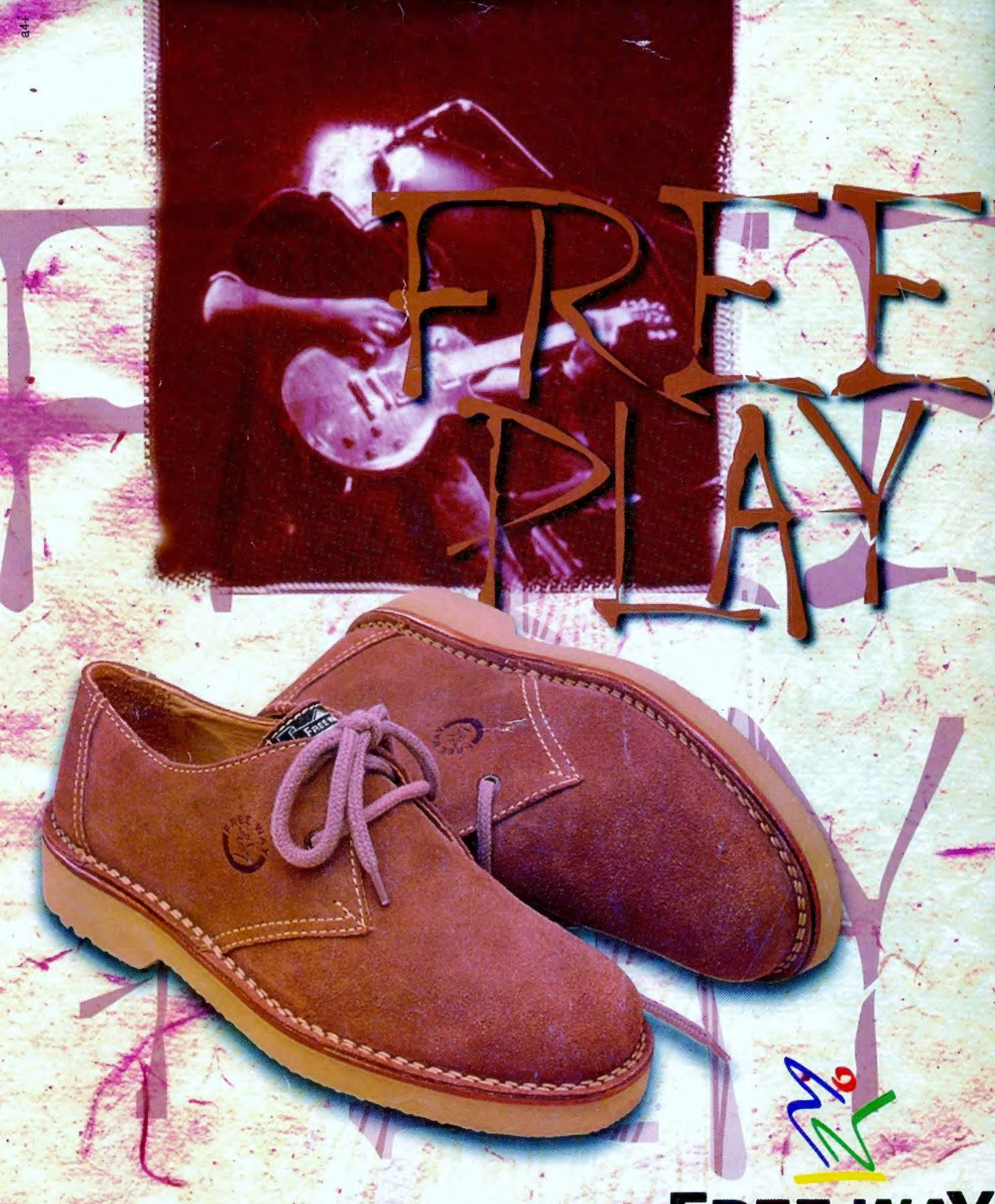
Hoje em dia, a importância de se estudar com metrônomo e de ter um bom equipamento para os estudos, é tão grande como o de ter um bom instrumento.

O QY 70 é isso, um sequencer versátil e rápido, pois não preciso ficar compondo "paterns" para estudar ou dar aulas.

Cada patern já vem com 6 partes (Introdução, Parte A, Parte B, Fill A/B, Fill B/A, e um final). Tudo já está pronto, nos mais diversos estilos. Ao invés de ficar estudando apenas com o "Click", escolho um estilo, solto um patern, tornando o meu estudo mais agradável e musical, pois a musicalidade que você cria estudando com o QY70 é muito grande. É como se eu tivesse uma banda para estudar junto em tempo integral.

REVENDEDORES AUTORIZADOS:
DISCONILDO (021) 671-2919 - Rio de Janeiro • **FOX TROT** (071) 358-8313 - Salvador • **MADE IN BRAZIL** (011) 3061-3131 - São Paulo • **MIL SONS** (051) 221-0410 - Porto Alegre • **PLAYTECH** (011) 250-0505 - São Paulo • **TANGO** (011) 3064-0600 - São Paulo • **TOCA SOM** (081) 465-7093 - Recife • **TRAVIATA** (012) 322-7133 - São José dos Campos

YAMAHA
YAMAHA MUSICAL DO BRASIL



FREE WAY
BOOTS & SHOES
016. 720 0655
www.freeway.ind.br